



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
LABORATÓRIO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM JORNALISMO**

CLEYTON CARLOS TORRES FERREIRA DA SILVA

**O DISCURSO MÊMICO NA CONSTRUÇÃO DE NOVAS
LINGUAGENS SOBRE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA
ATRAVÉS DE MÍDIAS SOCIAIS**

**CAMPINAS,
2017**

CLEYTON CARLOS TORRES FERREIRA DA SILVA

**O DISCURSO MÊMICO NA CONSTRUÇÃO DE NOVAS
LINGUAGENS SOBRE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA
ATRAVÉS DE MÍDIAS SOCIAIS**

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem e Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre em Divulgação Científica e Cultural, na área de Divulgação Científica e Cultural.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Pereira Dias

Este exemplar corresponde à versão final da Dissertação defendida pelo aluno Cleyton Carlos Torres Ferreira da Silva e orientada pela Profa. Dra. Cristiane Pereira Dias

**CAMPINAS,
2017**

Agência(s) de fomento e n°(s) de processo(s): Não se aplica.

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Crisllene Queiroz Custódio - CRB 8/8624

Torres, Cleyton Carlos, 1984-

T636d O discurso mêmico na construção de novas formas de linguagem sobre divulgação científica através de mídias sociais / Cleyton Carlos Torres Ferreira da Silva. – Campinas, SP : [s.n.], 2017.

Orientador: Cristiane Pereira Dias.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Memes. 2. Redes sociais on-line. 3. Mídia social. 4. Análise do discurso. 5. Divulgação científica. 6. Linguagem e internet. I. Dias, Cristiane Pereira, 1974-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: The memic discourse on the construction of new forms of language on scientific dissemination through social media **Palavras-chave em inglês:** Memes

Online social networks

Social media

Discourse analysis

Scientific divulgation

Language and the Internet

Área de concentração: Divulgação Científica e Cultural

Titulação: Mestre em Divulgação Científica e Cultural **Banca examinadora:**

Cristiane Pereira Dias [Orientador]

Marcos Aurélio Barbai

Greciely Cristina da Costa

Data de defesa: 08-08-2017

Programa de Pós-Graduação: Divulgação Científica e Cultural



BANCA EXAMINADORA

Cristiane Pereira Dias

Marcos Aurélio Barbai

Greciely Cristina da Costa

**IEL/UNICAMP
2017**

Ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA – Sistema de Gestão Acadêmica.

A Glaucon Kleber, sempre. *In memoriam.*

Agradecimentos

Formular um agradecimento final em uma pesquisa a nível de mestrado seria injusta, dentre tantos outros aspectos, com a minha memória. Seria pedir, implorar quase à exaustão, que eu me recordasse de cada rosto, cada nome, cada ajuda, cada socorro oferecido. Se cá estou escrevendo um espaço dedicado aos “agradecimentos”, é sinal que a pesquisa, enfim, foi concluída por ora. Não finalizada, pois inquietações e reflexões ainda permanecem para, quem sabe, futuras discussões, mas se estou, aqui, finalizando tal tópico, já é um sinal, por si só, de um agradecimento sincero. Lembrar, agora, de todos, seria injusto demais com aqueles que, com toda a certeza que rege esse mundo sem regras, eu esqueceria. Porém, é possível delimitar tal círculo para que, em uma linha direta de agradecimentos, seja possível citá-los.

À minha mãe, pelo incansável apoio dedicado integralmente em sua vida aos filhos. Agradeço pelo entendimento das minhas ausências cometidas em nome da pesquisa, em nome da dissertação. Espero, sinceramente, que tal esforço tenha valido a pena com esse trabalho, rumo à uma titulação jamais alcançada ou sonhada por uma família que não teve a oportunidade de se dedicar a algo que se referisse à academia. É um passo dentre tantos outros que serão dados, sempre honrando os valores repassados a mim.

À minha esposa, pela enorme paciência oferecida (mesmo sabendo que ela já havia se esgotado há muito tempo). Agradeço o apoio, também integral, mesmo não possuindo qualquer noção sobre o que essa pesquisa se trata, sobre o porquê navegar no Facebook poderia interessar a alguém que quer se tornar mestre. As horas difíceis e delicadas, sem entender o porquê isso nunca terminara, estão aqui, em resultado final. Apesar de imersos em um mundo digital, a pesquisa, quando impressa, ganha vida, ganha alma. E aqui está ela, por inteiro, de corpo e alma.

À minha orientadora, um agradecimento especial não pelo trabalho de orientação, mas sim pela condução a um universo nunca antes explorado e que, com a mais absoluta sinceridade, eu achava que iria abandonar ao final do percurso. Agradeço o trabalho de mentoria, não em dizer o que é certo ou errado, pois o mundo não é dicotômico, mas por demonstrar a paixão necessária com a qual professores e pesquisadores investem uma vida toda em temáticas em que muitos sequer imaginam que existam.

Um agradecimento também, mesmo que há muito afastado de mim, ao professor e amigo Marco Bonito, por despertar em mim, ainda nos bancos de graduação, ainda moleque, ainda mais imaturo do que hoje, o universo da academia. Espero que sua aposta, feita há mais de 10 anos, tenha surtido efeito. Espero que sinta a sementinha tenha sido plantada.

E, por fim, um agradecimento enorme não aos professores em específico, não às disciplinas cursadas, não aos livros e artigos lidos, não às estruturas, mas à Universidade Estadual de Campinas, a Unicamp, por possuir esse “Q” de magia que ninguém entende, que ninguém consegue expressar, apenas vivenciar e sentir cada momento único. Um agradecimento especial a todos da Unicamp, em suas mais diversas posições e hierarquias, por demonstrar como é viver em um mundo de diferenças, em um mundo absolutamente contraditório, porém inesquecível, único, encantador. Meu maior aprendizado dentro da melhor universidade da América Latina não se deu de forma institucionalizada, linear, dicotômica, mas sim como forma de experimentar a vida, de poder experimentar o que é a experiência humana.

*Pra quem nem sequer gostava de memes,
até que eles se tornaram bem interessantes.*

RESUMO

A mediação entre o universo da ciência e o universo daquele que lê, o público leitor, aquele afastado do seio da produção da ciência e que obtêm informações a respeito do tema “ciência” através de canais institucionalizados, como a imprensa, sempre foi um dos principais pontos da divulgação científica, porém com o avanço dos canais digitais conectados em rede, essa mediação de informações da comunidade científica para o público leigo ganhou contornos diversificados, como a divulgação de conteúdo de caráter científico em forma de memes por não jornalistas via plataformas de redes sociais, meios que fazem uso dos memes como elementos narrativos na construção de novas configurações de linguagens sobre divulgação científica. Com o objetivo de compreender como essas formas de linguagem podem advir de redes sociais e blogs, essa pesquisa tem como *corpus* a página no Facebook *I fucking love Science*, que faz uso desse “discurso mêmico” para divulgar na rede social informações de caráter científico através de memes, formatos de mensagens característicos do meio digital e que utilizam, geralmente, imagens e um tom de ironia, além de montagens propositalmente grotescas. Memes também podem ser classificados como unidades de informação, unidades significativas (ORLANDI, 1995), unidades complexas de significação (ORLANDI, 1982), formadas por texto, imagem, vídeo e áudio, simultaneamente ou de maneira isolada, que são criadas e difundidas dentro do ambiente digital online. O discurso mêmico tendo a materialidade digital como espaço de significação (DIAS, 2012), considerando materialidade não de maneira empírica, mas como processo em que ideologia, língua e inconsciente se relacionam no discurso (DIAS, 2009; 8), atua em um espaço material onde os sentidos circulam e se constituem (idem) de maneira a deslocar a relação entre sujeito, língua, imagem e sentido. Ao se relacionarem entre pares sobre dado assunto e atravessados pelo discurso mêmico, na forma material de memes na materialidade do digital, o sujeito desliza seu relacionamento com a língua e com o conhecimento, já que “a linguagem é, pois, o eixo central da produção de todo e qualquer conhecimento sobre si, sobre o mundo, através da tecnologia (DIAS, 2009; 9). Em uma análise com base na Análise do Discurso (AD), o destaque não se dá no texto do meme e nem na imagem (ou vídeo, montagem, etc.), mas no sentido que cada um produz. O importante a ser ressaltado, nesse ponto específico, não seria o formato em si, mas o efeito de sentido que o usuário produz ao produzir a leitura do meme. O *corpus* escolhido, desse modo, situa-se em uma página criada em uma rede social em 2012, portanto, muito recente, e que visa divulgar

informações científicas através de mensagens que se apropriam, entre outros pontos, mas em grande parte, de componentes mêmicos, que rompem com a forma de leitura sobre ciência já posta, onde se estabelecem novos gestos de leitura dos acontecimentos, muitas vezes divergentes das posições institucionais, fazendo com que os sujeitos assumam uma posição-sujeito, inscritos em uma dada formação discursiva (DIAS; COELHO, 2012).

Palavras-chave: Memes. Análise do discurso. Divulgação Científica. Discurso mêmico.

ABSTRACT

The mediation between the universe of science and the universe of the reader, the reader, the one who moves away from the production of science and who obtain information about the theme of science through institutionalized channels, such as the press, has always been one of the Main points of scientific dissemination, but with the advancement of digital channels connected to the network, this mediation of information from the scientific community to the lay public has gained diverse contours, such as the dissemination of scientific content in the form of memes by non-journalists via Social networks, means that make use of the memes as narrative elements in the construction of new configurations of languages on scientific divulgation. In order to understand how these forms of language can come from social networks and blogs, this research has as corpus Facebook page I fucking love Science, which makes use of this "discourse" to disseminate scientific information through the social network through Of memes, message formats characteristic of the digital medium and that usually use images and a tone of irony, in addition to purposely grotesque montages. Memes can also be classified as units of information, meaningful units (ORLANDI, 1995), complex units of signification (ORLANDI, 1982), formed by text, image, video and audio, simultaneously or in isolation, that are created and disseminated within of the online digital environment. The memetic discourse having digital materiality as a space of signification (DIAS, 2012), considering materiality not in an empirical way, but as a process in which ideology, language and unconscious are related in discourse (DIAS, 2009; 8), acts in a space Material where the senses circulate and constitute (idem) in order to displace the relation between subject, language, image and sense. By relating between pairs on a given subject and traversed by memetic discourse, in the material form of memes in the materiality of digital, the subject slides his relationship with language and knowledge, since "language is therefore the central axis of Knowledge of the world, through technology (DIAS, 2009; 9). In an analysis based on Discourse Analysis (AD), the highlight is not in the text of the meme and neither in the image (or video, montage, etc.), but in the sense that each one produces. What is important to be emphasized at this specific point would not be the format itself, but the effect of meaning that the user produces in producing the meme reading. The chosen corpus, therefore, is located on a page created in a social network in 2012, therefore very recent, and which aims to disseminate scientific information through messages that appropriate, among other things, but largely components Which break with

the form of reading about science already set, where new gestures of reading of the events, often divergent of the institutional positions, are established, causing the subjects to assume a subject-position, inscribed in a given discursive formation (DIAS; COELHO, 2012).

Keywords: Memes; discourse analysis; scientific divulgation; memetic discourse.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – <i>Ifucking love Science</i>	20
Figura 2 – Meme Tesla	72
Figura 3 – Meme Darwin na praia	73
Figura 4 – Meme Darwin mágico	74
Figura 5 – Meme Amor	78
Figura 6 – Meme Amor – cérebro	80
Figura 7 – Meme cérebros	82
Figura 8 – Meme love	84
Figura 9 - Meme May the fourth	93
Figura 10 – Meme May the F-MA	93
Figura 11 – Meme Tartaruga de chapéu	94
Figura 12 – Meme Árvore tregasms	94
Figura 13 – Meme Crocodilo sorridente	93
Figura 14 – Meme Tabela periódica	96
Figura 15 – Meme Bones	97
Figura 16 – Meme Starbucks	98
Figura 17 – Meme Chemistry	99
Figura 18 – Meme Scientific valentine's	99

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Classificação do formato das publicações	30
---	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Número de <i>likes</i>	31
Gráfico 2 – Número de compartilhamentos e comentários	33

SUMÁRIO

Introdução	15
1. O universo do <i>corpus</i>	20
1.1. Apresentação do objeto da pesquisa	22
1.2. Os movimentos do <i>corpus</i> na página <i>I fucking love Science</i>	28
2. O universo da divulgação científica	37
2.1. Fazer e dizer o que se faz	42
2.2. A divulgação contemporânea de ciência	46
2.3. A divulgação de ciência nos parâmetros digitais	49
3. O universo mêmico	53
3.1. Os memes	56
3.2. O cenário dos memes no digital	61
3.2.1. Mais memes	63
3.3. Da análise	70
Considerações finais	85
Referências	87
Anexo I	93
Anexo II	99

Introdução

A mediação entre o universo da ciência e o universo daquele que lê, o público leitor, aquele afastado do seio da produção da ciência e que obtêm informações a respeito do tema “ciência” através de canais institucionalizados, como a imprensa, sempre foi um dos principais pontos da divulgação científica. No cenário atual, com uma presença cada vez mais significativa da internet no dia a dia da sociedade, novos contornos estão sendo traçados, como a divulgação de conteúdo de caráter científico em forma de unidades meméticas (memes) por não jornalistas via plataformas de redes sociais, meios que fazem uso do discurso mêmico como elementos da narratividade¹ na construção de novas configurações de linguagens da divulgação científica.

Meme, do ponto de vista discursivo, pode ser classificado como um objeto simbólico que demanda um gesto de interpretação. As montagens propositalmente grotescas (no sentido de “não higiênicas”, como se dá a divulgação sobre ciência tradicional) somadas ou não a frases que circulam, principalmente, nas redes sociais, possuem uma forma material específica que não se reduz à relação da imagem com esse texto. A complexidade do meme está em sua formulação, circulação, reformulação. Nessa sua “versificação”, nessa produção de versões (ORLANDI, 2001), o meme traz a replicação, uma replicação do mesmo e do diferente, paráfrase e polissemia (ORLANDI, 1998), uma fundamental característica de sua complexidade. O meme, desse modo, é uma forma de linguagem fundamentalmente específica do espaço e contexto digitais, produzindo significações, unidades significativas, unidades de informação (ORLANDI, 1995a), formas materiais do discurso mêmico na materialidade do digital.

Desse modo, com o objetivo de compreender como essas novas formas de linguagens circulantes, sobretudo em redes sociais e blogs, funcionam, produzem significação, essa pesquisa procurou observar os efeitos que o discurso mêmico produz para a divulgação científica, se há ou não deslocamentos e como se dá a divulgação sobre ciência no discurso mêmico. Trazemos, com isso, como *corpus*, a página no Facebook *I fucking love Science*, que faz uso desse discurso mêmico para divulgar na rede social

¹ Orlandi (2014; 79) traz a definição de narratividade como sendo “a maneira pela qual uma memória se diz em processos identitários, apoiados em modos de individuação do sujeito, afirmando/vinculando (seu ‘pertencimento’) sua existência a espaços de interpretação determinados, consoantes a específicas práticas discursivas”.

informações de caráter científico (que trazem temáticas que giram em torno da ciência e tecnologia) através do uso de memes. A observação de limites e possibilidades dessa “nova forma” de divulgação sobre ciência em ambiente digital conectado é o eixo central dessa pesquisa, que visa analisar a partir de formas não institucionalizadas de divulgação científica a possibilidade de se criar um pensamento acerca de uma outra “escrita de divulgação científica”, uma versão, um deslocamento na divulgação científica institucionalizada, uma “versificação”.

Com o fluxo informacional de mensagens criadas pelos sujeitos que usam as redes sociais (usuários, na terminologia da informática) e que são recriadas a todo instante, os membros de uma determinada rede social são interpelados por essas unidades de sentido e começam a estabelecer (produzir) sentidos próprios, atribuindo significados variados, independentemente da mensagem publicada inicialmente. Na produção da leitura de um meme cada discurso produz um sentido, uma alternativa, uma hipótese a partir de uma perspectiva, e nunca uma significação única.

Em uma análise com base na Análise do Discurso (AD) de linha francesa, o destaque não se daria no texto do componente mêmico e nem na imagem (ou vídeo, montagem, etc.), mas no discurso que cada um trabalha para si (interpretação) e para o outro (sentido que ele projeta aos demais, construído sempre numa relação, não fixo). O importante a ser ressaltado, nesse ponto específico, não seria o formato em si, mas a interpretação produzida pelo sujeito que o discurso produz ao significar o meme, dadas as condições de produção do digital e sua circulação, a circulação do meme.

Os memes, no entanto, de forma geral, demonstram dispensar algumas condições e regras, diferentemente de uma divulgação científica “tradicional”, institucionalizada, como o jornalismo científico (muitas vezes engessado, desenvolvido por fórmulas), pois oferecem a possibilidade de serem significados mesmo que o sujeito adentre a conversa “pelo meio”, já que não necessita de um direcionamento a públicos específicos e não respeita sequências (tal como um texto escrito), dada sua materialidade.

[...] as diferentes linguagens com suas diferentes materialidades, e, entre elas, com decisiva importância, a digital, têm seus distintos modos de significar que, ao mesmo tempo, desafiam o homem, mas são também uma abertura para o (e do) simbólico. Lugar de invenção, de diferença, de exercício da habilidade. A linguagem digital, ou o discurso eletrônico, como prefiro chamar, re-organiza a vida intelectual, re-distribui os lugares de interpretação, desloca o

funcionamento da autoria e a própria concepção de texto. (ORLANDI, 2009; 62)

Os memes são, da ordem da paráfrase e metáfora, geradores de conflitos de sentidos, tendo como ambiente máximo um cenário de possíveis múltiplas interpretações, interpretações possíveis dentro de tantos outros gestos de interpretações possíveis, uma parafraseação de termos e sentidos repassados a uma versão adiante, uma versificação daquele sentido.

Entretanto, e quando somamos a isso uma informação de caráter científico? A produção da leitura pode ser influenciada no modo como um determinado discurso é trabalhado, ainda mais quando falamos de informações com base científica. Por isso faz-se necessário observar, analisar o funcionamento do discurso mêmico e como esse funcionamento pode deslocar a linguagem da divulgação científica. Mesmo que, posteriormente e ocasionalmente, um meme seja reposicionado para “pontos fora da web”, o efeito de sentido depende do contexto, tempo e espaço oferecidos pelo ambiente (as condições de produção), já que sem a discursividade do digital muda-se, também, a produção de sentido. A divulgação científica via discurso mêmico é uma forma de se praticar a linguagem, de deslocá-la, abrir sentidos e novas possibilidades de dizê-lo.

Com base nisso, esse estudo pretende contribuir para a observância desses fatores e procurar compreender como tais elementos – não originados no universo digital, porém apropriados por ele –, possam, agora, ser novamente apropriados como forma e formato de divulgação científica dentro de um ambiente composto por mídias sociais digitais conectadas em rede, com sujeitos receptivos ao consumo e ao compartilhamento de mensagens que muitas vezes nascem e morrem sem comportar índices claros de veracidade, credibilidade, apuração ou demais fatores que circundam o jornalismo científico, circundam a divulgação científica institucionalizada.

Desse modo, esse trabalho é dividido em momentos distintos, todos denominados “universo”. São eles: “O universo do *corpus*”, “O universo da divulgação” e “O universo mêmico”. A classificação das partes, tendo como base a terminologia “universo”, relaciona-se apenas com um caráter ilustrativo. Ao separar os tópicos da pesquisa apresentada, levei em conta a paixão pela temática universo, tanto sua concepção, definição, formação, mistérios e lendas. Com isso, apresentamos tais “universos”.

Na primeira parte da pesquisa, em “Universo do *corpus*”, é apresentada a página *I fucking love Science*, sua concepção, criação, ápice. Trazemos uma apresentação da página analisada seguida do tópico sobre seus movimentos, uma observação dos números que circundaram as publicações analisadas, ou seja, o modo como esse *corpus* se “movimenta”, tendo como base a análise de 31 publicações em período determinado para compreender possíveis técnicas utilizadas por quem publica, analisando seus movimentos dentro da rede social Facebook. Essa compreensão torna a análise do *corpus* mais sólida, já que os números são estruturantes no universo digital online, uma quantidade que é estruturante, com outros modos de circulação (ORLANDI, 2009). Observamos, classificamos e denominamos as publicações analisadas em três formatos distintos: vídeo, notícia e memes, esse último nosso foco de pesquisa.

Na segunda parte trabalhamos com o “Universo da divulgação científica”, onde trazemos as distinções conceituais que envolvem suas ramificações e o modo que a comunicação sobre ciência tende a ser e pode ser trabalhada no seio de uma sociedade. Discorreremos sobre a divulgação científica contemporânea de ciência e essa divulgação de ciência no que colocamos como “parâmetros digitais”, já iniciando a temática para um viés que abraça o contexto digital.

Na terceira parte desta dissertação discorreremos exclusivamente acerca dos memes, resgatando as definições usuais e corriqueiras, oriundas da biologia, até adentrarmos de maneira mais profunda na conceitualização com base na apropriação histórica do digital, na perspectiva discursiva. O posicionamento se faz necessário, principalmente, para aqueles que nunca foram familiarizados com a terminologia. No decorrer do terceiro capítulo, trazemos, após toda a teoria apresentada, nossa análise. Em seguida, em Anexos, elencamos todas as publicações (memes) que constituíram o objeto de análise dessa pesquisa.

Ao final, ainda dentro dessa terceira parte, trazemos alguns recortes, alguns memes inseridos na análise da presente dissertação. São dispostos recortes selecionados e, conseqüentemente, dispomos a analisá-los com base na fundamentação teórica até então apresentada. Os memes, enquanto objetos que interpelam o sujeito determinado historicamente à uma interpretação, constroem-se na quantidade, na abundância, no transbordamento, tendo nesse fator constituição e estruturação. Sua versificação, controverso sem ser dicotômico, interfere na prática institucionalizada da ciência,

estabelecendo, com essa ruptura, um lugar-outro para a ciência, uma outra forma de praticar a linguagem, de dizer ciência.

1. O UNIVERSO DO CORPUS

Esta pesquisa trabalha especificamente com a página *I fucking love Science*², uma *fan page*³ de divulgação de informações e conteúdos sobre ciência no Facebook, de autoria da bióloga inglesa Elise Andrew.

Figura 1 - *I fucking love Science*



Captura de tela da página no Facebook *I fucking love Science*.

A partir dessa página, recortamos, para constituir o *corpus* da pesquisa, os memes. Como sabemos, em Análise de Discurso, o recorte “é uma unidade discursiva.

² Devido às regras e políticas específicas da rede social Facebook, a página não pode fazer uso do termo *fucking* em seu endereço url (*link* de acesso), por ser considerado pejorativo, inapropriado ao meio. Desse modo, o termo *fucking* foi substituído por *feaking*, resultado em *I feaking love Science*. Disponível em: <https://www.facebook.com/IFeakingLoveScience>.

³ Denominação do Facebook para as páginas que se diferem dos perfis pessoais, restritos somente a pessoas físicas. As *fan pages*, ou página de fãs, são páginas para empresas, celebridades, organizações não-governamentais, instituições de ensino, personalidades públicas ou veículos de mídia, por exemplo.

Por unidade discursiva entendemos fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação. Assim, um recorte é um fragmento da situação discursiva” (ORLANDI, 1984; 14). É nesse sentido que Dias (2015) afirma que não tomamos o *corpus* de maneira separada das condições de produção do digital. Já que, nesse caso, trata-se do discurso digital.

A autora da *fan page*, Elise Andrew, inicia suas atividades em 2012 com a ideia de reunir em um mesmo local (a rede social Facebook) informações sobre os mais variados leques de assuntos da ciência, sobretudo novidades e curiosidades que julgava serem interessantes. O início, no entanto, não se deu de modo tão planejado. Ao cursar seu último ano de faculdade no curso de Ciências Biológicas, Andrew dedicava parte de seu tempo na busca por novas informações acerca do universo científico e publicava tais conteúdos em um mesmo local: em seu perfil pessoal no Facebook. Ao ser incomodada por alguns amigos que se diziam irritados com esse “*flood científico*”⁴ (alguns ameaçaram bloqueá-la na rede⁵), Andrew acatou a sugestão de um de seus colegas em transferir o local de publicações; em vez de seu perfil pessoal, criar uma página na rede social para apenas publicar tais informações que encontrava.

Nascia, assim, uma das *fan pages* sobre ciência mais famosas em todo o planeta, e que trabalhava a exposição das informações de um jeito peculiar, próprio, de um modo distinto, com contornos mais para o entretenimento do que comumente observamos em canais especializados sobre ciência, diferenciando-se do que se vê na forma como a divulgação científica é exposta no dia a dia. O nome, que até poderia soar como inapropriado do ponto de vista de uma linguagem institucionalizada da ciência e dos meios de divulgação científica tradicionais, é “atrativo” em tantos outros, como se justifica nos mais de 25 milhões⁶ de usuários que a acompanham, ou seja, justamente por apontar para uma ruptura com o espaço institucionalizado da divulgação científica, demarcando, desse modo, um deslize, um lugar-outra de circulação desse conhecimento. Nessa ruptura é possível observar a própria linguagem empregada ao utilizar vídeos e

⁴ O termo *flood* se refere à enchente, em inglês, ou enxurrada. A terminologia foi empregada no cenário digital para traduzir quando um determinado usuário ou empresa “inunda” suas redes e seus canais online com publicações em excesso, uma atrás da outra. No Brasil, a terminologia já é utilizada informalmente como verbo, sendo empregada em contextos como *floodar* (inundar) e *floodei* (inundei, publiquei demais).

⁵ Quando você impede que um determinado usuário entre em contato novamente com você em um canal específico. Nesse caso, no Facebook.

⁶ A título de curiosidade, durante o desenvolvimento desta pesquisa esses números já foram atualizados 8 vezes. A cada revisão do trabalho observava-se que o número de pessoas (usuários, na rede social) que acompanhavam a página aumentava consideravelmente.

memes⁷, outras formulações, outros modos de dizer constituídos por uma discursividade digital e que produzem, desse modo, um determinado efeito-leitor, diferentes públicos e camadas da rede social. Há uma desestabilização causada pelas mídias sociais nessa ordem institucionalizada, mexendo-se com o sentido estabilizado do saber, da cultura, e da arte (DIAS; COUTO, 2011). Essa desestabilização tem a ver com os efeitos da discursividade, no modo como ela se textualiza nos memes, por exemplo, e que constituem uma “unidade de sentido formulado”, ou seja, função-autor (ORLANDI, 2001; 65). Nessa relação, “se pensarmos o campo da leitura, “a função-autor tem seu duplo no efeito-leitor. E isso está constituído na materialidade do texto” (idem, 61). Efeito-leitor, “unidade (imaginária) de um sentido lido” (íbidem, 65).

Nesse sentido, esse “público outro” leitor de ciência que se constitui com o digital, nas *fan pages* ou vídeos do YouTube, resulta da maneira como a função-autor e o efeito-leitor produzem uma unidade de ciência, na medida em que a formulam de certa maneira, atestando, como diz Orlandi (idem, 66), “que no discurso o que existem são efeitos de sentidos variados, dispersos, descontínuos, sendo sua unidade construção imaginária (onde intervêm a ideologia e o inconsciente)”.

Nessa perspectiva, entendemos que o discurso mêmico que vamos nessa dissertação problematizar a partir da fundamentação teórica da Análise de Discurso, produz efeitos importantes para a própria divulgação científica, desestabilizando seu espaço institucionalizado, seu público (alvo) também institucionalizado.

1.1. Apresentação do objeto de pesquisa

Atualmente a página *I fucking love Science* conta com atuação em cinco canais de mídias sociais digitais conectadas em rede, como o *blog*, que reúne notícias e demais informações, a rede social de *microblogs*, o Twitter⁸, com mais de 200 mil seguidores, uma página no Google Plus⁹ com quase 370 mil usuários (e que praticamente replica o conteúdo publicado em outros canais), a plataforma de compartilhamento de vídeos online YouTube¹⁰ (com mais de 233 mil assinantes, porém descontinuada) e, claro,

⁷ Iremos definir de maneira mais profunda os “memes” mais adiante. Por ora, basta colocá-los como formatos de mensagens característicos do meio digital e que utilizam, geralmente, imagens e um tom de ironia, além de montagens propositalmente grotescas.

⁸ Disponível em: <https://twitter.com/IFLSscience>.

⁹ Disponível em: <https://plus.google.com/+iflscienceofficial/posts>.

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/user/IFLSscience/videos>.

a própria página no Facebook, além de um site¹¹ criado apenas para a venda de produtos relacionados com a ideia que circunda o universo de *I fucking love Science*. O sucesso inesperado lhe rendeu público, renda e até o título de “a revista Mad sobre ciência”, colocação da Science World, da BBC, em alusão à revista Mad, acrescentando fatores que intensificam a importância de um olhar mais detalhado sobre esse que já é considerado um dos principais meios propulsores de informações científicas no cenário online.

A escolha do objeto para esta pesquisa se coloca na atualidade e na relevância do tema proposto para estudo, pois visa compreender um *corpus* que une sob um mesmo séquito comunicação, ciência, memética¹², mídias sociais, discurso, narrativa e divulgação científica, formulando uma linha de fatores contemporâneos capazes de estruturarem configurações e dinâmicas ímpares, como a própria ideia de levar informações sobre ciência e tecnologia para um número considerado de pessoas. A pertinência do tema e importância do estudo se devem, sobretudo, à necessidade de uma aproximação mais estreita entre ciência, comunicação e mídias sociais, necessidade essa exposta recentemente pela própria comunidade científica, tanto no Brasil¹³ quanto no exterior¹⁴.

O *corpus* escolhido, desse modo, situa-se em uma página criada em uma rede social em 2012, portanto, muito recente, e que visa divulgar informações de caráter científico através de mensagens que se apropriam, entre outros pontos, mas em grande parte, do discurso mêmico, rompendo com a forma de leitura sobre ciência já posta (ORLANDI, 2003; 24), onde se estabelecem novos gestos de leitura dos acontecimentos, muitas vezes divergentes das posições institucionais, fazendo com que os sujeitos assumam uma posição-sujeito, inscritos em uma dada formação discursiva (DIAS; COELHO, 2012). No discurso mêmico há efeitos de sentido e práticas de linguagem que produzem uma outra forma de leitura.

¹¹ Disponível em: <http://www.ilovesciencestore.com>.

¹² Ramo da ciência que estuda a teoria dos memes.

¹³ Durante encontro da 67ª Reunião Anual da SBP, editores de periódicos científicos discutiram os desafios e dificuldades da divulgação científica em redes sociais. Disponível em: <http://goo.gl/6lEpfX>. Último acesso em 23/11/2016 às 15:12.

¹⁴ O uso mais próximo e intenso de mídias sociais para a divulgação de informações acerca de pesquisas científicas foi defendido por participantes em recente encontro da AAAS (*American Association for the Advancement of Science*), em Boston, EUA. Disponível em: <http://goo.gl/QhXON8>. Último acesso em 25/06/2017 às 07:21.

Para esta pesquisa trabalhamos como compreensão de discurso mêmico as unidades de informação, as unidades significativas (ORLANDI, 1995a), unidades complexas de significação (ORLANDI, 1982), formadas por texto, imagem, vídeo e áudio, simultaneamente ou de maneira isolada, que são criadas e difundidas dentro do ambiente digital online, material base dessa pesquisa.

Com isso, a divulgação sobre ciência, no formato em que se dá (via memes), em uma visão preliminar dos fatos, poderia “facilitar” a assimilação e multiplicação desses “conteúdos científicos”, uma vez que “entenderia” o modo como atingir um dado público em dado contexto. Dado é que essa página tem certa visibilidade quanto ao número de pessoas (mais de 25 milhões), sendo muito superior a audiências de emissoras e jornais, especializados ou não.

Entretanto, a ideia que gira em torno dos números, sobretudo o de *likes*, comentários e compartilhamentos remete à ideia de volume, quantidade, fator constitutivo do discurso digital, vale ressaltar, onde pode-se pensar em uma “massa de dados armazenados numa memória metálica¹⁵ (horizontal), [que] constitui o modo das relações entre sujeitos e sentidos” (DIAS, 2015a; 976), materialidade digital que provoca mudanças no modo de significação da sociedade (DIAS, 2011a), produzindo rupturas e deslocamentos na cultura, nos modos de pensamento e de vida contemporâneos (idem, 40). A quantidade, em relação ao discurso digital, tem caráter constitutivo e estruturante, traz traços específicos que remetem ao termo *quantidade*, em relação às condições de produção do digital, à ideia de excesso, volume, transbordamento. O excesso (volume em grande quantidade) constitui e estrutura o discurso mêmico, sustentando a falta de historicidade na memória metálica. Orlandi (2003; 23) trabalha como ideia de quantidade como sendo “uma concentração apreciável de seres, objetos e acontecimentos em um mesmo espaço, com convergências e divergências entre suas unidades (seres, objetos, acontecimentos)”. A quantidade constituinte e estruturante no discurso digital também pode ser enxergada como uma quantidade que remete uma concentração de seres (usuários conectados), objetos (canais, discursos) e acontecimentos (o que ali ocorre) em um mesmo espaço (na realidade do digital), com convergências e divergências entre essas unidades.

¹⁵ A memória metálica busca entender o funcionamento da memória na relação com as tecnologias de linguagem, trabalhando com a ideia de uma memória que acumula, trabalha com o excesso, a quantidade. É uma memória numérica (0 e 1, base do digital), sendo rasa e horizontal. Essa memória tudo acumula, não esquece, atuando com a reprodutibilidade contínua de sentidos. Nessa memória encontramos um grande palco para o que vemos no universo digital conectado em rede. (ORLANDI, 2006a)

Há um discurso recorrente de que a *web* facilitaria a assimilação do conhecimento divulgado na rede, porém ela (a rede) não é transparente e varia de acordo com a política de cada rede. O discurso recorrente de que o acesso é livre e traz múltiplas possibilidades de significação deve levar em conta as condições de produção. As condições de produção em que esse discurso mêmico é produzido, atravessado pelo digital e pelo discurso eletrônico, são fatores influenciadores na constituição do arquivo. Dias coloca que:

A materialidade do arquivo, portanto, é aquilo que faz com que ele signifique de um modo e não de outro, que faz com que ao se deparar com ele, o sujeito o recorte de maneira x e não y. Um mesmo arquivo nunca é o mesmo, por causa da sua materialidade. (DIAS, 2015a; 973)

Os memes como divulgadores de ciência significam de uma maneira, e não de outra, já por serem constituídos como são, dadas as condições de produção do digital, (situação, contexto histórico-social, interlocutores) e em diferentes materialidades significantes como texto, imagens, sons e vídeos (ORLANDI, 2006a). Cada materialidade específica constitui um objeto simbólico significante específico, que vai produzir efeitos de sentidos que serão específicos dada à materialidade (idem) e as condições de produção. Assim como a formulação do *corpus* para essa pesquisa, que ao ser constituída em torno de uma dada questão ou acontecimento, traz “formulações feitas em certas condições de produção, que levam em conta a linguagem e a situação” (DIAS, 2015a; 973). “O arquivo já é determinado *a priori* por uma questão de pesquisa, o que já dá a ele uma configuração na direção da constituição do *corpus*” (idem, 975).

O discurso mêmico tendo a materialidade digital como espaço de significação (DIAS, 2012), considerando materialidade não de maneira empírica, mas como processo em que ideologia, língua e inconsciente se relacionam no discurso (DIAS, 2009; 8), atua em um espaço material onde os sentidos circulam e se constituem (idem) de maneira a deslocar a relação entre sujeito, língua, imagem e sentido. Ao se relacionarem entre pares sobre dado assunto e atravessados pelo discurso mêmico, na forma material de memes na materialidade do digital, o sujeito desliza seu relacionamento com a língua e com o conhecimento, já que “a linguagem é, pois, o eixo central da produção de todo e qualquer conhecimento sobre si, sobre o mundo, através da tecnologia (DIAS, 2009; 9).

[...] pois no mesmo instante em que o sujeito produz e pratica uma técnica para se dizer e se relacionar com o outro, ele produz uma “mexida” na estrutura da língua. Sabemos que língua e cultura não se separam, sendo assim, no

momento em que o sujeito é afetado pelos sentidos de uma cultura (ideologia) tecnológica dominante, há, necessariamente, repercussões na língua. (idem)

Com a presença cada vez mais intensa da tecnologia através das ferramentas oferecidas pela rede mundial de computadores, o universo online já se configura como uma plataforma (internet) que possibilita a disseminação em massa de uma mídia digital (*web*) aos mais variados perfis de públicos, que variam em questões de gênero, classe social, localizações geográficas e, principalmente, em seus hábitos de utilização. Essa mídia digital possui uma hibridação ímpar, pois oferece em um mesmo *médium*, forma material (DIAS, 2016) a possibilidade de trabalharmos textos, vídeos, áudios, gráficos, infográficos, animações e imagens, além dos aplicativos com as mais variadas funcionalidades, um trabalho multimodal, com múltiplos modos. Essa hibridização oferece um *médium* que torna o processo de construção do sentido em ambiente digital dinâmico, com repercussões nas relações do sujeito, capaz de ressignificações, de deslocamentos, uma vez que os meios são partes constitutivas do sentido, “bem como a maneira com que ele se formula, se constitui e circula” (idem, 166). Resulta, daí, que a informatização do conhecimento anda em paralelo com a informatização da sociedade (ORLANDI, 2013a). Há uma relação entre linguagem-sociedade, onde não há como se mexer em uma sem mexer em outra, se ligando fundamentalmente (idem). O funcionamento do conhecimento é deslocado em uma materialidade específica (DIAS, 2011a), e o modo com que um discurso circula é parte do seu processo de significação (DIAS, 2016).

Partindo do pressuposto que “há sentidos que precisam ser trabalhados na música, outros na pintura, outros na literatura” (ORLANDI, 1995b), ou seja, em diferentes materialidades para que signifiquem consistentemente, isso faz com que o sujeito ao se relacionar com o outro e o mundo, através de memes, sejam produzidos “sentidos diferentes e diferentes conhecimentos do mundo” (DIAS, 2009; 11), já que diferentes gestos, como a fala, a escrita e o teclado, vão repercutir maneiras distintas “no modo como nos relacionamos com o conhecimento. Em cada uma dessas relações muda-se a relação do sujeito com a linguagem” (idem). A relação não é transformada no âmbito intelectual sobre mundo, mas no âmbito da relação com o pensamento, com o conhecimento, o saber e a inteligência (HENRY1 1986 *apud* ORLANDI, 2013a).

Um texto produzido em computador e um texto produzido a mão são distintos em sua ordem significante porque as memórias que os enformam são distintas em suas materialidades [...]. (ORLANDI, 2009; 66).

O modo com que esses sujeitos constituídos historicamente atuam no ciberespaço, um espaço que transbordou¹⁶ do espaço no que constitui sua temporalidade (DIAS, 2012), um local de “enredamento dos sujeitos que se conectam e produzem sentido (DIAS, 2004; 57), torna-se peculiar a medida em que esse ambiente oferece a todos a possibilidade de “fala”, ou seja, é possível que, bastando que o usuário esteja conectado em rede, publique ideias, opiniões e divagações em uma escala que pode ir da local à global, resgatando o que já mencionamos sobre quantidade. A mídia digital no contexto da web 2.0 criou um cenário propício para que novas formas de linguagem e discursividades sejam criadas, tendo em vista que o ambiente conectado e dinâmico traz características próprias de condições de produção. Mesmo o espaço não digital sendo significado pelo digital¹⁷, pela internet, dadas as condições de produção imediatas, outros sentidos serão estabelecidos no processo de constituição dos sentidos, sendo diversos daqueles inseridos na discursividade digital.

A relação do sujeito com a circulação do conhecimento e o tempo é deslocada, e a própria circulação é um modo de significar (ORLANDI, 2001), já que o conhecimento é processo de sua própria produção e circulação (DIAS, 2015b; 281). O tempo se relaciona com um espaço que é estruturado discursivamente (DIAS, 2012). Ao se deslocar essa noção de temporalidade estabelecemos uma nova maneira do sujeito se relacionar com o (ciber) espaço, com a língua, a ideologia e sua materialidade, a saber, o discurso. Há uma reorganização do espaço, fazendo com que o sujeito assuma uma posição a partir do lugar do qual fala, uma posição histórica e ideológica (DIAS, 2012). Desse modo, “compreender o funcionamento das mídias sociais na produção e circulação do conhecimento e na constituição do sujeito do conhecimento contemporâneo é compreender o político” (DIAS; COUTO, 2011; 636).

[...] há uma separação entre o conhecimento e seu processo de produção, ficando apenas em destaque o conhecimento como circulação, dadas as possibilidades técnicas e tecnológicas de disseminação do mesmo. A tecnologia como condição de produção, pela produção de objetos, desloca o sentido de conhecimento, produzindo a possibilidade de ele vir a ser

¹⁶ Vale observar, aqui, novamente a ideia de quantidade, do excesso sendo estruturante e constitutivo do discurso digital.

¹⁷ O espaço comumente chamado de “fora do digital”, off-line, permanece conectado pelas linhas de códigos invisíveis, seja pelas câmeras que vigiam o sujeito nas ruas, os caixas eletrônicos de agências bancárias, *outdoors* ou pichações em muros, já que a historicidade do digital é a mesma do espaço urbano, físico. O digital não é um mundo à parte do chamado do mundo físico, pois traz especificidades próprias, mas especificidades que também afeta o “seu fora”.

significado pelo modo de sua circulação/disponibilização/compartilhamento (DIAS, 2015b; 286)

1.2. Os movimentos do *corpus* na página *I fucking love Science*

Neste tópico procuraremos expor apenas de maneira ampla, maximizada, o universo ao qual nosso *corpus* específico de pesquisa está inserido, ainda que relacionado apenas às práticas discursivas dos sujeitos na página. Para isso, fazemos uso de uma observação mais detalhada sobre os “movimentos” existentes no *corpus* na página *I fucking love Science*, seja pela página em si (suas publicações) e numa breve observação dos sujeitos que ali se relacionam. O intuito de usarmos tal prisma é o de compreendermos possíveis técnicas utilizadas por quem publica e a possível repercussão entre os sujeitos, analisando seus movimentos dentro da rede social Facebook. Essa compreensão torna a análise do objeto específico, os memes, mais abrangente.

Desse modo, o período de recorte selecionado para esta pesquisa se deu em dois momentos delimitados, já que a atualização da página é constante e, ainda, o próprio “objeto da análise é inesgotável face à possibilidade da compreensão dos processos discursivos possíveis” (ORLANDI, 2013a; 4). Apesar de o primeiro recorte nos dar elementos para entendermos as maneiras dos sujeitos se relacionarem com a página, e o segundo servir como objeto da análise propriamente dita, nosso objetivo não parte da interpretação do objeto em si, submetido à análise, “mas compreendê-lo em seu modo de significar. Assim, a análise não é sobre um objeto propriamente mas sobre o processo discursivo de que ele é parte” (idem).

O primeiro recorte, para satisfazer o exposto inicialmente acima, abrange o primeiro dia do mês de maio de 2015 (01/05/2015) até o dia 18 do mesmo mês (18/05/2015), quando foram publicados 31 *posts*¹⁸ na página “*I fucking love Science*” na rede social Facebook, com uma média falsa de 1,7 *post* por dia¹⁹. O recorte exposto²⁰ se deu de forma aleatória, porém concisa devido ao elevado número de publicações e

¹⁸ Denominação em inglês para “publicação”. No ambiente online o termo *post* é utilizado de forma corriqueira, cotidiana, quase como um substituto da terminologia publicação. O termo *post* faz referência à “postagem”, uma adaptação do termo original à língua portuguesa e que denomina, especificamente, uma publicação em ambiente digital online. *Post*, portando, são publicações de determinado conteúdo em sites, portais ou redes sociais. A nomenclatura é característica do ambiente online.

¹⁹ O termo “média falsa” foi aqui empregado para designar uma média que deve ser observada com cautela, pois apenas no dia 18/05/2015 foram publicados 17 *posts*, representando em um único dia mais de 54% das publicações realizadas.

²⁰ O primeiro recorte se encontra no Anexo I, página 97.

interações realizadas pelos usuários para com a página. Um período delimitador maior tornaria o processo de observação e análise impraticáveis.

O segundo momento²¹ abrange os meses de fevereiro e março 2016 por inteiros²², selecionando apenas as publicações que classificamos como memes, resultando em 12 *posts* (em um total de 31 publicações para os dois meses). O período desse segundo momento não se deu de forma tão aleatória quanto o primeiro, já que utilizamos como base a ferramenta Google Trends²³ para observar os momentos em que as buscas na web por termos que envolviam o tema “vírus Zika²⁴” se deram de forma mais intensa. A ideia, sem ligação com a análise do material, se deu apenas de forma a delimitar um período específico em que o assunto era discutido e comentado internacionalmente, observando se tais procuras e debates pelo determinado tema impactaram²⁵ de alguma forma as publicações da página analisada. Com isso, iremos expor inicialmente, aqui, somente o primeiro período selecionado. O segundo momento de recorte será apresentado no decorrer da pesquisa.

No primeiro período selecionado, foi possível observar o que classificamos como sendo três formatos distintos de publicação na dada página da rede social: 01 (um) vídeo publicado diretamente no Facebook, portanto sem redirecionamentos externos como ocorreria caso fosse um *link* veiculado para um canal do YouTube, por exemplo; 05 (cinco) memes²⁶; e 25 *posts* aqui classificados como “notícias” sobre ciência devido ao formato de texto replicado no *blog*, todos com imagens e que redirecionavam o usuário para o *blog* “*Ifucking love Science*” não situado na rede social. Realizamos a classificação dos formatos da seguinte maneira:

²¹ O segundo recorte se encontra no Anexo II, página 100.

²² Os meses foram selecionados com base na utilização da ferramenta Google Trends. Em nossa pesquisa foram nesses meses em que se deram o maior número de buscas realizadas em escala global, de 2004 até o mês de outubro de 2016, acerca de termos que envolviam o termo “Zika vírus”. As comparações foram realizadas com os termos “zika”, “zika vírus” e “vírus zika”. Disponível em: <https://goo.gl/eNOcLt>. Entretanto, não foi publicado sequer um meme relacionado ao tema Zika vírus.

²³ Google Trends é uma ferramenta do buscador Google que permite que os usuários realizem buscas pelos termos mais procurados sobre determinado assunto e em determinado período de tempo. A procura pode ser feita em escala regional ou internacional, e os períodos de tempo referem-se a um passado recente. Há, ainda, a opção de que seja feita comparações entre termos específicos para que sejam analisadas o ritmo das buscas. Disponível em: <https://www.google.com.br/trends>.

²⁴ O vírus Zika é uma doença viral aguda transmitida, sobretudo, pelo mosquito *Aedes aegypti*. Mais informações podem ser obtidas no portal do Ministério de Saúde. Disponível em <http://goo.gl/m66idJ>.

²⁵ Se estabelecem um alcance maior, menor ou nulo em questão de fatores números de abrangência.

²⁶ Para esta pesquisa foram considerados “memes” apenas as composições de imagens com textos, visto que tais composições possuem grande nível de compartilhamentos, uma das variáveis do elemento viral com o qual trabalhamos conceitualmente nesta pesquisa.

Tabela 1 – Classificação do formato das publicações

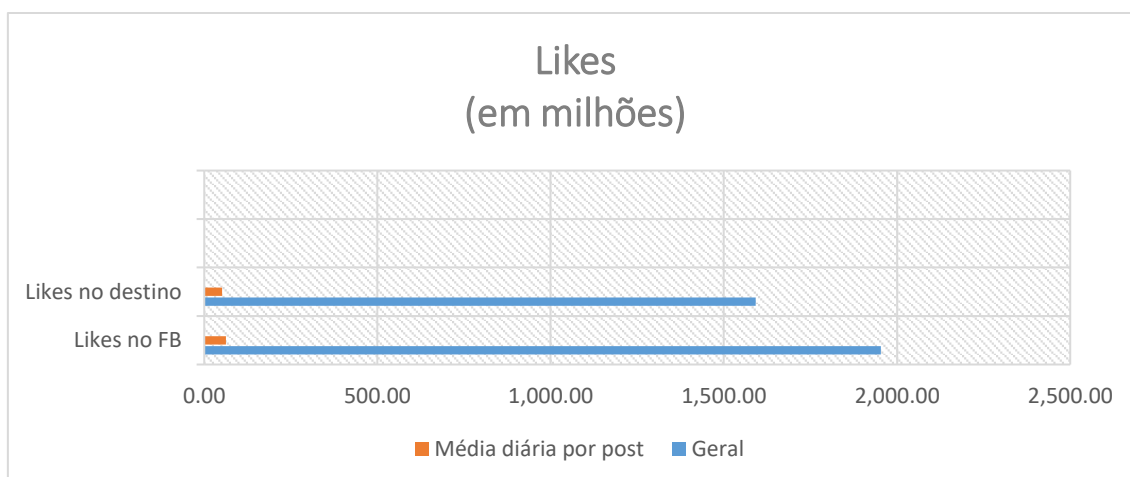
Item	Formato	Descrição
A	Vídeo (vídeo, texto e <i>hyperlink</i> , com redirecionamento explícito).	Esse formato contou com um vídeo de 10 segundos de duração publicado diretamente no Facebook (hospedado na própria rede social), além de texto escrito e um <i>hyperlink</i> que remetia o leitor para uma página fora da rede social.
B	Meme (imagem e texto).	O formato <i>meme</i> é composto por uma imagem e seguido de um texto escrito, que somam-se, sem sobreposição.
C	Notícia (texto e imagem, com redirecionamento não explícito).	Esse formato fez uso de uma imagem aliada a um conteúdo textual escrito, que remetia o usuário a uma página externa.

A média de *likes*²⁷ (curtidas) foi de mais de 63 mil por *post*, chegando a um total superior a impressionantes 1 milhão e 950 mil vezes em que o botão *like* foi acionado na rede social, somente na página específica. O interessante é observar que o número de vezes em que os sujeitos curtiram as publicações em seu destino (nas 25 publicações de notícias) foi um número igualmente expressivo, com quase 1 milhão e 600 mil curtidas (média de 51 mil por *post*), o que perpassa a ideia aparente de que o sujeito não se limitou ao que foi publicado na rede social, já que o número de *likes* em 31 publicações (e que envolvem notícias, memes e vídeo) é quase o mesmo obtido em 25 *posts* (somente com notícias) que ficam “fora” do Facebook, em um ambiente externo²⁸.

²⁷ A ideia de “curtir” vem da ação de acionar o botão *like* (curtir, em português) no Facebook, que traz a ideia de representatividade de algo que o sujeito curtiu ou gostou.

²⁸ Redirecionamentos para sites e páginas diversas, não situadas dentro da rede social Facebook, mas ainda assim “dentro” da web, do ambiente digital.

Gráfico 1 - Número de likes



Número comparativo de likes (curtidas) na rede social Facebook e fora dela, nos destinos.

Quando partimos do ponto comum que vídeos têm delineado maior notoriedade do que demais formatos²⁹, é possível traçar um pano de fundo onde as ações dos sujeitos que se relacionam com a página não se limitaram no acionar do botão *like*, mas discorreram até um ambiente externo proposto (a página fora do Facebook), contribuindo, de certo modo, para a produção de sentidos de que esse mesmo sujeito procuraria ir além do oferecido inicialmente, buscando, talvez, aprofundar ou conhecer um pouco mais sobre uma determinada temática da ciência, ou do que foi, então, divulgado, já que esse sujeito “sai” de um ambiente, o Facebook, e chega à página de destino. Ou, quem sabe, um clique “automático”, aquele a partir do qual uma ação toma lugar (CHIARETTI, 2016), sem maiores percepções, um clique em que não é preciso saber-saber, mas saber-fazer (idem), um clique que reconfigura as relações de poder dada sua instantaneidade (DIAS, 2009), já que o “imediato e a instantaneidade são efeitos da materialidade específica do digital” (CHIARETTI, 2016; 143).

O sujeito é anônimo, ali, e mesmo possuindo um “perfil” na rede, é identificado apenas por um IP³⁰ para ser considerado o “mesmo sujeito”. Orlandi (1982) coloca que o leitor³¹ se constitui, se representa, se identifica na medida em que lê. Desse modo, “assumimos papéis e discursos diferentes quando falamos com pessoas diferentes”

²⁹ Em relação a texto ou imagens, os vídeos têm alcançados índices de “audiência”, na perspectiva da comunicação mercadológica do digital, traduzida em números de acessos e visualizações significativamente superiores.

³⁰ Abreviação em inglês para *Internet Protocol*, uma identificação única para cada computador ou dispositivo conectada à rede.

³¹ Para Orlandi (2008), leitor é o sujeito afetado pela sua inscrição social. Desse modo, “o efeito-leitor é determinado historicamente pela relação do sujeito com a ordem social” (p.104).

(idem; 188), já que assumimos diferentes posições dependendo da situação da enunciação (se estamos acessando o Facebook ou um site pornográfico). Muda-se a formação discursiva, mudando-se a posição do sujeito, já que são as situações a partir das quais enunciamos determinam nossa posição, dado pelo funcionamento da memória.

O que há é uma *modulação* do nosso discurso e da nossa identidade nas diferentes relações. Essa modulação se faz em direção ao *para quem* do discurso e a contraditoriedade, então, é a seguinte: o sujeito é o *mesmo* e é *diferente* simultaneamente. (ORLANDI, 1982; 189)

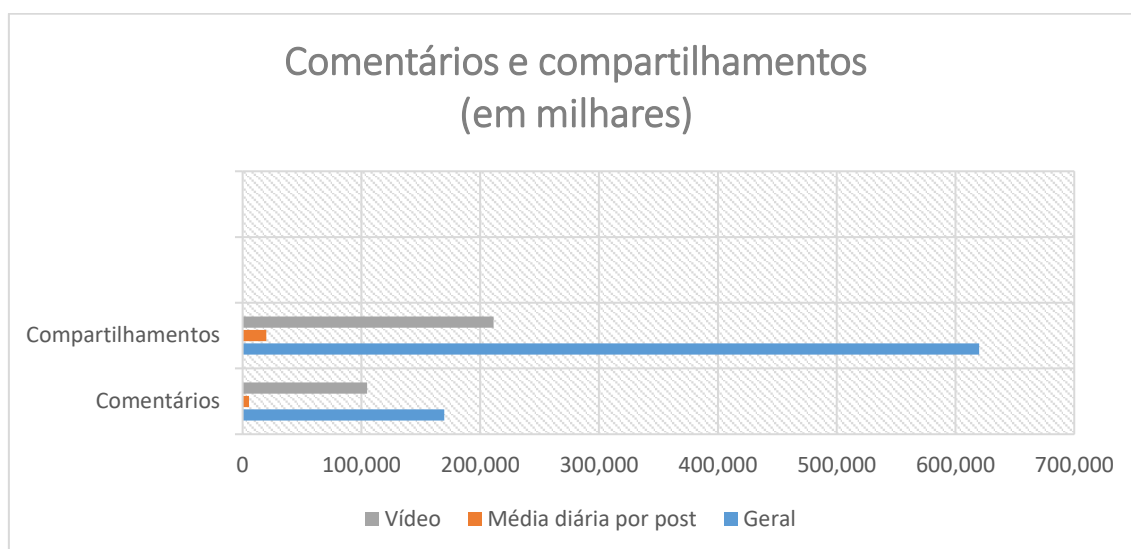
Seguindo a lógica de expor inicialmente as mídias, o item *comentários* também traz informações que merecem ser observadas com cautela. Na média, as publicações conseguiram quase 170 mil comentários, porém um único post, o que continha um vídeo de apenas 10 segundos, foi responsável por mais de 104 mil deles, representando 61% do total obtido. É interessante observar que a quantidade referencial de uma publicação na internet (seus movimentos, podemos assim chamar) é estruturada ao longo do tempo; quanto mais tempo se passa, maior o número de *clicks*, *likes* e comentários, em regra. Conserva-se uma publicação nos canais digitais conforme a relação quantidade e tempo; quanto maior o tempo de exposição nas redes (quanto mais dias, horas ou minutos se passam), possivelmente maior número de ações dos usuários frente àquela publicação, fazendo com que tal publicação conserve-se por mais tempo “circulando” e resulte em uma quantidade (transbordamento de cliques e *likes*³²) significativa. A quantidade, aqui traduzida em números e excessos, é estruturante do digital, estruturando o processo de constituição do sentido (ORLANDI, 2009).

Nesse ponto, vale ressaltar que a fatia do bolo representada por vídeos na rede social tem roubado a atenção dos sujeitos não só na página em questão. Em toda a rede social, os vídeos – seguidos das imagens – já são os formatos mais “consumidos”, sobretudo via *smartphones* e *tablets*, dado reforçado pelo número de vezes em que esse *post* foi compartilhado (superior a 211 mil) frente à média das publicações (de apenas 20 mil, com total de 620 mil em todas as publicações), porém os dados de compartilhamento são ínfimos se levarmos em conta quantas vezes ele foi visualizado (mais de 16 milhões, número que se aproxima ao total de pessoas que curtem a página, que é de pouco mais de

³² Em referência aos números, já que a ideia de transbordamento se traduz na instantaneidade em que o número de cliques e de *likes* é construída. A velocidade com que esses números se tornam expressivos quando comparados com publicações que recebem poucas ou quase nenhuma visualização e destaque. O frenesi imediato e instantâneo, como já trazido aqui por Chiaretti (2016), são efeitos da materialidade específica digital.

25 milhões). Vídeos e imagens (o que podemos incluir os memes) formam um escopo que envolvem a lógica dos *drops informacionais*, pílulas conceituais sobre determinado assunto que são compartilhadas entre os sujeitos conectados à uma rede, pois sua absorção é dinâmica, frenética e facilmente concebida se comparada a um texto ou notícia que requer seu redirecionamento e sua leitura, total ou parcial. Em países com internet lenta funcionaria de outra maneira, de modo diferenciado, influenciando, assim, no modo de produção dos sentidos, na leitura.

Gráfico 2 - Número de compartilhamentos e comentários



Quadro 2 - Número comparativo de comentários e compartilhamentos das publicações.

Quando observa-se o processo da midiatização da divulgação científica com o auxílio de elementos de diferentes formas materiais (vídeo, texto, imagem) nas publicações observadas dentro da página “*I fucking love Science*”, sem um foco tão delimitador no produto em si, é possível realizar apontamentos quanto ao corpo do sentido, ao discurso textualizado, suas formulações, já que partimos da ideia de que há a necessidade de um referencial teórico (conhecimento sobre ciência), mesmo que mínimo, para que os sujeitos participem do processo de produção de sentidos do que foi então publicado e oferecido pela página.

A informação se transforma em conhecimento com base nas condições de produção, com base no contexto sócio-histórico e à memória. Com base nas condições de produção a informação é significada de maneiras distintas, já que não é transparente, não é uniforme nem igual para todos no que tange ao sentido que lhe é proposto. Dessa

maneira, a forma como nos apropriamos dessa informação e geramos conhecimento é fundamental na divulgação científica realizada dentro de um cenário digital social conectado, pois a maneira como o meio (a página do Facebook) projeta seu leitor virtual, inscrito no texto (ORLANDI, 1982) é diferente da forma como um jornal impresso sobre ciência compreende o seu, e a relação entre esses interlocutores (Facebook e usuário ou impresso e leitor) constitui o processo de produção da leitura (idem). Enquanto o impresso teria uma via mais estreita, com um nível de intensidade incomparavelmente menos frenético do que o obtido no digital, no Facebook (ou na web) a resposta quase instantânea faz com que o meio trabalhe de maneira quase ininterrupta em sua produção, mesmo sendo, inúmeras vezes, uma mera repetição, variações do mesmo, de forma fragmentária. Porém não uma repetição na ideia de imitação, mas de versões, pois não se trata de cópias, mas de reformulações de um dizer, muitas vezes acessado em fragmentos, de forma fragmentária. Ainda assim, “a repetição mecânica induz ao erro, e no erro, há o deslize de sentidos” (COELHO; 2014; 79), e o fragmentário é constitutivo desse funcionamento digital da língua (DIAS, 2011a), já que essa “contínua descontinuidade” do digital, oferecida pela materialidade do digital, permite que os sentidos sejam ali construídos, tendo como base suas condições de produção.

Quando a página aqui trabalhada parte da utilização de elementos com diferentes formas materiais e recursos multimídias para abraçar um diálogo que rompe com a comunicação sobre ciência institucionalizada (rompe com a leitura já posta), deslocando e criando um lugar-outro de circulação, com seu segmento de público, ela está expondo um determinado conhecimento meio (as mídias sociais digitais conectadas em rede) em relação ao processo (na comunicação sobre ciência). Essa compreensão é interessante, pois estrutura-se na ideia de uma comunicação sobre ciência que tem como cenário o fato de que o uso dessas tecnologias requer uma aceitação não só do tema por parte do sujeito, mas as condições de produção em que o discurso mêmico foi produzido devem ser levadas em consideração. As condições de produção na materialidade digital são outras, sobretudo nas redes sociais.

As redes sociais são ambientes virtuais nos quais sujeitos se relacionam instituindo uma forma de sociabilidade que está ligada à própria formulação e circulação do conhecimento. A sociabilidade nas redes sociais [...] não tem as mesmas condições de produção que a sociabilidade em espaços escolares ou universitários, por exemplo, e essa é uma diferença importante para compreender a divulgação de conhecimento em (dis)curso na sociedade contemporânea. (DIAS; COUTO, 2011; 636)

Pinheiro (2012) coloca que as atuais práticas de leitura e escrita requerem um novo *ethos*, já que seriam necessários saberes interpretativos de leitura e de escrita “para que as pessoas construam sentidos no mundo digital” (idem, p. 207). O entendimento do produto e do processo são fundamentais para que a comunicação sobre ciência não use dessas tecnologias para apenas replicar mais do mesmo. Pinheiro cita Knobel & Lankshear para colocar que o interessante é observar que com a presença da tecnologia na sociedade mobilizam-se “valores, prioridades, sensibilidades e procedimentos diferentes” (idem). A relação do sujeito com o conhecimento – ou com a produção dele – não se resume ao substituir o lápis pelo toque na tela e nem fazer pesquisas online em vez de se consultar livros físicos, mas a própria relação do sujeito com a pesquisa, com o espaço-tempo do digital com o conhecimento, é deslocada (DIAS, 2012). A forma com que organiza-se é alterada, ressignificada, deslocada. Os sentidos ao serem significados em matérias significantes diferentes (como a música, a literatura ou a pintura) deslocam inclusive o próprio autor, que acaba se constituindo como músico, literato ou pintor (ORLANDI, 1995b).

Partindo dessa mobilização de valores, prioridades e procedimentos, tendo como base uma maior observação das condições de produção que envolvem o nosso *corpus*, podemos traçar como exemplo os três formatos apresentados e estudados. A relação das coisas-a-saber³³ (PÊCHEUX, 1990) com o multimídia, como no caso do vídeo, faz com que o sujeito seja inserido em um ambiente além do textual escrito, onde o elemento visual imagético é aguçado. Essa mesma situação ocorre com o meme, mas com um importante fator adicionado, que seria o da comunicação informal via mensagens compartilhadas, reproduzidas e ressignificadas de maneira instantânea, que acontece somente devido às características do ambiente, já que essa relação seria reproduzida fora desse contexto de maneira distinta, pois sem “estar filiado à formação discursiva das redes” (COELHO, 2014; 77) a produção de sentidos seria divergente daquela de determinadas condições de produção. Destaca-se, aqui, a espessura do meme, a espessura do discurso mêmico, sua plasticidade na discursividade do digital.

No caso das notícias, há ainda outro fator determinante, já que além do texto e da imagem aliados à facilidade de se comentar, compartilhar e reproduzir tal objeto, o *hiperlink* faz com que uma relação não sequencial de tempo e espaço seja estabelecida, pois a mensagem não se delimita ao *post* do Facebook, mas tem sua significação

³³ Tudo aquilo que os sujeitos precisam saber para viver em sociedade.

expandida pela página externa a que o *link* remete. Portanto, a notícia publicada não acabaria em si, mas em outra página, de maneira não linear, não centralizada, constituindo uma outra fundamental característica do meio, já que não seria possível delimitar onde terminaria o texto e onde se daria o visual, já que o sujeito é remetido a uma outra página, que por sua vez o remeterá a outra ou, ainda, de volta à página inicial. A reorganização discursiva do espaço é o que marca essa temporalidade no digital.

A comunicação sobre ciência exercida na página “*I fucking love Science*” demonstrou trabalhar, em nossa observação, com a utilização integrada de elementos de diferentes suportes e recursos multimídias na construção de suas publicações, estabelecendo um cenário para que os sentidos construídos no meio digital levem consigo essa integralização de modos, formatos e recursos, dadas as condições de produção. Essa formatação – e o sucesso da página analisada – reforça a ideia de que uma comunicação ausente desse pensamento de ação, que se situa na “égide do grafocentrismo” (PINHEIRO, 2015; 211), pode não mais conseguir estabelecer um espaço discursivo em relação ao sujeito historicamente determinado. Sem levar em consideração as condições de produção e a construção de sentidos em diferentes discursos³⁴ atravessados pelo digital, não se rompe com a institucionalização da divulgação científica.

De certo modo, mais uma forma de linguagem, como os memes, pode ser vista como um transbordamento do linguístico, como um excesso, sobretudo quando temos em mente que “nossa formação social é povoada por uma abundância excessiva de linguagens” (ORLANDI, 1995b; 37). Com a abundância, com o transbordamento, essas linguagens estão o tempo todo disponíveis e amplificadas ao infinito, transformando “o que seria uma disponibilidade em uma indisponibilidade radical: ficamos cegos e surdos aos sentidos” (idem), onde a profusão dessas significações as tornaria insignificantes (JENNY, 1990 *apud* ORLANDI, 1995b). Porém o sujeito se move, é itinerante, e perpassa assim como é perpassado pela diferença, habitando e sendo habitado por muitos discursos e formações discursivas (idem). As muitas formas de linguagens, no entanto, são uma necessidade histórica (idem).

³⁴ Efeitos de sentidos entre interlocutores (Pêcheux, 2008).

2. O UNIVERSO DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Há distinções conceituais entre comunicação científica e divulgação científica que precisam ser, antes de mais nada, melhor compreendidas para que se tenha um maior conhecimento sobre o que iremos discutir adiante, que envolve a comunicação sobre ciência e os memes. Para Bueno (2010), a comunicação científica trata-se da disseminação de informações especializadas entre pares, enquanto a divulgação científica cumpre o papel de democratizar o acesso ao conhecimento científico. Podemos encontrar essa posição também em Nunes (2003) ao resgatar Maingueneau (1989) colocando que no discurso de ciência (comunicação científica, na classificação de Bueno), “escreve-se apenas para seus pares que pertencem a comunidades restritas e de funcionamento rigoroso” (NUNES, 2003; 44), tal como uma comunidade acadêmica, por exemplo. Já o discurso de divulgação científica, portanto, teria como objetivo fazer com que um maior número de pessoas, mesmo sem ligação estrita com o campo de trabalho da ciência, tenha acesso aos conhecimentos e informações que envolvem tópicos da ciência e que são produzidos por essa comunidade específica, porém lançadas em direção ao exterior dessa comunidade restrita, como a de cientistas. Essa exterioridade da ciência (ORLANDI, 2010) aponta uma necessidade que a nossa sociedade possui, do modo como se constituiu, em que a “ciência não se limite ao seu espaço de circulação mais restrito e ganhe o espaço social mais amplo. Se exteriorize” (Orlandi, 2010, 12). Authier-Revuz coloca que:

A divulgação científica (doravante D.C.) é classificamente considerada como uma atividade de disseminação, em direção ao *exterior*, de conhecimentos científicos já produzidos e em circulação no *interior* de uma comunidade mais restrita; essa disseminação é feita fora da instituição escolar-universitária e não visa à formação de especialistas, isto é, não tem por objetivo estender a comunidade de origem. (AUTHIER-REVUZ, 1998; 107)

Na “exteriorização da ciência”, de seu conhecimento e informações para um público não inserido no meio, ela, a própria ciência, e tendo “ciência” como uma palavra-discurso³⁵ (ORLANDI, 2013a), “sai de si, sai de suas condições mais próprias e ocupa

³⁵ A palavra-discurso é, na visão de Eni Orlandi, uma palavra que “espreme a coisa, espreme a relação linguagem/mundo” (ORLANDI, 2013b; 24). A palavra-discurso traz consigo uma “acumulação simbólica de diferentes materiais significantes” (idem; 14), com funcionamento da alusão, “mas alusão no sentido forte da palavra, isto é, no da sua força objetivante, que a ideologia faz funcionar: vira coisa, palavra com corpo (idem; 22).

um lugar no cotidiano dos sujeitos. Circula, produzindo seus efeitos de ‘conhecimento’” (ORLANDI, 2010; 12). E o processo de produção de conhecimento é político, já que o sujeito é determinado por um processo histórico (DIAS; COUTO, 2011).

Dentre esse universo de comunicação e divulgação científicas (sem posicionar especificamente o jornalismo científico³⁶) vale, ainda, a posição da autora Authier-Revuz ao colocar que na enunciação da divulgação científica há três lugares com duas extremidades: a Ciência, o público leitor e, entre eles, o divulgador (AUTHIER-REVUZ, 1998). A autora coloca que o “primeiro lugar, aquele da *Ciência*, é ocupado por múltiplas pessoas que se exprimem, concretamente identificadas” (idem, p. 114), tal como nomeadamente os cientistas, “nomes próprios, prestigiosos e intercambiáveis para o leitor-padrão” (idem) capazes de imputar certo nível de seriedade ou mesmo prestígio aos discursos de divulgação científica. O segundo lugar seria ocupado pelo público leitor, na imagem genérica de um “homem aberto, curioso pelas ciências, inteligente, e ainda consciente da distância que o separa dos especialistas” (idem). Por fim, o terceiro ponto é ocupado pelo divulgador, que vai “psiquicamente de um lugar a outro” com a missão de “colocar os dois polos em contato” (idem), um mediador, por assim dizer, que acaba por ter de compreender o modo de funcionando desses dois polos para coloca-los em contato.

Trata-se, desse modo, da reformulação de um discurso fonte em um segundo discurso (ORLANDI, 2010), um discurso outro, reformular um discurso que nasce na ciência e repassá-lo em um segundo discurso, o da divulgação. Trata-se de gestos de interpretação diferentes, um outro gesto, posições diferentes, já que “a divulgação científica é uma versão da ciência” (ORLANDI, 2004; 84):

As operações que aí são investidas, na reformulação são: transferência, resumo, resenha, análises reformuladas em direção a um grupo social, mensagens reescritas em função de um certo alvo etc. No caso da divulgação científica o trabalho da reformulação é explícito, ou seja, ele se mostra como tal, e isto faz parte dos efeitos que se espera do discurso da divulgação científica. Ele mostra os bastidores em que os efeitos da divulgação são produzidos. (ORLANDI, 2010; 15)

³⁶ Na definição do portal “Jornalismo Científico”, a prática do jornalismo científico diz respeito à divulgação científica, à divulgação sobre fatos e informações relacionados à ciência nos veículos de massa seguindo os critérios consolidados da prática e do sistema jornalístico. Definição conceitual disponível no endereço <http://www.jornalismocientifico.com.br/jornalismocientifico/conceitos/jornalismocientifico.php>.

O conceito apresentado é interessante ao nos possibilitar que essas teorizações nos permitam compreender os sentidos produzidos pela maneira como a divulgação científica é formulada, permitindo compreender os discursos, o da ciência, o da divulgação científica e o do público leitor. Tais elementos teóricos permitem a compreensão de um funcionamento desses universos e como eles se colidem, sobretudo quando em meio à quantidade frenética de informações produzidas e ideias compartilhadas ao qual nos acostumamos cotidianamente classificar e chamar de sociedade da informação (CASTELLS, 2006), onde torna-se ainda mais constante a necessidade de situar com mais consolidação o papel da divulgação científica como parte essencial de nossa sociedade, ou como nossa sociedade necessita discutir a comunicação sobre ciência em todos os seus âmbitos.

Essa discussão requer que a comunicação sobre ciência – tanto sua divulgação, comunicação ou seu jornalismo³⁷ – precisa assumir papéis ainda mais determinantes diante de uma sociedade que, atualmente, é capaz de receber inúmeras colocações adicionais: digital, conectada, participativa, informívora³⁸, complexa ou, quem sabe, uma sociedade que ainda está se tornando democrática, e vê na comunicação científica uma importante aliada estratégica para inserir o sujeito em um cenário, talvez, mais participativo, sem que, para isso, precisemos ficar restritos ao já-dito³⁹, pelo pré-construído, o repetível (ORLANDI, 2008; 112) de que o sujeito é sempre leigo em relação à ciência. Orlandi posiciona que:

[...] “a divulgação científica reforça a existência e a representação social da ciência. Na escola, portanto, essa forma de discurso pode ser o modo de introduzir o aluno na produção científica, que, a partir daí, fará seus diferentes trajetos em diferentes níveis de conhecimento e especialização. (2010; 18)

³⁷ Para esta pesquisa a concepção de comunicação e divulgação científicas, assim como a definição de jornalismo científico, serão trabalhadas de maneira mais ampla, com definição geral e não específica para cada elemento. A posição, portanto, nada deve ferir as concepções conceituais e tampouco tem intenção de interferir em suas formulações, apenas será utilizada como método de exposição, já que o foco da pesquisa não é trabalhar, de maneira definitiva, tais terminologias e suas definições.

³⁸ A terminologia informívoros tem como origem as pesquisas do psicólogo canadense Zenon W. Pylyshyn, que já em 1984 observava características do comportamento humano quando em busca de informações e conhecimento semelhantes à busca de animais por alimento (BONITO, 2007).

³⁹ Orlandi coloca que “a noção de interdiscurso traz para a reflexão sobre a linguagem a consideração do inconsciente e da ideologia. Em sua definição, o interdiscurso é o já-dito que sustenta a possibilidade mesma de dizer: conjunto do dizível que torna possível o dizer e que reside no fato de que algo fala antes, em algum outro lugar (ORLANDI, 1998; 09). Para a autora, para que nossas palavras tenham sentido é precisa que elas já tenha sentido, já que “ao falarmos nos filiamos a redes de sentido” (idem).

A ideia de uma ferramenta “aliada” parte da concepção de que a comunicação sobre ciência pode – e deve – ser usada de maneira a interferir na vida cotidiana das pessoas, sobretudo àquelas não pertencentes aos círculos científicos ou acadêmicos, e não mais ser usada apenas e unicamente de maneira expositiva, como muito já se aceitou, pois “até recentemente, a cultura do difusionismo, da divulgação científica, era considerada satisfatória” (CALDAS, 2003; 73). A posição que jornalistas e divulgadores de ciência possuíam era de meros tradutores, acríticos, sem contextualização dos procedimentos, métodos e, principalmente, suas implicações políticas (CALDAS, 2003).

Quando mencionamos a ideia de um sujeito mais próximo, participativo, por assim dizer, entendemos um sujeito que compreenda que os processos que envolvem a ciência e a tecnologia não são meros instrumentos de laboratórios, mas sim procedimentos presentes nas suas mais corriqueiras atividades diárias. Um deslocamento desse sujeito pode fazê-lo enxergar na comunicação científica um importante instrumental para uma possível construção de uma sociedade que tende a se posicionar como sólida em diversos pontos, como social e educacional e, sobretudo, pode trazer indícios para que se compreenda que ciência não trata-se apenas de ficção científica e que tecnologia não se resume somente a aparelhos com tela *touch screen*, conseguindo enxergar nessa comunicação sobre ciência uma “alavanca possivelmente e eficientemente estruturada”, em uma visão pragmática. Do ponto de vista discursivo, a comunicação sobre ciência pode produzir acontecimentos na vida dos sujeitos, fazendo com que, a partir desse “contato” com o discurso científico, seja desencadeado, para o sujeito, um processo de produção de sentidos diferente, capaz de fazer qualquer sujeito se relacionar com a ciência, através da informação sobre ela.

A percepção do papel educativo da mídia na formação da opinião pública e geração de uma consciência crítica sobre a influência da ciência e da tecnologia no mundo moderno é fundamental para o exercício pleno de uma cidadania ativa” (CALDAS, 2003; 73)

Nesse ponto, uma sociedade no contexto atual requer desse sujeito um deslocamento, ou seja, o papel da comunicação científica não deve estar limitado a disparados aleatórios de informações sobre ciência e tecnologia como se o intuito fosse um mero índice quantitativo ao invés de um desenvolvimento qualitativo; a necessidade de se inserir a ciência e a tecnologia na vida do sujeito perpassa pela ideia de uma

comunicação científica capaz de contribuir para se ter sujeitos mais críticos e reflexivos, seja acerca do cenário como um todo ou em seus microcosmos de atuação. Essa divulgação sobre ciência pode contribuir (produzindo instrumentos) para que os sujeitos sejam incluídos no debate (de forma participativa, por exemplo) de tópicos temáticos especializados que poderiam servir como instrumentos para que os sujeitos se apropriassem desse conhecimento socialmente produzido e o significassem, produzissem sentidos, e é esse ponto que entendemos como um cidadão “cientificamente participativo”.

Entretanto é preciso ter em mente que para que essa “participação” do sujeito possa ser relacionada com a divulgação científica deve-se observar os aspectos da leitura, uma vez que “o cerne da produção de sentidos está no modo de relação (leitura) entre o dito e o compreendido (ORLANDI, 2008; 102), por um sujeito historicamente determinado (idem). A compreensão, nessa perspectiva, é saber que o sentido poderia ser outro, já que “a compreensão, no entanto, supõe uma relação com a cultura, com a história, com o social e com a linguagem, que é atravessada pela reflexão e pela crítica” (idem; 117):

O sujeito que produz uma leitura a partir de sua posição, interpreta. O sujeito-leitor que se relaciona criticamente com sua posição, que a problematiza, explicitando as condições de produção da sua leitura, compreende (ORLANDI, 2008; 117)

A divulgação científica pode servir de instrumento para que, com isso, sujeitos historicamente determinados possam se relacionar de alguma forma-outra com o lugar da ciência, compreendendo, ou seja, “refletindo sobre a (e não refletindo a) função do efeito do eu-aqui-agora” (idem; 116), tendo por base o sujeito e as condições de produção do enunciado. O sujeito é definido pelo “lugar do qual ele fala em relação aos diferentes lugares de uma formação social” (idem; 109), e as condições de produção do enunciado constituem-se na “relação da sequência discursiva com o sujeito e com a situação, relação dos interlocutores com a ideologia numa conjuntura histórica dada (idem; 110).

2.1. Fazer e dizer o que se faz

A lógica de incumbir à comunicação científica parte do papel fundamental de se produzir instrumentos que possam ser apropriados por sujeitos historicamente determinados na construção de uma relação-outra com o lugar da ciência pode ser ilustrada, com ressalvas, na colocação do então magnata Rockefeller, que com sua reformulação de empresário impositivo à empresário socialmente aceito (tornando-se, inclusive, um exemplo a ser seguido na comunicação empresarial), inseriu a ideia de que não bastava apenas fazer a coisa certa, mas que era preciso dizer às pessoas que você estava fazendo a coisa certa. A ideia era basicamente um pensamento de relações públicas, mas que, aqui, cabe na comunicação científica: não basta fazer ciência, é preciso informar ao mundo o que se está “fazendo” sobre ciência e tecnologia, e, principalmente, como isso pode afetar a vida das pessoas, seja indiretamente (na qualidade de vida, por exemplo) ou diretamente (com informações para o dia a dia).

Porém, ter acesso a esse conhecimento (ou ter acesso às informações relacionadas aos universos da ciência e da tecnologia) não faz com que o sujeito tenha o conhecimento de um determinado tópico, já que “você não conhece X, você sabe que X. É um efeito de informação” (ORLANDI, 2010; 12). A divulgação científica deve ser capaz de levar essas informações ao exterior da comunidade científica, fazer com que esse conhecimento circule, mas sem perder a ótica de que saber que X seria como saber X (informar-se) funciona apenas no imaginário (ORLANDI, idem). É possível que tenhamos contribuições significativas na vida de um sujeito ao ter determinado acesso ao que se produz sobre ciência e tecnologia, mas é convencional compreender que informar-se, no modo como o contexto atual, midiático-conectado, não faz com que o sujeito saiba X, mas que saiba que X. Ademais, não é possível determinar que o sujeito compreenda isso ou aquilo, pois quem escreve significa (na ótica da divulgação científica, do divulgador), mas quem lê também produz sentidos, mas não de maneira abstrata, arbitrária, mas em condições determinadas. Trata-se da constituição dos processos de significação (ORLANDI, 2008):

[...] quando lemos estamos produzindo sentidos (reproduzindo-os ou transformando-os). Mais do que isso, quando estamos lendo, estamos participando do processo (sócio-histórico) de produção dos sentidos e o fazemos de um lugar social e com uma direção histórica determinada (ORLANDI, 2008; 101)

Desse modo, o pensamento de não só fazer, mas também informar, exteriorizar o conhecimento a diversas alocações, fazer com que o conhecimento circule, jamais deve colocar à comunicação científica um papel com caráter estritamente educador e informativo. Deve-se ter cautela e não enxergar tal relação como único requisito para a construção de uma sociedade mais participativa ou, de fato, mais democrática, já que a divulgação sobre ciência e tecnologia deve servir como um dos pilares, e não como estrutura única. Isso ocorre porque essa sociedade capitalista está inserida em um contexto pós-industrial, caracterizado pela abundância de informações e pela facilidade com que compartilhamos ideias na rede, e uma sociedade digital e conectada torna-se mais complexa, mais informacional e frenética, resultando em exigências muitas vezes aleatórias, como colocar à ciência todas as esperanças por uma sociedade melhor, no sentido de mais justa, progressiva, sendo que a lógica de pensamento não deve se limitar no que a ciência faz ou pode fazer, mas sim no uso das informações científicas por parte dessa sociedade, ou, melhor dizendo, em como as informações sobre ciência são construídas e se relacionam com os sujeitos, podendo mudar a forma como o conhecimento é construído, como a informação é significada, já que ao “dizer de modo diferente podemos estar significando diferentemente o fato em questão” (ORLANDI, 2010; 15), já que “os sentidos não caminham em linha reta. Eles saem da linha. Em muitas e diversas direções. Ao mesmo tempo. De forma dispersa. Caótica mesmo (ORLANDI, 2008; 114).

“O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc. não existe em si mesmo (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante) mas é determinado pelas posições ideológicas postas em jogo no processo social-histórico em que as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). Poder-se-ia resumir esta tese dizendo: as palavras, expressões, proposições etc. mudam de sentido segundo as posições mantidas pelos que as empregam, o que significa que elas tomam seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem (PÉCHEUX, 1975 *apud* ORLANDI, 2008)

O uso dessas informações sobre ciência e tecnologia está intrinsecamente ligado ao modo de atuação da comunicação científica, ou seja, a sociedade contemporânea, digital e conectada, exigente e frenética, não espera apenas por “traduções de informações”, como se a ciência fosse algo traduzível, como se o leitor/sujeito fosse passivamente esperar por uma “cápsula” pronta de conteúdo.

Se, de um lado, essa forma explícita de dizer garante que é de ciência mesmo que se está falando, ela produz ao mesmo tempo a imagem de que esse conhecimento “reformulado” é um conhecimento só aproximativo. Mas mesmo assim esse discurso cumpre uma sua função fática importante: ainda que aproximativo, ele garante que a comunicação se faça, entre diferentes interlocutores, garantindo a coesão social, dando aos leitores uma representação confortável de sua posição relativa à ciência. (ORLANDI, 2010; 17)

Aliás, talvez seja essa um dos principais papéis para a comunicação científica: a reconfiguração de sua atuação, passando de mero divulgador ou expositor de fatos, dados e informações para um instrumento que envolva reflexão crítica, ideias e, acima de tudo, conhecimento, já que a “divulgação científica se representa como o alargamento de conhecimentos científicos de uma comunidade restrita para seu exterior” (ORLANDI, 2010; 15). Nesse ponto, engloba-se, por exemplo, algo que iria além da tradução, resumo ou resenha, mas reconfigurações que trabalhem, por exemplo, com “textos pedagógicos adaptados a este ou àquele nível, análises políticas reformuladas ‘na direção de’ tal ou tal grupo social, mensagens publicitárias reescritas em função do ‘alvo’ visado etc” (AUTHIER-REVUZ, 1998; 108). Porém tais reformulações devem se apresentar como um discurso de divulgação científica, produzindo uma imagem, uma representação de sua própria produção (ORLANDI, 2010)⁴⁰, e não apagar o ensino de ciência (no caso da escola, por exemplo), levando o discurso do cientista próximo ao discurso midiático (idem).

Nessa “reformulação representada” o discurso de divulgação científica se legitima (legitima sua relação com a ciência) ao demonstrar sistematicamente como se passa de um discurso (o da ciência) para um outro:

[...] vemos sempre a reformulação se fazendo e isto se encena para o leitor de forma que ele possa apreciar as idas e vindas de um discurso de especialista para o discurso comum. O que lhe dá garantias de que ele está todo o tempo fazendo a travessia da ciência, embora não permaneça nela como o faz o especialista com sua metalinguagem. (ORLANDI, 2010; 17)

Com isso, como aponta Orlandi (2010), deve-se garantir que novas formas de conhecimento sejam produzidas e, do outro lado, novos modos de inserção desse

⁴⁰ E que, para Eni Orlandi, o discurso de divulgação científica se difere do discurso pedagógico ou científico, pois usa como base a menção, enquanto nos primeiros casos temos o trabalho com definição.

conhecimento na sociedade sejam elaborados, desenvolvidos e até mesmo estimulados. Deve-se, no entanto, com isso, observar que nessas reformulações implicam modificações que podem ser substancialmente sentidas na significação de um texto, já que “qualquer modificação na materialidade do texto corresponde a diferentes gestos de interpretação” (ORLANDI, 1996; 14). E quando há modificação na materialidade do texto – e no gesto de interpretação, com isso – é resultado diferentes recortes de memória, relações com a exterioridade e, inclusive, diferentes posições do sujeito (idem). Isso pode ser sentido no objeto desse estudo, os memes enquanto componentes discursivos de divulgação científica, que sofrem com alterações e replicações do mesmo e do diferente, a paráfrase e a polissemia, “dois eixos que constituem o movimento da ignificação entre repetição e a diferença” (idem), que rompem com a comunicação institucionalizada sobre ciência, resultando em interpretações, significações diferentes, deslocamentos de sentido:

A interpretação está presente em toda e qualquer manifestação da linguagem. Não há sentido sem interpretação. Mais interessante ainda é pensar os diferentes gestos de interpretação, uma vez que linguagens, ou as diferentes formas da linguagem, com suas diferentes materialidades, significam de modos distintos. (ORLANDI, 1996; 9)

O discurso mêmico desestabiliza a posição-leitor por muito já fixada, já que trabalha com um séquito de recursos que se modificam e são modificados constantemente (diferentes materialidades que resultam em gestos de interpretação diferentes). Apesar da leitura ocidental, da direita para a esquerda e de cima para baixo, o meme convida o leitor a romper com essa forma de leitura já posta, já que utiliza de recursos que podem “saltar” mais que outros ou, ainda, variando de quem irá lê-lo. Desse modo, podemos “ler” primeiro suas cores, seu formato, suas personagens ali inseridas, a presença ou ausência de frase escrita, seus recortes e suas colagens, suas paráfrases e polissemias. O rompimento na forma de uma leitura já posta faz com que os sentidos possam partir para qualquer direção (assim como a não linearidade da leitura, quando comparada ao que se requer de um texto escrito, por exemplo). É possível se estabelecer “formulações divergentes no mesmo espaço de significação” (ORLANDI, 2003). Essas formulações de sentido não se excluem uma a outra, mas juntam-se, dispersam-se. Tudo ao “gosto” do leitor (idem). “Os sentidos [...] não se diluem e desaparecem, nem se instituem e permanecem, mas estão sempre em movimento, movimento da historicidade - deriva e memória (DIAS & GRECCO, 2016; 50).

Desse modo, os novos modos de produção de conhecimento na sociedade, quando se pensa o discurso mêmico que trabalha com divulgação científica, vale colocar que não se trata de mera “publicização” de informações científicas, “mas de produção de uma ordem discursiva distinta daquela do direito autoral e da institucionalização” (DIAS & GRECCO, 2016; 48). Com isso, a partir dessa produção de uma ordem discursiva distinta o “sentido da circulação do conhecimento científico se constitui pela colaboratividade” (idem), não de forma necessariamente conjunta, no sentido de comunidade ou convivência, “mas no sentido da conectividade” (idem). Há uma resignificação da divulgação científica agora deslocada e não institucionalizada, atravessada pela discursividade do digital: desloca-se escrita, autoria, leitura, produção e circulação dada à essa colaboratividade.

2.2. A divulgação contemporânea de ciência

Partindo da ideia de que não basta apenas consumir (ou ter contato) com um determinado “número de conhecimento” sobre ciência e tecnologia para podermos considerar que um indivíduo sabe X, e não que sabe que X, é preciso ter em mente que “a interpretação é aberta e a significação sempre incompleta em seus processos de apreensão” (ORLANDI, 2013a; 3).

Esse ponto é interessante para resgatarmos, mais uma vez, a ideia de que a compreensão e sua divulgação, o modo como se dá a relação entre divulgação- interpretação é fundamental para que um sujeito seja capaz de construir uma reflexão a respeito (capaz de refletir sobre algo), ou seja, que signifique, (re) signifique e se signifique. Para que o sujeito compreenda, ele deve se relacionar com os diferentes processos de significação que ocorrem no texto (ORLANDI, 1995a) – ou no meme que divulga ciência, pois é um objeto de interpretação (idem). Nesse relacionamento, queiramos ou não, quando parte dos chamados públicos-leitores, estamos participando de um processo que resulta na institucionalização dos sentidos (ORLANDI, 2008), sentidos ideologicamente construídos, que não se originam no sujeito, mas que são retomados por ele (idem):

“Os sentidos não nascem *ab initio*. São construídos em confrontos de relações que são sócio-historicamente fundadas e permeadas pelas relações de poder com seus jogos imaginários. Tudo isso tendo como pano de fundo e ponto de chegada, quase que inevitavelmente, as instituições. Os sentidos, em suma, são produzidos” (ORLANDI, 2008; 103).

A importância desse tópico se dá na medida em que a discussão acerca da divulgação científica como parte do processo diário e cotidiano de um sujeito em sociedade, ou seja, um indivíduo, nunca se deu de forma tão intensa e densa. Seria a simples comunicação sobre ciência e tecnologia o estopim capaz de desenvolver habilidades específicas nos indivíduos, fazendo com que os mesmos se tornem mais ativos científica (com um grau maior de conhecimento crítico sobre) e politicamente? Simples, aqui, deve ser entendido como “único processo”, ou seja, se apenas um único modo ou uma única adição seria capaz de tamanho impacto na vida desses indivíduos situados coletivamente em torno de uma sociedade moderna estruturada e altamente dependente da tecnologia e, mesmo que não explicitamente (aos olhos gerais, leigos) da ciência.

Desse modo, com a contínua presença das novas tecnologias em nosso modo de vida cotidiano, é possível extrair como resultante desse processo a ideia de que tais tecnologias já não são “novas”, devido ao significativo grau crescente de presença⁴¹ em nossa sociedade e, portanto, é preciso retirar a novidade do termo “novos leitores”, pois o que temos de novo, nesse aspecto, são hábitos de consumo e produção da informação; já os leitores não são, necessariamente, novos, já que englobam leitores novos (em idade) e leitores habituais que modificaram ou estão modificando, desse modo, suas práticas.

E com essa contínua presença das tecnologias no nosso modo de vida cotidiano aliada a uma concepção geral de que já não se produz, não se consome e não se compartilha informação como antes, já que as condições de produção e o contexto histórico em que o sujeito está inserido é outro, realizar uma releitura de como a divulgação científica tem se pautado por essas balizas se faz necessário para um maior entendimento na forma como essa sociedade enxerga a tecnologia, a ciência e, sobretudo, a forma como o casamento entre ciência e tecnologia chega até essa sociedade no formato de divulgação científica.

Porém, o modo com que esses conhecimentos são apresentados a um determinado público pode influenciar a maneira como são assimilados, significados e,

⁴¹ A presença das tecnologias em nosso dia a dia, como no trabalho, na universidade, no uso com outros sujeitos e na própria relação do sujeito com essa tecnologia, sempre presente, indissociável do corpo, seja representada por um aparelho, como um *smartphone* ou, ainda, pelos processos que a envolvem, como impactos na maneira de se escrever um texto, de pensar a reformulação de um desenho e até mesmo no estabelecimento de uma amizade “virtual”. Ver o sujeito, hoje, não é mais vê-lo, mas sim ver sua representação digital no universo conectado, como um avatar, assim como conversar com um sujeito requer apenas uma troca de informação via aplicativo, e não mais um encontro, uma ligação telefônica etc.

ainda, compartilhados, já que uma sociedade conectada faz do uso dos mecanismos e ferramentas de compartilhamento e redistribuição uma de suas grandes virtudes. Há como apresentar informações científicas para um grupo de cientistas, para um grupo de técnicos, para um grupo de leigos ou, ainda, tais informações podem ser apresentadas por cientistas, jornalistas e até mesmo leigos que queiram se aventurar por esses campos. Cada vertente resulta em tantas outras diferentes e ainda mais ramificadas, porém cada uma tem sua maneira e modo de influenciar a significação desse saber por parte de outros interlocutores, sujeitos. É dado que “o signo pede assim a co-presença de indivíduos (autor/leitor) no quadro das relações sociais (e não fora delas), no confronto de forças políticas e ideológicas (ORLANDI, 2008; 102), mas é importante observar que:

[...] há muitos modos de significar e a matéria significante tem plasticidade, é plural. Como os sentidos não são indiferentes à matéria significante, a relação do homem com os sentidos se exerce em diferentes materialidades, em processos de significação diversos: pintura, imagem, música, escultura, escrita, etc. A matéria significante – e/ou a sua percepção – afeta o gesto de interpretação, dá uma forma a ele. (ORLANDI, 1996; 12)

Nos processos de significação diversos encontramos discursos que derivam para outros discursos possíveis, onde a história trabalha seus equívocos (ORLANDI, 1998). A divulgação científica não foge desse cenário, já que os sentidos sempre estão em curso, resultando em possibilidades de fuga dos sentidos, com muitos textos possíveis num “mesmo” texto (idem). Quando retomamos o objeto de análise deste estudo, o discurso mêmico, a replicação e alteração de suas estruturas em um ambiente com características de condições de produção atravessadas pelo digital e pelo discurso eletrônico, esse discurso de divulgação científica em formato de meme (forma material do discurso mêmico na materialidade digital) é um “bólide de sentidos” (idem), assim como o texto, já que ele parte em múltiplos planos significantes (idem). Diferentes versões de um meme resultam em novos produtos significantes. Um meme sempre remete a outros memes, a outros discursos dispersos no tempo, simulando um passado, reinterpretando-o, “fazendo emergir efeitos temporais de diversas ordens” (NUNES, 2007; 04). “Compreender a temporalidade significa atentar para as diferentes temporalidades inscritas no discurso, mostrando as relações entre elas e os efeitos de sentido que aí se produzem” (idem).

“Praticar a compreensão na leitura é não somente levar em consideração uma ou outra interpretação, mas ter em vista os “conflitos” de interpretação. É

atentar para os vários direcionamentos de sentido que funcionam em um mesmo espaço discursivo” (NUNES, 2007; 03)

Um meme é um objeto inscrito na relação da língua com a história (COURTINE, 1982 *apud* ORLANDI, 2008). O discurso mêmico, desse modo, é a materialização do “contato entre o ideológico e o linguístico no sentido em que ele representa, no interior da língua” (idem).

2.3. A divulgação de ciência nos parâmetros digitais

Parte-se do pressuposto de que para um sujeito historicamente determinado inserido na sociedade capitalista construir sua capacidade de compreensão científica é preciso que essa mesma sociedade construa condições de produção específicas para que ele a desenvolva de forma ampla, não linear e complexa, envolvendo aspectos que vão desde experiências vivenciadas (de forma particular ou em grupo), até a prática e relação com o conhecimento escolarizado, fatores que são constitutivos as condições de produção da leitura, uma vez que a leitura é produzida (ORLANDI, 1983). A leitura produzida pelo sujeito é determinada conforme sua posição, conforme a inscrição e as características sócio-históricas desse sujeito (ORLANDI, 2008). Quando o sujeito produz uma leitura a partir de dada posição ele interpreta, quando ele se relaciona criticamente com sua posição, ele compreende (ORLANDI, 1999).

A leitura, como processo produzido, não pode se limitar à compreensão apenas de textos escritos, mas também – e, sobretudo – imagens e vídeos, já que a leitura do verbal deve ser alinhada à leitura da imagem, do visual⁴². O espaço instaurado da discursividade (idem) ocorre no momento em que há interação entre os interlocutores (autor e leitor), e isso ocorre na leitura tanto de textos escritos quanto de imagens. A leitura, desse modo, é o momento crítico da constituição do texto (ou da imagem), momento em que advém o processo da interação entre os interlocutores, onde, ao se identificarem como interlocutores, desencadeia-se o processo de significação (ORLANDI, 1983). A unidade significativa (texto ou imagem) é o centro comum em que

⁴² Orlandi coloca que o discurso não deve ser pensando como uma sequência de frases, textos ou representações, mas sim como uma prática, uma mediação entre o homem e sua realidade natural e social (ORLANDI, 1995b; 46). Desse modo, “a noção de prática permite que se estenda a reflexão sobre os processos de produção de sentidos sem o efeito da dominância do verbal, já que por ela não trabalhamos mais com textos mas com práticas discursivas (sejam verbais ou não) (idem).

ocorre esse processo de interação entre interlocutores (ORLANDI, 1982). Embora o momento da produção do texto (escrita) e o momento de sua leitura sejam distintos, na escrita o leitor já está inscrito e, na leitura, o leitor interage com aquele que o escreveu, o autor (idem). Definindo-se em suas condições de produção, autor e leitor são confrontados, o que resulta na configuração do processo da leitura (ORLANDI, 1983).

Com isso, tendo como pano de fundo a ideia de devido às configurações sócio-históricas com base, sobretudo, na presença mais intensa da tecnologia na sociedade, é preciso pensar além de um conhecimento científico que circule com base em uma estrutura grafocêntrica, pois a prática de produção social do conhecimento – já que ele não é adquirido, mas construído socialmente⁴³ – necessita, hoje, abraçar um séquito mais denso e complexo de diferentes formatos, e o discurso mediador entre sujeito e ciência deve levar em conta esses aspectos.

Nesse ponto, até para trabalharmos com a leitura tanto em textos escritos como imagens e vídeos na divulgação científica, é importante o resgate, como mais um necessário ponto de reflexão, acerca do que seria a divulgação científica em outra definição conceitual. Na concepção de Zamboni (1997):

A divulgação científica é entendida, de modo genérico, como uma atividade de difusão, dirigida para fora de seu contexto originário, de conhecimentos científicos produzidos e circulantes no interior de uma comunidade de limites restritos, mobilizando diferentes recursos, técnicas e processos para a veiculação das informações científicas e tecnológicas ao público em geral. (1997;69)

É possível observar a ideia de compartilhamento, divulgação, difusão de um dado conhecimento científico, até então originário dentro de um segmento específico e alocado para outro ponto, o do público exterior, não detentor dessas informações, muito menos participativo em seu processo de criação. Porém, como colocado pelo próprio autor, de modo conceitualmente genérico, pois a divulgação científica necessita englobar, além dos pressupostos apresentados, a ideia de reflexão, crítica, explicação, contextualização ou, até mesmo, o simples fato de oferecer ao público o acesso a determinado conhecimento sobre ciência, fazer com que esse conhecimento circule. Dessa posição, coloca-se que a divulgação científica traz um importante papel na

⁴³ A Análise de Discurso não trabalha com a ideia de que os conhecimentos estão prontos e possam ser assimilados pelo sujeito, pois parte da concepção de que os conhecimentos circulam e os sujeitos produzem um dado sentido a esses conhecimentos, a partir da relação que o sujeito tem com esses conhecimentos e demais saberes (ORLANDI, 2006a).

circulação desse conhecimento, parte fundamental do próprio processo de construção da ciência, onde seus atores (jornalistas, cientistas ou até mesmo simples divulgadores, leigos ou especialistas) acabam assumindo um caráter de mediadores de uma dada incompreensão no que tange o diálogo entre ciência e o público (ZAMBONI, 1997).

Essa comunicação traz consigo uma divulgação *sobre* a ciência e não *para* cientistas⁴⁴. Esse repasse de um discurso para um discurso segundo direcionado a um público fora desse contexto de produção científica tem a intenção de, segundo José Reis, “comunicar ao público, em linguagem acessível, os fatos e princípios da ciência” (Reis *apud* Zamboni, 1997; 74). Porém não devemos resumir a comunicação sobre ciência a um mero processo de comunicação, no sentido de emissor-mensagem-receptor, já que as informações não são transmitidas, pois o que se tem são efeitos de sentido entre locutores (PÊCHEUX, 1969 *apud* ORLANDI, 2008), o chamado efeito leitor (ORLANDI, 2008). Quando se pensa em transmissão de informação torna-se a linguagem transparente e reforça-se a ideia de que os sentidos seriam propriedades próprias, particulares, seja do autor ou do leitor. Pelo contrário, os sentidos são constituídos em uma relação de troca entre os interlocutores. Não nascem nem se extinguem no momento da fala (*idem*). O que temos, aqui, é uma circulação de dizeres que produzem efeitos de sentidos para certos sujeitos, já que “os sentidos são, pois partes de um processo” (*idem*), são constituídos em um dado contexto mas não se limitam a ele, já que possuem historicidade, têm um passado e se projetam num futuro (*idem*).

Na divulgação científica formulada para um público que faz amplo uso das ferramentas digitais, a utilização de recursos de diferentes materialidades significantes se torna fundamental na medida em que tal meio possui uma linguagem multimídia por concepção, já que se trata de um ambiente reconhecido por sua capacidade de aliar diferentes formatos na formulação e estruturação de sua linguagem digital (condições de produção do digital). A concepção de texto e imagem, sobretudo em um cenário digital conectado em rede, vem estabelecendo uma relação cada vez mais próxima, mais integrada. Dionísio (2006) coloca que “com o advento de novas tecnologias, com muita facilidade se criam novas imagens, novos *layouts*, bem como se divulgam tais criações para uma ampla audiência” (*idem*, p.132), o que demonstra que falar sobre ciência e tecnologia nesse contexto faz com que o “comunicador científico” tenha a chance de

⁴⁴ A ideia da divulgação *para* cientistas condiz com um pensamento sob a ótica do leigo, na qual a ciência seria divulgada de forma que só “cientistas” entenderiam. A comunicação entre pares (entre cientistas) não é divulgação, mas sim comunicação científica, conceito esse já apresentado anteriormente.

atingir audiências consideráveis, mas sobretudo com a utilização de elementos multimodais e multimídia, já que, “sob muitas e diferentes formas, a internet tem sido proclamada um ‘novo espaço’ para a divulgação científica” (MACEDO, 2003; 123).

A forma com que o sujeito determinado historicamente se relaciona com a produção de conhecimento sobre ciência (e sua circulação) é modificada pelo digital, dadas as condições de produção. Produz-se outros sentidos sobre o lugar da ciência e sua circulação, desloca-se o sujeito em relação à circulação do conhecimento científico. O digital modifica a relação do sujeito com a divulgação científica, produzindo efeitos outros, configurando essa relação de uma forma diferente, ressignificada. A relação já posta da leitura institucional, por exemplo, editorial e fechada, agora perpassa pela leitura móvel, de locais e modos distintos. O lugar da ciência e a comunicação sobre ciência passam a significar de uma outra maneira. A ciência, enquanto palavra discurso, significada pela materialidade digital, tem ressignificada sua relação com o sujeito, filiando-se a outras redes de sentido, a uma formação discursiva diferente, produzindo efeitos de sentidos também diferentes.

Desse modo, o comunicador científico, ao ter como base a disseminação de conteúdo sobre ciência em um ambiente digital conectado, deve levar em consideração um cenário muito mais amplo do que a mera publicação de informações em dada página na internet ou mídia social digital conectada em rede, pois os avanços na produção e disseminação de conhecimento não estão limitados em si próprios, já que “cada grande avanço em um campo tecnológico específico amplifica os efeitos das tecnologias de informação conexas” (CASTELLS, 2006:82), ou seja, o acompanhamento da divulgação sobre ciência está relacionado, diretamente, não só ao acompanhamento da evolução de hábitos de leitura e consumo de informações por parte do público em um palco de grande conectividade, mas também de um acompanhamento a todo um processo tecnológico que impacta diretamente na forma como esse público constrói sentidos, significa, interpreta. Interpelados pela ideologia do discurso digital, o sujeito, ao interpretar, evidencia os efeitos da ideologia em funcionamento, já que o ato de interpretar trabalha de maneira indissociável da ideologia (ORLANDI, 1996). O espaço da interpretação é o espaço da falha, do equívoco, do trabalho do inconsciente e da ideologia (ORLANDI, 1998). Assim como a quantidade é estruturante e constitutiva do discurso digital, o equívoco constitui o linguístico não como mero acidente, mas como fator incontornável, estruturante (idem; 11). O equívoco em relação ao sujeito sempre remete ao inconsciente, já quando o equívoco é em relação à histórica incide sobre a ideologia (idem).

3. O UNIVERSO MÊMICO

Trabalhar com a conceitualização do discurso mêmico se faz necessária, sobretudo, a quem não é familiarizado com o termo e seu significado na perspectiva da discursividade do digital. Nosso intuito é o de compreender o funcionamento do discurso mêmico, apontando suas características e efeitos, descrevê-lo e interpretá-lo a partir do método da Análise do Discurso, consistindo em um trabalho de leitura, descrição e interpretação, a partir da relação entre teoria, método e procedimentos, procurando compreender o funcionamento discursivo desse discurso em relação à divulgação científica.

Com isso, este trabalho não tem como pressuposto revisitar toda a teoria em volta dos memes, seja ela na historicidade dada pelo digital ou na proposta elaborada por Richard Dawkins⁴⁵, até porque nosso recorte de pesquisa é delimitado, não abrangendo nem sequer diferentes plataformas (trabalharemos apenas com a rede social Facebook, e não iremos nos associar a *blogs* ou demais canais) e tampouco iremos nos debruçar nas ramificações dos memes dentro do próprio Facebook, já que nossa proposta é fazer um recorte específico, de uma página específica e com objetivos específicos de análise.

Desse modo, procuramos trazer elementos, conceitos e definições que auxiliem no entendimento da terminologia trabalhada, mas não só isso, como procuraremos expor nosso próprio entendimento acerca da terminologia meme, já que compreendemos que sua definição também sofre alterações e reafirmações constantes, deslocamentos de sentido e ressignificações conforme a palavra no mundo, não sendo adequado fazer uso igualmente constante das mesmas classificações para entender algo com produção de sentidos substancialmente recentes⁴⁶ e, sobretudo, que tem se alterado ainda em percurso, ainda em movimento, seja na definição pura e simples ou, ainda, no recorte dessa pesquisa, já que a “significação é um movimento, assim como a identidade é um movimento (ORLANDI, 1995b). Desse modo, é importante frisar essas modificações em curso que estão ocorrendo para realçar a importância de se compreender de forma mais específica, ao nosso olhar, tais definições.

⁴⁵ Precursor da terminologia meme.

⁴⁶ Apesar dos memes, na contextualização do universo digital conectado em rede, com suas características próprias de condições de produção, terem sua terminologia originada de outra área (os memes de Dawkins), não tão recentes, os memes nas condições de produção do digital são substancialmente recentes em relação às suas aplicações, propiciadas então pelo ambiente (as redes sociais digitais, por exemplo) disponíveis em um recorte de tempo relativamente pequeno.

Ademais, a significação deve levar em conta as materialidades, ou seja, o processo de significação sócio-histórico dos objetos. O meme na concepção de Dawkins e o discurso mêmico na perspectiva discursiva do digital trabalham em condições de produção e materialidades específicas, se inscrevem na história de maneiras distintas, e a significância não é estabelecida na indiferença aos materiais que a constituem, pelo contrário, “é na prática material significante que os sentidos se atualizam, ganham corpo, significando particularmente” (idem, 1995b; 35). Sendo movimento, a significação trabalha na história, e por isso diferentes linguagens com suas matérias significantes diferentes são constitutivas da história (idem).

O sentido tem uma matéria própria, ou melhor, ele precisa de uma matéria específica para significar. Ele não significa de qualquer maneira. Entre as determinações - as condições de produção de qualquer discurso - está a da própria matéria simbólica: o signo verbal, o traço, a sonoridade, a imagem etc. e sua consistência significativa. Não são transparentes em sua matéria, não são redutíveis ao verbal, embora sejam intercambiáveis, sob certas condições. Quando isso se faz, produz-se uma paráfrase (S. Serrani, 1993) (ORLANDI, 1995b; 39)

Com isso, em uma primeira análise superficial, seria possível conectar de forma extremamente simplória e com um recorte bem direcionado (intencionalmente) a definição de meme criada por Richard Dawkins, com a definição empregada atualmente, nas condições de produção do digital, pois ambas definições se baseariam em algo que faz uso da imitação (ou reprodução) para se propagarem. Aliás, há, se observarmos com a cautela necessária, uma definição do próprio conceito dentro das próprias definições de conceitos, ou seja, o termo meme empregado nas comunicações e exposições em redes sociais atualmente é um empréstimo do termo meme proposto por Dawkins, que por sua vez é um termo com origem na ideia de gene, dessa vez historicizado na biologia. A própria ideia de definição do que seria meme é feita através da replicação, imitação, reprodução, readaptação, transformação, ressignificação e deslocamentos de sentido.

Um dos pontos marcantes das definições conceituais são referentes à imitação, a ação de um sujeito copiar a outro ou um grupo de sujeitos copiar a outro, além da transmissão do componente que contém a informação (canção, hábito, ideia, habilidade, costume) através de posicionamentos culturais, ou seja, itens que tornam-se habituais dentro de uma cultura através da replicação (tal como uma espécie de padrão de

comportamento) e são repassados de pessoa para pessoa ou de grupo para grupo (tradição) e desse modo entram em um ciclo perpétuo de cópia e repasse⁴⁷.

Entretanto, dada sua historicidade⁴⁸, os memes no cenário digital não são expressões culturais transmitidas de um sujeito para outro, mas formas de linguagem oriundas de um ambiente conectado e instantâneo que foi propício para o nascimento – ou pelo menos fortalecimento – de uma forma e que acabou se tornando em uma unidade significativa apropriada pelos sujeitos, forma própria do cenário digital online e suas condições de produção. Seu sentido se filiou a outras redes de sentido.

A ideologia e a memória discursiva⁴⁹ são responsáveis por nos alinharmos ao meme X e não ao Y. Nossa filiação ideológica faz com que um meme seja significado não com base no “pisca e pula⁵⁰” (no caso do digital, nas telas de computadores e *smartphones* espalhados e conectados com a rede), mas sim com base nas evidências interpretativas e aparentemente necessárias. Dessa maneira, o processo de construção de sentido de um meme, a forma material⁵¹ do discurso mêmico na materialidade do digital (sua matéria significante), leva em consideração o pré-construído, já que característica importante da interpretação – e da interpretação de um meme – é que ela se dá em algum lugar da sociedade e da história e tem uma direção, o político (ORLANDI, 1996). Desse modo, “ao ver um dos memes em seu *feed* de notícias, o usuário automaticamente faz um gesto de leitura que significa as imagens através de sua relação com a memória metálica” (COELHO, 2014; 23), pois é ela que faz o meme circular pelo processo da replicação, mas também com a memória discursiva, pois é ela que faz o meme significar pelo processo da formulação. “Diante de qualquer objeto simbólico, o homem, enquanto ser histórico, é impelido a interpretar, ou em outras palavras, a produzir sentidos”

⁴⁷ Através de “posicionamentos culturais”, ou seja, conforme a posição dentro da cultura de determinado ambiente fatores se tornam habituais, passíveis de repasse e transmissão, já que estão impregnados naquela determinada cultura.

⁴⁸ “Trabalhar a historicidade implica em observar os processos de constituição dos sentidos” (NUNES, 2007).

⁴⁹ A memória discursiva trabalha a relação da memória com a historicidade. O fato (enunciado), quando associado a uma série de elementos históricos (conjuntura histórica), tem formado os sentidos. Aqui há o esquecimento, diferente da memória de arquivo, que também não esquece (como a metálica), mas de forma normatizada, institucionalizada (há uma institucionalização dos sentidos). Normatiza o não esquecimento, o acesso. (ORLANDI, 1996)

⁵⁰ O termo “pisca e pula” é classificado como sendo pejorativo no cenário do marketing digital e é uma referência às peças publicitárias online que tinham como base o uso de cores expressivas e elementos em *flashes* (pisca) e um comportamento invasivo (pula) no ambiente de determinado usuário.

⁵¹ O discurso é textualizado em diferentes materialidades significantes como texto, imagens, sons, vídeos (ORLANDI em entrevista a BARRETO, 2006).

(ORLANDI, 1995b; 44). O meme é um gesto de interpretação da memória discursiva frente à memória metálica, por isso, um meme criado nas condições de produção em que se situa a página aqui pesquisada carrega consigo todos os discursos e ideologias associadas a essa página (idem, p. 50).

[...] a utilização de um determinado meme para uma situação específica cria um posicionamento político frente à rede, uma leitura possível de um elemento produzido em série. Os sentidos, através da replicação, se espalham e transbordam, e é através deste gesto que o meme se altera, e se ressignifica. E ao se ressignificar, cria novos gestos de leitura, novas interpretações, que por sua vez geram outras ressignificações (COELHO, 2014; 19)

3.1. Os memes

Traçar com precisão um registro de quando exatamente a terminologia meme passou a fazer parte do universo discursivo online não é tarefa simples, mas alguns apontamentos⁵² situam o final da década de 90, mais precisamente o ano de 1998, quando um dos criadores do site *del.icio.us*⁵³ desenvolveu a página *Memepool*⁵⁴ (um termo que remetia a algo como “piscina de memes”, em tradução livre), que servia como um espaço de armazenamento de *links* e demais conteúdos que os usuários espalhavam pela rede. Já no início dos anos 2000, um dos fundadores do portal Huffington Post, Jonah Peretti, possuía uma página onde ele e alguns amigos realizavam “experimentos” com conteúdos na rede. A *Contagious Media* (algo como “mídia contagiante”, em tradução livre, remetendo a ideia de contágio, do viral), servia como um espaço para que seus criadores testassem a “viralização” de um conteúdo na web. Tudo isso culminou em um “festival de virais”, onde a maioria dos participantes convidados remetia a ideia de Dawkins (e o termo meme) para designar algo que se espalhava pelas redes.

Não por acaso, os participantes mergulhados em uma mídia que ainda estava por ganhar contornos mais densos posteriormente designavam o termo do biólogo evolucionista como sendo algo referencial para os movimentos próprios da web, como

⁵² Informações obtidas no portal YouPix, plataforma online sobre conteúdos e fenômenos da cultura digital. As informações tiveram como base o portal, que mesmo não contando com a cientificidade exigida para essa pesquisa, é amplamente reconhecido no segmento da cultura digital. O portal por sua vez teve como fonte a obra *Epic Win for Anonymous*, de autoria do norte-americano Cole Stryker. Disponível em <http://goo.gl/5UJWP9>. Último acesso em 21/04/2016 às 02:35.

⁵³ Conhecido nominalmente como *bookmarks*, são sites próprios para o armazenamento de *links* da web, um repositório onde o usuário pode “guardar” todos aqueles endereços de páginas, portais, fóruns, notícias ou imagens que ele pretende visitar posteriormente.

⁵⁴ Disponível em <http://memepool.com>.

tais replicações instantâneas que partiam de um usuário para outro e de um grupo para outro. A ideia levava em consideração essa disseminação, essa “viralização”, uma movimentação tão intensa que envolvia simultaneamente criação e replicação e que se tornou característica tão marcante do universo digital online, sobretudo das mídias sociais digitais, que a própria conceitualização de meme acabou por sofrer modificações, deslocamentos de sentido. Os memes na materialidade e historicidade do digital até poderiam guardar semelhanças e similaridades com a ideia de meme proposta inicialmente pelo zoólogo Richard Dawkins, porém somente no campo da terminologia, ou seja, na concepção da ideia da palavra meme, de modo superficial, raso, já que os memes de Dawkins e os memes inscritos da perspectiva discursiva do digital possuem particularidades próprias, sobretudo conceituais e significativas, dada a apropriação histórica e as condições de produção de cada um.

No decorrer do texto dessa pesquisa elencamos e expomos algumas definições fundamentais – e tantas outras que ainda iremos apresentar – para não só desenhar um horizonte de compreensão sobre o tema, mas também para expor nossas próprias interpretações acerca da temática. Apresentadas as conceitualizações iniciais para um entendimento do que seriam os memes, tanto na visão de Dawkins como nas condições de produção do digital, somadas ainda com nossas próprias posições sobre discurso mêmico, podemos nos inserir de maneira um pouco mais aprofundada na ideia de “memes no digital”. O primeiro passo é compreender que, como o termo foi emprestado da teoria evolucionista, muitas pesquisas se desenvolvem sem se desvencilhar por completo de Dawkins e suas interpretações. Porém é possível criar um cenário próprio de entendimento sem ter que apelar – quase todas as vezes – para o gene egoísta, sobretudo se tomarmos como base a diferenciação dos dois sentidos de memes, o da biologia, ligado à memória biológica de evolução e seleção, e o do digital, com filiação teórica diferente, apropriações histórias que inscreve o sentido de meme – e que iremos tomar como pilar nesse trabalho – na forma discursiva do digital.

Ao recorrer a pesquisas, sejam elas oriundas do universo acadêmico ou não, as definições se situam quase sempre e de forma consideravelmente homogênea colocando a ideia de meme como um termo oriundo da biologia, um empréstimo que podemos colocar como vitalício e que hoje é utilizado para definir, quase que instantaneamente dada à sua historicidade – ainda mais na posição daqueles identificados

com uma vida em consonância com a internet⁵⁵ – uma forma de expressão com características puramente digitais, uma forma de linguagem que, a possíveis desavisados e desatentos, poderia ser classificada como a detentora singular da terminologia meme.

De fato, o termo meme surge na década de 70 do século passado, com sua primeira aparição (mais precisamente em 1976) em uma publicação do zoólogo Richard Dawkins, na obra *The selfish gene* (O gene egoísta), e que se tratava de um neologismo em apologia ao termo gene, oportunidade em que o autor trazia como significado de meme uma unidade de transmissão cultural ou, ainda, uma unidade de imitação (DAWKINS, 2007). O emprego dado por Dawkins trabalhava de forma paralela à ideia central do que seria classificado o termo gene, com destaque para o pensamento que envolvia a “transmissão”, ou seja, o repasse de um ponto para outro, que no caso dos genes seria entre indivíduos, e já no caso dos memes (de Dawkins) esse repasse se daria também entre indivíduos, mas por conta da própria cultura. Em ambos, entretanto, teríamos uma espécie de “evolução” como um dos principais pilares, além do “egoísmo”, uma “característica” que deve ser levada em consideração naqueles que evoluem, persistem sua existência.

A terminologia meme desenvolvida por Dawkins não reduz sua semelhança ao termo gene apenas na morfo-fonologia de ambos, mas resgata um cuidado empregado pelo autor que remete preocupações em sua própria concepção, não desenvolvida por acaso, pelo aleatório. Dawkins (2007) coloca em sua obra a necessidade “de um nome para o novo replicador”, um substantivo que transmitisse e, desse modo, repassasse a “ideia de uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação”. O zoólogo dava continuidade à sua linha de pensamento em busca de um novo termo para o novo replicador perpassando pela nomenclatura “mimene”, palavra de raiz grega, mas que ainda gerava certo desconforto, já que o autor esperava um monossilábico que soasse mais como gene (2007) – e interpretamos, aqui, tanto pela morfo-fonologia quanto pela ideia de concepção. Portanto, de “mimene” foi extraído meme, de maneira comutativa (comutação), na interligação dos pontos em si, onde se substitui unidades na formação de palavras. Dawkins ainda pedia “desculpas” a seus colegas helenistas pela comutação de

⁵⁵ São sujeitos que não mais se diferenciam por estarem ou não conectados, ou seja, online ou off-line, mas sim em permanente integração com a internet, com a ideologia do digital. São sujeitos que estão sempre conectados e já não percebem – ou não fazem questão de perceber –, pois são sujeitos “online”, do trabalho para a residência, via smartphones ou tablets, da academia para a universidade, suas vidas permanecem em constante sincronismo online, com as condições de produção que a envolvem, com sua historicidade. Porém isso vai muito além do comportamento, já que a relação do sujeito com outros sujeitos, com a sociedade e sua relação com o próprio digital são específicas.

“mimene” para meme, e ressaltava que, caso servisse de “consolo”, poderia, “alternativamente, pensar que a palavra está relacionada a ‘memória’, ou à palavra francesa *même*” (DAWKINS, 2007). “*Même*”, em francês, é “mesmo”, e o conceito “mimene” remete à “mimesis”, do grego, algo como cópia, imitação (COELHO, 2014).

Com um recorte propício de tempo e espaço, onde em tempo possamos delimitar temporalmente a concepção da web 2.0⁵⁶ e sua presença na sociedade, sobretudo no que tange o surgimento e a explosão das redes sociais, e por espaço, o ambiente digital conectado que nasce e se fortalece nesse período, é possível colocar que o termo meme, dada à historicidade do digital, teve seu sentido deslocado, já que no digital trata-se de determinados formatos de textos que circulam nesse ambiente digital (mais expressivamente em mídias digitais que estejam conectadas em rede, como o Facebook, *blogs* e fóruns), formatos que por sua composição são replicados pelos sujeitos ali inseridos (geralmente pelo caráter humorístico ou de ironia, risível) na rede social ou grupo de sujeitos, sofrendo as mais diversas alterações em sua estrutura textual ou no componente formador, seja imagem, vídeo ou no formato de quadrinhos, resultando em uma enorme variação do “mesmo” (ORLANDI, 1998), com versões, recortes do processo discursivo, gestos de interpretação (ORLANDI, 2001). Há uma repetição do mesmo, mas que é, por sua vez, diferente, dado às condições de produção e as condições de produção da leitura, o que resulta em diferentes sentidos produzidos. Trata-se da paráfrase (o mesmo) e a polissemia (o diferente). “Em termos discursivos teríamos na paráfrase a reiteração do mesmo. Na polissemia, a produção da diferença” (ORLANDI, 1998; 15).

Orlandi (idem) coloca que o sentido deve ser considerado como “relação a”, tendo a compreensão de que a língua se inscreve na história para poder significar. “Quando se fala, mobiliza-se, pois, um saber que no entanto não se aprende, que vem por filiação e que nos dá a impressão de ter sempre estado “lá” (idem, p. 10). Desse modo, em relação à paráfrase e à polissemia, como o sentido deve ser compreendido como “relação a”, Orlandi como que:

- a. As mesmas palavras com o mesmo sentido em relação a diferentes locutores;
- b. as mesmas palavras com o mesmo sentido em relação a diferentes situações;

⁵⁶ A classificação da terminologia web 2.0 tem por unanimidade a ideia de uma web em um “segundo momento”, ou seja, havíamos passado pelo estágio inicial de uma web puramente expositiva para, em seguida, uma web que permitia ao usuário sua contrapartida, uma resposta, uma interação que ficaria marcada, sobretudo, com a intervenção permitida via mídias sociais digitais conectadas em rede, as redes sociais, mas não limitadas a elas. A terminologia foi cunhada pela O’Reilly Media, empresa de mídia norte-americana e se tornou disseminada como conceito aqui apresentado já por volta de ciber.

c. palavras diferentes com mesmo sentido em relação a diferentes locutores; d. palavras diferentes com o mesmo sentido em relação a diferentes situações. O mesmo sentido podendo aí ser substituído por “diferentes” sentidos em a, b, c, d, temos a variável polissêmica a’, b’, c’, d’ ao esquema de paráfrase que acabamos de colocar. (ORLANDI, 1998; 15)

Ou seja, “o que funciona no jogo entre o mesmo e o diferente é o imaginário na constituição dos sentidos, é a historicidade na formação da memória” (idem, p. 15). Orlandi (1998) coloca que quanto ao mesmo, apesar de se ter uma variedade da situação e dos interlocutores, tem-se um retorno ao mesmo espaço dizível (a paráfrase). Já no diferente (na polissemia), apesar das mesmas condições de produção, como situação e locutores, há um deslocamento, um deslize de sentidos (idem). Orlandi coloca que, no segundo caso, o da polissemia, o que se tem é uma produção e efeitos metafóricos, uma transferência de sentidos, uma ressignificação. (idem).

Pode-se, com isso, o meme não sofrer qualquer alteração “material”, “física”, mas ser imputado aos mais diferentes e variados cenários, modificando consideravelmente seus significados e sentidos pelo sujeito ou grupo que teve contato com esse meme e o repassou, já que “ler” o meme é parte do próprio momento de sua circulação (DIAS, 2015b). Um meme é constantemente ressignificado por diferentes grupos de sujeitos e, com isso, “apropriado e utilizado para transmitir seus valores que rebatem os que foram previamente estabelecidos” (COELHO, 2014; 49), como no caso dos memes que trabalham com divulgação científica na página aqui pesquisada, a *I fucking love science* e, com isso, são apropriados e utilizados para transmitirem os valores daquele grupo, rebatendo a comunicação sobre ciência então institucionalizada⁵⁷. Os memes fazem uso das características inerentes das condições de produção do digital, como as facilidades na publicação de um conteúdo, seu compartilhamento, sua reprodução e, principalmente, sua alteração e reposição para serem compostos nessa apropriação e utilização, fazendo sentido dado o contexto histórico local, ou seja, determinado pela relação do sujeito com a memória (idem; 60). Cada “leitura” é, em si, um gesto de interpretação na relação da língua com a história (ORLANDI, 1998).

⁵⁷ Sobre essa institucionalização ou comunicação científica institucionalizada, vale a observação de Dias & GRECCO acerca dessa desinstitucionalização: “A prática da escrita e da leitura se desinstitucionaliza, não no sentido de sair propriamente da(s) instituição(ões) (não se trata da extinção das instituições, mas de sua transformação), no sentido de que se metaforiza em espaços determinados por outros sentidos para a escrita (e a leitura), para a circulação do texto escrito, do texto científico, e para a própria autoria”. (DIAS; GRECCO, 2016; 49). Em nosso caso específico, notamos que a “desinstitucionalização” da referida página é, sobretudo, um “efeito de desinstitucionalização”, ou seja, o processo de institucionalização existe na página, mas seu efeito é o de desinstitucionalização, processo que aparenta o diferente.

A utilização de memes no ambiente digital é um modo de significar e ressignificar o espaço-tempo digital, uma maneira de praticar a língua nas condições de produção do digital. A ressignificação do ambiente digital atravessada pelo discurso mêmico desloca a relação entre os sujeitos e dos sujeitos com o próprio digital. Esse sujeito é definido pela maneira em que significa nesse espaço e se significa. Assim como o pichador significa e se significa com o urbano através dos piches, outros sujeitos constituem sentidos em relação ao urbano e outros sujeitos em um urbano (já) pichado. O que não é digital também é significado por ele e pelo discurso mêmico. No digital, o meme determina a relação do sujeito com o digital, tal como os piches, significando e ressignificando o espaço e sendo significado por ele, já que há uma constituição momentânea entre sujeito e sentido (ORLANDI, 2001), já que “sujeito e sentido se produzem ao mesmo tempo (de alguma maneira, eu sou o(s) sentido(s) que produzo)” (ORLANDI, 1995b; 44). “Ao significar, o sujeito se significa e o gesto de interpretação é o que, perceptível, ou não, para o sujeito e seus interlocutores, decide a direção dos sentidos, decidindo assim sobre sua própria direção (ORLANDI, 2013a; 8).

[...] o espaço da interpretação é o espaço do possível, da falha, do efeito metafórico, do equívoco, em suma: do trabalho da história e do significante, em outras palavras, do trabalho do sujeito. (ORLANDI, 1996; 22)

A utilização de memes como forma de linguagem faz parte do processo de constituição do espaço digital, ou seja, praticar o espaço digital é significá-lo. Os memes são utilizados pelos sujeitos como forma de significação desse espaço

3.2. O cenário do meme no digital

No que concerne ao discurso mêmico, as condições de produção do digital (como o dinamismo da rede e da cultura digital, a cibercultura, e o espaço que ela atua, o ciberespaço), influenciam a maneira como um meme é significado, como seu sentido é construído pelo sujeito. Mas não só as condições de produção, já que aquilo que significa já é “determinado pelo trabalho da memória, pelo saber discursivo, ou seja, aquilo que já faz sentido em nós” (ORLANDI, 1998; 15). Os memes, como unidades significativas complexas, são significados e ressignificados nas condições de produção digital e pela incidência da memória, do interdiscurso, atravessados pelo discurso eletrônico e pela discursividade do digital. “O processo de significação é determinado pela sua relação com

a memória” (idem). Porém o sentido não se desenvolve em qualquer direção, já que há uma necessidade que o rege e tem relação com a exterioridade (ORLANDI, 1996). “A linguagem é um sistema de relações de sentidos onde, a princípio, todos os sentidos são possíveis, ao mesmo tempo em que sua materialidade impede que o sentido seja qualquer um (idem, p. 20). Uma vez que todo enunciado não foge de estar exposto ao equívoco da língua, todo enunciado pode tornar-se um outro (ORLANDI, 1998).

Esse lugar do outro enunciado, é lugar da interpretação, manifestação do inconsciente e de ideologia na produção dos sentidos e na constituição dos sujeitos. E é aí também que podemos considerar a alteridade constitutiva, o interdiscurso: “é porque há o *outro* nas sociedades e na história, correspondente a esse outro linguajeiro discursivo, que aí pode haver ligação identificação ou transferência, isto é, existência de uma relação abrindo a possibilidade de interpretar (ORLANDI, 1998; 11)

No meme enquanto forma material do discurso mêmico na materialidade do digital é possível encontrar elementos característicos específicos, já que os componentes mêmicos atuam em um ambiente que possibilita uma comunicação instantânea (os sujeitos se comunicam entre pares diversos nos canais de mídias sociais digitais conectadas em rede), de forma multimídia (os memes podem utilizar dos mais diferentes meios, como texto, vídeo, áudio, *gif*⁵⁸ ou imagem) e podem ser compartilhados através de um ambiente altamente conectado e convidativo à significação e compartilhamento, ou seja, sua circulação é fundamental. O sujeito significa esse meme e o compartilha, pois se ele não atua nesse espaço (curtir, comentar, compartilhar) ele passa a não existir nesse ciberespaço (DIAS; COUTO, 2011). “O modo de existir no digital é atravessado pelo estar visível ao outro (idem, p. 638). Significar um meme – e se significar – é, também, compartilhá-lo, criando uma enunciação de si (idem). Enunciar a si mesmo é praticar o espaço digital, significá-lo.

Ao compartilhar uma imagem, consumimos seu conteúdo e a própria ideologia que permeia a rede. Mais do que apenas consumir, através da rede existimos. Na rede, exposição é existência, por isso que ela é negociada e consumida, valorizada acima de quaisquer moedas. Através do melhor ou do pior, existimos, somos consumidos, somos propagados (COELHO, 2014; 3)

Há a necessidade de uma conectividade significativa e fundamental para que um meme “sobreviva” e consiga ser multiplicado no complexo ecossistema das mídias

⁵⁸ GIF é a abreviação para a nomenclatura em inglês *graphics interchange format*, um formato de imagem muito utilizado na web.

sociais conectadas em rede, pois sem essa conectividade entre os sujeitos (que, nesse caso, possibilita disseminação por parte dos sujeitos ou a formulação de versões variadas) um meme perde força de circulação e pode ter seu discurso “enfraquecido”, sem que o sujeito o “evoque” novamente através dos algoritmos de busca da memória metálica. Essa unidade significativa complexa acaba sendo “subtraída”⁵⁹ da rede, deixando de ser um “viral”, importante característica que tem relação com a reprodutibilidade produzida pelo digital dada as condições de produção (já que não é qualquer meme que se torna um viral. Há um repetível histórico, mas que é também trabalhado pela especificidade do digital. Se o meme não é “evocado” na memória metálica” (mesmo estando lá para o sempre, acumulado entre zeros e uns) sua circulação é prejudicada (a viralização é uma forma de circulação do meme), já que está ligada a determinadas condições de produção (por isso não aplicado e replicado em ambientes não conectados, mas que pode significar esses ambientes). Desse modo, mesmo um meme sendo imortalizado enquanto máquina, enquanto código, significado quando é atualizado através de algoritmos (COELHO, 2014), ele pode ser “realocado” para um não acesso. Significar um meme faz parte de um processo da memória discursiva frente à memória metálica, já que o meme tem relação com a cultura, com a ideologia, estando ligado à memória do dizer para fazer sentido. Quando o meme é realocado para um não acesso, o meme não mais “diz”, não mais significa, até ser novamente evocado na memória metálica, que “situa o sujeito no tempo e no espaço, contextualizando e significando os sentidos levantados pelo conteúdo encontrado nos mecanismos de busca” (COELHO, 2014; 79).

A memória metálica, por vezes, pode não permitir o esquecimento. Um gesto de leitura da memória discursiva frente à memória metálica ocorre toda vez que algoritmos “colocam” um objeto frente ao sujeito em suas pesquisas, “navegadas” ou demais atos que faça na *web*. A colocação por vezes pode ser evocada, quando o sujeito está “atrás” do objeto, mas também pode ser imposta, seja por motivações estratégicas do marketing ou por mero acaso, quando algoritmos evocam tal objeto para o usuário, impossibilitando seu esquecimento, eternizando em presente o passado (ORLANDI, 2003). Às vezes lembrar é resistir, por vezes esquecer é resistir (ORLANDI, 2008).

3.2.1. Mais memes

⁵⁹ Não retirada, mas não invocada novamente com a mesma frequência, já que “ao assumir a materialidade metálica, o meme abandonou seu estado abstrato, que poderia ser fadado ao esquecimento, e buscou uma forma talvez mais duradoura, mais perene” (COELHO, 2014; 11).

A formulação de um meme não segue uma lógica caótica, ao acaso, mas, de certo modo, alinha-se com uma espécie de “normatização⁶⁰” de produção e compartilhamento, já que um meme é concebido como um meme justamente pelo fato de seguir certos posicionamentos e fazer fértil aproveitamento dos mecanismos oferecidos no ambiente digital online, uma formulação específica que é regular.

Um meme é, seguindo essa ideia de “normatização prévia”, uma informação curta, não extensa, que imputa ao sujeito uma compreensão com dinamismo próprio (na maioria das vezes rápida, frenética, mas também podendo ser lenta e densa) e que possa ser “jogada”, “lançada” adiante, pois esse dinamismo empregado pelas redes sociais impede⁶¹ que o sujeito “guarde para si” o meme em questão, já que está na sua “viralização” um dos fatores chaves para sua disseminação, sendo constitutivo da construção de sentido. Logicamente que esse fato não impede que existam memes mais “densos”, com conteúdo mais arduo, mas serve de referência para compreendermos a concepção do meme no ambiente digital, intrinsecamente ligado à essa ideia de “vírus”, “disseminação viral”.

A ideia base dessa “disseminação viral” é relacionada com mais uma terminologia emprestada da biologia e que se refere à capacidade de uma determinada informação, mensagem ou qualquer outro componente dentro do ambiente digital (nascido nele ou do mundo “fora” da web⁶²) seja replicado. Essa replicação leva em consideração o alcance (número de usuários⁶³ da rede social que leram o meme e/ou que continuam a replicá-lo) e intensidade (velocidade com que determinado dizer foi repassado para atingir grandes proporções, novamente em relação a números brutos de usuários). Quanto maior o alcance e maior a velocidade de disseminação, maiores são as

⁶⁰ Trabalhamos com a ideia de “normatização” ou “normatização prévia” as características inerentes de um meme que servem como alicerce para classificá-lo como um, por assim dizer. Seriam essas características, mas não limitadas somente a elas, o tom risível, humorístico, as montagens propositalmente grotescas, as personagens utilizadas de forma corriqueira (atores de filmes, novelas, histórias infantis) e o sarcasmo das frases e imagens. Essa “normatização” trabalharia, portanto, com elementos que são encontrados, observáveis na composição de um meme, mas não desclassificariam um meme que não “siga” tais elementos.

⁶¹ No sentido de conduzir o sujeito a fazer com que o meme “circule”.

⁶² “Fora” da web seria a definição de mundo online (quando estamos conectados à internet) e mundo offline (quando estamos desconectados). Vale ressaltar que essa desconexão se dá com a internet, e não com a web. Internet se resume à infraestrutura de cabos e conexões para se manter a web presente, que por sua vez se resume a páginas, sites, redes sociais e todo o demais que é exposto, visível, que a internet faz manter.

⁶³ No caso de sujeitos inseridos como quem “usa” o digital.

chances desse dizer ser classificada como um “viral”, algo que “viralizou”, se tornou um “vírus” e foi “contaminando” toda a cadeia de rede de sujeitos. É interessante destacar que todo meme pode se tornar um viral, mas nem todo elemento viral, aos olhos da comunicação digital e do marketing é, necessariamente, um meme, podendo ser, por exemplo, apenas um vídeo, uma frase, um pensamento ou uma imagem, elementos com caráter risível, polêmico, contraditório, triste ou reflexivo. Devemos ter em mente que meme e viral são artefatos distintos no contexto digital, não se tratando do mesmo objeto. Possuem características próprias e por muitas vezes semelhantes, mas destoantes em outros aspectos, como os apresentados anteriormente.

Dentre essas características inerentes ao meme no ambiente digital é possível destacar elementos (fatores mêmicos⁶⁴) quanto à sua estética (forma) e sua origem, pontos determinantes que se destacam de maneira mais fácil. Na temática estética é observável, ainda dentro da linha de pensamento sobre a “normatização prévia”, um visual muitas vezes propositalmente asqueroso em relação à sua formação, quase sempre grosseiro, “mal feito” e com elementos visíveis que, quando associados, constroem uma narrativa própria do meme. É destaque nesse ponto as imagens ou montagens sem preocupação com uma formatação mais elaborada e, ainda, a tipografia utilizada, sem qualquer editoração ou aparente interesse em “engessamentos tipográficos”. Vale destacar, ainda, que muitos memes fazem uso recorrente de “erros” gramaticais, distorções linguísticas propositas e muitas vezes fundamentais para sua composição e para a formulação do sentido.

Por vezes o *layout* utilizado é mantido na replicação, ou alterado mínima ou satisfatoriamente. É possível observar uma padronização de cores, formas e formatos, inclusive no uso de memes em quadrinhos, onde muitas vezes os desenhos e a disposição das personagens são mantidos, alterando-se somente as falas que as acompanham. Porém é necessário destacar que um meme não perde sua estrutura e seu funcionamento caso não siga essa “normatização prévia”, mas ele é mais facilmente reconhecido quando consegue se associar às linhas já existentes, aos símbolos e códigos já característicos do ambiente, fatores que fazem parte da constituição das condições de produção da leitura (ORLANDI, 1983; 193). A compreensão do meme ou a sua não compreensão não tem de

⁶⁴ Classificamos como “fatores mêmicos” os elementos e características que fazem do meme ser possível de ser classificado e identificado como um meme. Dentre essa lógica, explicitada no texto e ao decorrer dele, estaria a estética e a autoria supostamente indefinida (anonimato), além do uso dos recursos e ferramentas disponíveis no digital, como o rápido compartilhamento ou a rápida publicação do conteúdo. São os elementos que, quando sobrepostos, constroem um meme.

ser, necessariamente, assim como em um texto, atribuído a somente ele (ORLANDI, 1982), porém na leitura há a questão da capacidade do leitor em reconhecer certos tipos de discursos, como o discurso mêmico e, com isso, “estabelecer a relevância de certos fatores e não de outros para a significação” do objeto que demanda interpretação pelo sujeito (ORLANDI, 1983; 198). “As condições de significação de qualquer dizer são determinadas pelo tipo de discurso” (idem).

Quanto à questão da autoria, é interessante observar que dificilmente – ou na maioria absoluta das vezes, pelo menos nos canais diversos das mídias sociais – é possível identificar o autor daquele meme, e tampouco quem foi o responsável por sua publicação inicial ou, ainda, sua formulação e reformulação postas adiante, pois trata-se de uma autoria que se constitui na multiplicidade, no colaborativo. O colaborativo, no entanto, não significa, nas condições de produção imediatas do digital, um trabalho em conjunto, “mas um modo de produção do sentido em rede, que se dá pela conectividade dos sujeitos e dos sentidos (DIAS; GRECCO, 2016; 41). Tem-se discursos construídos de modo colaborativo, mesmo que assinados de forma individual (PAVEAU, 2015).

[...] a Internet traz, inquestionavelmente, algumas problematizações, pois, com a ampliação das possibilidades de colocar em circulação (através da digitalização de manuscritos e publicações, do compartilhamento de textos online, publicados em revistas e/ou livros digitais, blogs, sites, plataformas, etc.) o que se escreve (textos em geral), abre-se a possibilidade de outros sentidos para o jornalismo, a ciência e a literatura, promovendo escritores e escrituras independentes e não mais ligados ao mercado editorial tradicional, mas, sim, ao colaborativo, ou à colaboratividade. (DIAS; COELHO, 2016; 45)

Salvo páginas especificamente selecionadas (geralmente páginas de redes sociais ligadas a empresas possuem esse caráter), onde o conteúdo é produzido por departamentos internos⁶⁵, mas ainda assim utilizam-se de imagens e frases muitas vezes sem autoria específica – o nome de um autor⁶⁶ –, o que nos obrigaria a novamente classificá-los como “sem autoria”, anonimato. Por autoria, Orlandi (2008) coloca como sendo a função discursiva do sujeito determinada pela relação com a exterioridade, com o contexto sócio-histórico (p. 77). Porém apesar do sujeito no ciberespaço ser

⁶⁵ Setores ligados ao departamento de comunicação e marketing.

⁶⁶ Orlandi (2008) coloca que o autor é “a função que o ‘eu’ assume enquanto produtor de linguagem, sendo a dimensão do sujeito mais determinada pela relação com a exterioridade, com o social (p. 104). O autor seria o “princípio de agrupamento do discurso, unidade e origem de suas significações, o que o coloca como responsável pelo texto que produz” (ORLANDI, 1998; 13). A noção de autor seria já uma função da noção de sujeito, aquele que é responsável pela organização do sentido e pela unidade do texto (ou de um meme), (idem).

indeterminado, artigo indefinido (DIAS, 2008), mesmo em um texto que não possua um autor específico, é imputado a ele uma autoria (ORLANDI, 2008).

As noções de autor, assim como a noção de leitor com “todas as implicações do que seja o projeto de ler: o efeito-leitor, memória, novas leituras, outras escutas” (ORLANDI, 2009; 65) são renovadas. As noções de “variança como fundamento das formulações” também é deslocada.

A informatização, a prática da escrita de textos no computador, assim como os modos de ler, transforma efetivamente a relação do sujeito, do autor com a escrita e com o que é ler, em função da mudança da materialidade da memória (arquivo), algoritmizada, nesse caso, e da relação com a exterioridade do dizer. E aí se inauguram formas de pensar e compreender a linguagem (ORLANDI, 2009; 67)

Os memes não requerem “paternidade” para surtirem efeitos e instiguem versões. Essa é, possivelmente, uma das características mais marcantes de um meme: não reconhecer ou não conseguir reconhecer uma autoria (um autor) em sua totalidade faz com que o meme trace conceitos próprios de criação dentro do cenário conectado das mídias sociais. Quando associado ao elemento anterior, na concepção estética, a possível “ausência de autoria” faz com que o meme produza nos sujeitos um sentido marcante cujo efeito é o “de todos para todos”, ou seja, um sentido característico e próprio da cultura digital conectada que soa como algo de todos os sujeitos, simultaneamente, quase como um “patrimônio” daqueles que transitam por esse cenário, onde todos podem criar e compartilhar um meme. “Quando algum internauta deseja criar um meme, ele já está exposto a todos os discursos que o precederam, todos os pré-construídos” (COELHO, 2014; 50), pois ao fazer circular uma imagem mêmica, os pré-construídos estão funcionando a partir da formação discursiva digital.

As formações discursivas representam, na ordem do discurso, as formações ideológicas que lhes correspondem. É a formação discursiva que determina o que pode e deve ser dito, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada. Isso significa que as palavras, expressões etc. recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas (ORLANDI, 2008; 108).

Há um trânsito informacional (SANTAELLA, 2004) que reflete o cenário em que os memes digitais estão inseridos e atuam, já que o ambiente oferece condições que colocam o espaço em contexto de comutação, onde os discursos mêmicos circulam de um ponto a outro sofrendo alterações, adaptações, readaptações e, ainda, são

repassados de forma não linear a outros indivíduo espalhados pela rede que, por sua vez, irão alterar, adaptar, readaptar e repassar novamente as formulações, ou pelo menos o que seria uma variação ou variante dessas formulações.

A capacidade de variação, que aqui seria medida como a capacidade de publicar um meme (alterando-o ou não) em uma rede social, seja no espaço designado para cada indivíduo da rede social (*timeline*⁶⁷) ou seja em meio a discursos de outros, reflete de maneira singular as características da chamada web 2.0 e sua conceitualização, que traz esse indivíduo como sendo o principal ativo desse trânsito informacional, um “produtor” nato de conteúdo com uma vontade significativa de compartilhar suas ideias, opiniões e pensamentos com demais membros de sua rede de contatos. Tais características evidenciam um sujeito interpelado pela discursividade do digital, por sua ideologia. O meme enquanto forma material do discurso mêmico faz parte de um processo de significação do mundo, de construção de sentidos determinados pelo digital.

O compartilhamento de textos publicados faz com que o sujeito tenha a ilusão de ter um certo nível de liberdade de atuação, a capacidade de tomar a iniciativa na elaboração e publicação de uma formulação faz com que sua posição na função autor seja reforçada, ainda mais quando debates sobre itens como privacidade ou censura ganham contornos mais densos. Com o repasse do meme, o sujeito aponta sua posição discursiva ao se abrir para uma ação política (COELHO, 2014).

Essa posição de função autor é vista como uma forma particular de ser enxergado como indivíduo dentro do ambiente digital, ele está se ele é visto, observado. No que tange o indivíduo que escreve, para Foucault, em autoria, é importante ressaltar que:

Seria absurdo negar, é claro, a existência do indivíduo que escreve e inventa. Mas penso que – ao menos desde uma certa época – o indivíduo que se põe a escrever um texto no horizontal do qual paira uma obra possível retoma por sua conta a função de autor: aquilo que desenha, mesmo a título de rascunho provisório, como esboço da obra, e o que deixa, vai cair como conversas cotidianas. Todo este jogo de diferenças é prescrito pela função do autor, tal como ele, por sua vez, a modifica. (FOUCAULT, 2006;28)

⁶⁷ Linha do tempo. Na rede social Facebook, especificamente, trata-se do espaço destinado às publicações de um determinado usuário, além das interações que terceiros realizem com seu respectivo perfil. Seria a ideia do “espaço” do usuário. Diferentemente do *feed*, que é o local onde um dado usuário acompanha as publicações das páginas que segue e de seus contatos (amigos), a *timeline* concentra apenas as publicações desse usuário ou quando alguém interage com ele (menciona ou publica algo em sua linha do tempo).

No posicionamento do ambiente digital, os memes são unidades significativas criadas por sujeitos conectados. A escrita desses sujeitos respeita a máxima de uma liberdade pressuposta (imaginária, no entanto), já que nesses ambientes o sujeito tornaria-se um indivíduo⁶⁸ a medida em que o mesmo pode expor suas ideias e reflexões para com os demais contatos de sua rede dentro do que ele acredite ser um direito seu em um local imaginariamente livre de entraves, apesar da ideia do digital como espaço livre ser um discurso estabilizador e estabilizado (há regras, é controlado, por isso ilusório). Com isso, as formulações produzem uma discursividade mêmica. Ao incorporarem ou se incorporarem os “fatores mêmicos”, tornam-se verdadeiras expressões culturais do ambiente da cultura digital, apropriadas, expressões discursivas que são publicadas como forma de ressaltar sua participação dentro da rede e demonstrar isso a todos os seus contatos, atitude marcante na cultura da web. A constituição desse discurso mêmico acaba se tornando uma forma de se fazer isso em um cenário digital online:

[...] podemos dizer que o compartilhamento de imagens mostra sua afiliação à prática cultural que acompanha a rede – curtir, comentar, compartilhar, e obter prestígio social através do conteúdo de sua página. Ao compartilhar uma imagem, consumimos seu conteúdo e a própria ideologia que permeia a rede. Mais do que apenas consumir, através da rede existimos. Na rede, exposição é existência, por isso que ela é negociada e consumida, valorizada acima de quaisquer moedas. Através do melhor ou do pior, existimos, somos consumidos, somos propagados. (COELHO, 2014; 3).

Dessa relação, é possível observar que ao longo de todo esse movimento em relação aos memes, no que tange à criação, elaboração, publicação, alteração, compartilhamento, inserção de comentários e produção de efeitos de sentido há um processo sintomático que é característico do ambiente digital conectado. Entendemos toda essa movimentação, desde a concepção da ideia até o fato do meme se incorporar ao dia a dia dos sujeitos, produzindo efeitos, como discurso mêmico, ou seja, um meme não é a mensagem composta por uma imagem e uma frase de impacto possivelmente risível, mas todo o processo de criação e divulgação de um meme, aceitação ou exclusão de uma ideia, adoção ou subtração de um pensamento ou conceito, até se chegar a construções de expressões próprias ao ambiente digital que acabam por fazer parte discursivamente do processo de significação da internet e seus efeitos de sentido na discursividade do mundo.

⁶⁸ Um sujeito individualizado, a individualização do sujeito, uma “posição entre outras” (ORLANDI, 2001; 99).

3.3. Da análise

O uso de memes é constitutivo da forma como o sujeito se relaciona com o ambiente digital. Da perspectiva discursiva, o meme é um objeto simbólico, um gesto de interpretação a nível simbólico. É uma forma de linguagem específica do espaço-tempo digital, produzindo significação. O meme é uma forma de textualização própria (DIAS, 2008) produzida pelas condições de produção do digital. Sua forma material específica digital não se reduz à relação texto-imagem, já que há uma complexidade relacionada ao meme no que tange sua formulação e sua (re) formulação, pois é sempre (re) formulado, constantemente deslocado, produzindo versões, sentidos, produzindo um “efeito de onipotência do autor e a sensação do deslimite dos seus meios (ORLANDI, 2009; 66). A relação com a ideologia é constitutiva na construção de sentido pelo sujeito no ambiente digital, sujeito constituído e afetado pela história e pela língua. Deve-se observar o “acontecimento do discurso da tecnologia, sua inscrição na memória discursiva e sua atualização nas formulações digitais” (DIAS, 2016; 168).

Ao curtir a página, compartilhar os memes ou comentar publicações, o sujeito, em relação à *fan page I fucking love Science*, se inscreve num determinado campo de saber e de interesses (DIAS, 2011a; 39), o que faz com que esse sujeito consuma aquela página, seus discursos, filiando-se à sua ideologia no compartilhar realizado pela página, no compartilhar de memes que abordam a ciência e a tecnologia, já que o “curtir”, assim como o teclar ou o clique, são práticas sócio-históricas (PEREIRA, 2015), sendo uma forma de se dizer algo, “executar uma ação ou de formular o procedimento” (CHIARETTI, 2016; 138). O “curtir” é como a colocação do texto em discurso (idem).

Teclar e clicar são práticas sócio-históricas que reorganizam textualmente o dizer, demandam gestos de leitura, interpretação e escrita, que mobilizam sentidos e discursos, e ressignificam a máquina, a linguagem, o sujeito e os imaginários envolvidos. Desse modo, são atos políticos historicamente localizáveis e abertos ao devir numa nova relação de tempo-espaço por eles mesmos instituída. (PEREIRA, 2015; 43)

Há, com os memes, um deslocamento, um gesto de leitura novo. Com os memes, cria-se um lugar-outra de divulgação científica, desloca-se o espaço institucionalizado de divulgação sobre ciência, rompe-se a leitura já posta. A divulgação científica via discurso mêmico se dá na forma material do meme na materialidade digital. O discurso mêmico está historicamente ligado ao discurso digital, às suas condições de

produção, à discursividade do digital, configurando-se de uma maneira específica, X, e não Y. A formulação do meme e sua circulação também são específicas, mas não ao suporte:

O digital, aí, significa pelas suas condições de produção discursivas, e não por suas condições técnicas, físicas, que seria o caso do suporte. A escrita, na pedra, no papel, na pele de animal ou no muro da cidade, não significa pelo suporte no qual se inscreve, mas pela forma material, linguístico-histórica na qual se textualizam sentidos em certas condições de produção (DIAS, 2016; 171)

Novos gestos de leitura afetam o modo como o sujeito se relaciona com os sentidos. Novos gestos de leitura que são atravessados pela materialidade digital, pelas tecnologias e sua ideologia, convidam a todo instante o sujeito a significar, ressignificar, interpretar, a construir sentidos e participar dessa égide da “inovação”, processo político-histórico que individua o sujeito no digital, é ideologicamente constitutivo do sentido e dos processos de identificação, sobretudo do sujeito que compartilha, se inscrevendo em determinado campo de saber e de interesses.

A seguir apresentaremos alguns dos memes selecionados para compor nosso *corpus*, sem a pretensão de esgotar as possibilidades de análise desse corpus, pois a intenção dessa pesquisa, com base na Análise de Discurso, não é atribuir sentidos aos memes pesquisados, mas problematizar a relação do sujeito com os memes, através de gestos de interpretação, observando a configuração dos processos de significação e os mecanismos de produção de sentidos (ORLANDI, 2008). No entanto, os recortes selecionados seguem no Anexo I. Nosso processo, nessa pesquisa, na perspectiva discursiva, não foi o de atribuir um sentido, “mas conhecer os mecanismos pelos quais se põe em jogo um determinado processo de significação” (idem).

A imagem a seguir demonstra como essa égide da inovação pode ser abordada. No meme em questão, simulando a fala das personagens em um determinado programa característico da televisão norte-americana, um programa no estilo *talk-show*⁶⁹ humorístico, há uma composição textual simulando uma conversa sobre a Tesla, empresa que atua também no ramo automobilístico (além de outros ramos ligados à energia elétrica) e que tem sua frota baseada única e exclusivamente em carros elétricos, sem

⁶⁹ Modelo de programa televisivo que conta com um apresentador principal, geralmente composto de uma mesa e um sofá para que os entrevistados possam se sentar, simulando quase que uma conversa informal. Há uma plateia que acompanha as gravações e o tom é humorístico, com base no entretenimento correlacionado a fatos cotidianos do país.

veículos a combustão que utilizem combustíveis fósseis. A conversa aborda que as patentes da Tesla foram abertas a todos, pois se de um lado há um problema e, do outro, você tem a “solução”, é dever compartilhar com todos, já que você também seria afetado pelo problema.

Figura 2 – Meme Tesla



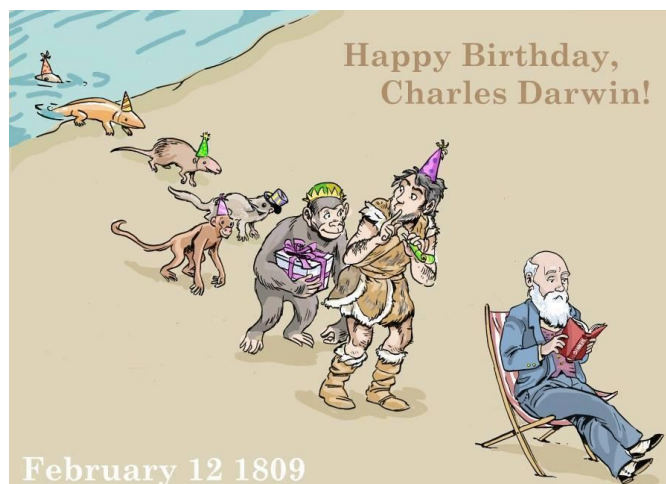
Disponível em <https://goo.gl/pV1HbM>.

A concepção da inovação, da ideologia da inovação, consiste no reforço de que carros elétricos seriam a solução contra o já-dito, o pré-construído de que carros a combustão resultam em problemas, sobretudo para o ecossistema. O sujeito já teria por base o conhecimento sobre automóveis elétricos, a combustão e sobre a Tesla. Ele, então, filia-se ao discurso, reforça sua posição e, ao compartilhar, demonstra sua existência na rede. Ao se deparar com esse meme no Facebook, seja por “curtir a página” ou porque algum outro contato o compartilhou, cria-se um sentido para ele através de um gesto de leitura da memória discursiva frente à memória metálica.

O discurso mêmico, na forma material de meme na materialidade digital, carrega os discursos e as ideologias da divulgação científica, mesmo sendo constituído com base em condições de produções diferentes. Desse modo, quando o sujeito realiza um gesto de leitura, quando a memória discursiva é atualizada por um gesto de interpretação frente à memória metálica, o sujeito significa e se significa sem deixar de lado o já-dito, o pré-construído. Constrói-se sentidos já filiados à ideologia, por isso o sujeito refere-se ao meme X, e não Y, por isso significa X, e não Y.

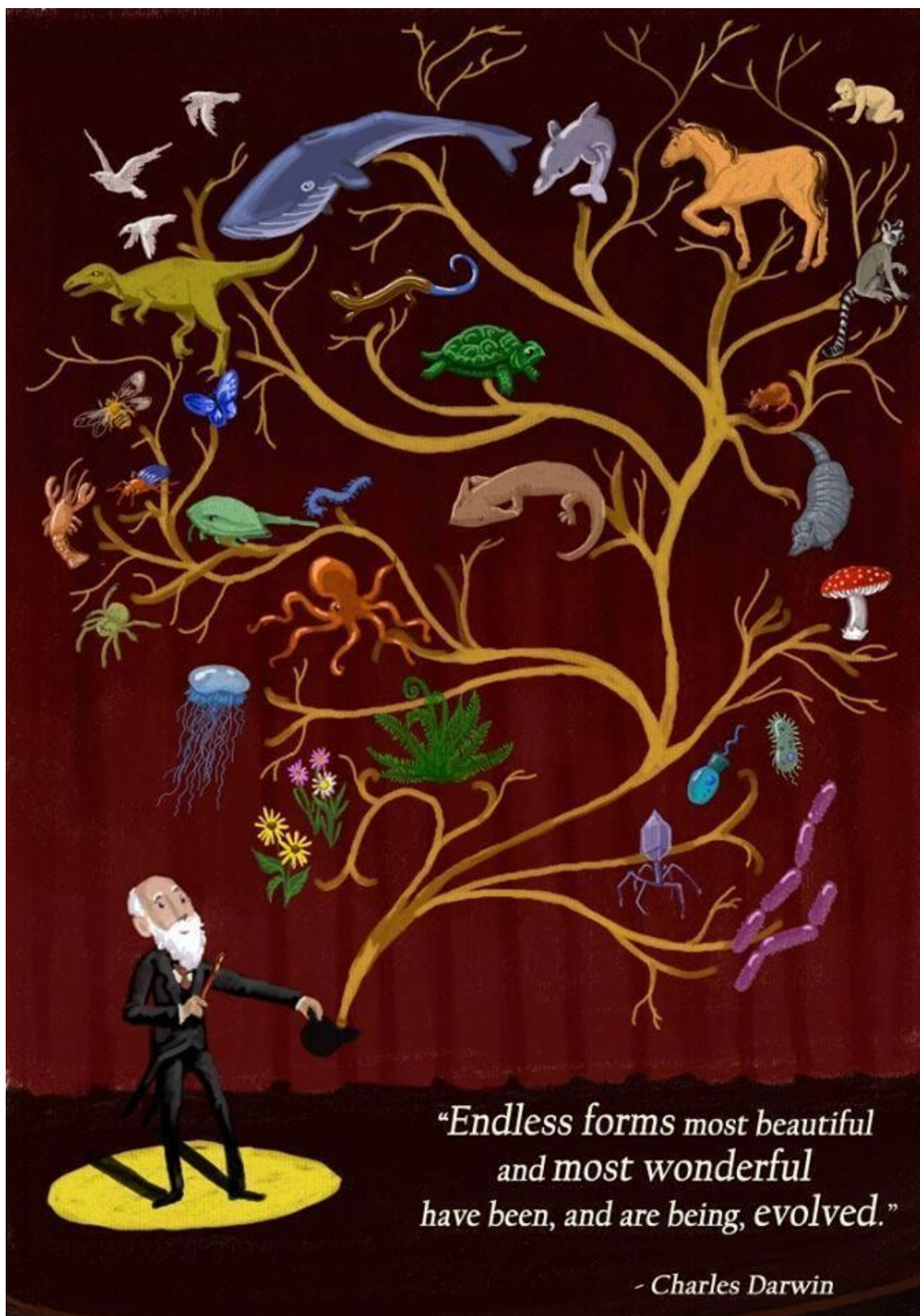
Nos exemplos a seguir a posição-sujeito que constitui o sujeito na discursividade do digital em relação aos memes já está filiada à uma formação discursiva específica. Dessa forma, os sentidos produzidos tendem ao fechamento, à unicidade interpretativa, não deixando margem para outras possibilidades de interpretação sobre o darwinismo. Ao curtir, comentar e compartilhar tais memes o sujeito está reafirmando sua existência no digital e sua posição que abraça a ideologia, os discursos aos quais se identifica, sua posição junto àquela página, àquela comunidade com a qual se identifica, como bom sujeito da ciência.

Figura 3 – Meme Darwin na praia



Disponível em <https://goo.gl/uwoHdF>.

Figura 4 – Meme Darwin mágico



Disponível em <https://goo.gl/BFtj5E>.

O sujeito identifica-se com a ideia do processo evolucionista, sem questioná-lo. A filiação à memória discursiva realiza um gesto de leitura frente à memória metálica,

que consiste na própria replicação dos memes e na própria possibilidade de produzir uma formulação compósita para que o sujeito pudesse significar e se significar. A relação do sujeito é reafirmada na posição histórico-política que demonstra assumir. É necessário conhecer Darwin, sua teoria, as teorias que o refutam, quem ele refuta, que tal data representa seu aniversário frente a um calendário específico para que o sujeito significasse X, e não Y.

Porém deve-se compreender, aqui, não o meme em si, mas o processo que leva à produção de sentidos. Requer que a discursividade seja observada. Para significar X, é preciso que X seja dito, ou que Y seja não dito. O silenciamento de sentidos também é constitutivo na significação dos memes por parte do sujeito, já que há “mecanismos ideológicos que silenciam outras interpretações” (NUNES, 2010). Há, então, outros dizeres, outros já-ditos e não ditos. Há deslizos de sentidos na falha, no equívoco, na repetição mecânica que pode gerar os conflitos, os deslocamentos. O dito e o não dito são constitutivos da significação de um meme, onde o leitor é quem toma uma decisão em relação ao que está implícito, não dito, pressuposto na constituição da significação (ORLANDI, 1983).

Na leitura deve-se levar em conta o que é dito em um discurso e o que é dito em outro, o que é dito de um modo e o que é dito outro, procurando “escutar” a presença do não-dito no que é dito: presença produzida por uma ausência necessária. Como só uma parte do dizível é acessível ao sujeito, com essa escuta, o analista poderá ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz mas que constitui igualmente os sentidos de “suas” palavras. (ORLANDI, 1998; 10)

O meme comunica e não comunica, ressignificando a relação entre os interlocutores. Seu funcionamento, o funcionamento do discurso mêmico, é um ato de produzir X, não em referência a X, mas pelo deslocamento de X. O meme significa em quem produz, recebe e faz circular o meme. A relação entre o sujeito e a forma de linguagem meme faz com que a autoria possa ser pensada pelo gesto, em um movimento não linear de criação, elaboração, publicação, compartilhamento, divulgação, alteração, reformulação e ressignificação. O meme joga com o idem e com a diferença, um objeto simbólico que demanda sentido e interpretação. Sujeito e sentido se constituem em “processos em que há transferências, jogos simbólicos dos quais não detemos o controle

e nos quais o equívoco, ou seja a ideologia e o inconsciente, está largamente presente” (ORLANDI, 1998; 12).

Gestos de leitura específicos podem mexer com a estabilidade dos sentidos⁷⁰, pois um meme está sujeito à significação, resultando em diferentes interpretações, já que a produção de sentidos não se faz por acúmulo, mas por retomadas (ORLANDI, 1982), percorrendo diferentes limites do sentido e permitindo que o sujeito se mova nessas significações (ORLANDI, 1995b). Uma mesma palavra em uma mesma língua pode vir a ter significações diversas, pois a produção de sentidos depende da posição do sujeito e de sua inscrição numa ou noutra formação discursiva, pois não há sentidos literais guardados em lugar algum (ORLANDI, 1998). Há, na leitura, contradição, reprodução, memória e transformação, fatores que jogam com a sua produção – a da leitura (ORLANDI, 2008).

Assim como um texto escrito, um meme é incompleto, com pressupostos e subentendidos, reveladores de sua incompletude, os não-ditos (ORLANDI, 1983). E o que demonstra essa sua incompletude é a multiplicidade de sentidos possíveis, o que caracteriza um discurso (idem). O discurso mêmico se estabelece sempre sob um discurso prévio (PÊCHEUX, 1969), já que um meme tem relação com outros memes, seja daquele do qual ele nasceu (matéria-prima) e/ou para aquele que ele aponta, seu futuro discursivo (ORLANDI, 1983). Trata-se da intertextualidade, a relação do texto com outros textos (idem) ou, como podemos traçar, uma “intermemialidade”. Desse modo, os sentidos de um meme perpassam pela sua relação com outros memes. Enquanto objeto empírico, o meme pode ser classificado como um objeto acabado (produto finito, com começo, meio e fim), porém enquanto objeto teórico, o meme é incompleto e não se traduz como um lugar de informações (completas ou a serem preenchidas), mas como “processo de significação, lugar de sentidos (idem; p. 196).

O texto não é uma unidade completa, pois sua natureza é *intervalar*. Sua unidade não se faz nem pela soma de interlocutores nem pela soma de frases. O sentido do texto não está em nenhum dos interlocutores especificamente, está no espaço discursivo dos interlocutores; também não está em um ou outro

⁷⁰ A estabilidade referencial é adquirida na relação com a memória “enquanto espaço de recorrência das formulações na relação com a ideologia” (ORLANDI, 2008).

segmento isolado em que se pode dividir o texto, mas sim na unidade a partir da qual eles se organizam. (ORLANDI, 1982; 180)

O espaço discursivo é estabelecido na relação dos interlocutores, autor e leitor, tendo o meme como um discurso mediador entre o sujeito determinado historicamente e sua realidade social (ORLANDI, 1995b). O meme não se limita a uma sobreposição de imagens e textos, mas é prática discursiva já estabelecida na discursividade digital, sendo reconhecido e funcionando como modelo para o funcionamento do discurso mêmico, dadas certas configurações de leitura que já se institucionalizaram nesse ambiente (ORLANDI, 1983), pois os fatores que constituem as condições de significação são determinados pelo tipo de discurso (idem).

Na imagem a seguir temos um deslocamento da noção sobre o que viria a ser o imaginário sobre o amor em suas representações gráficas, em uma forma de racionalizá-lo em uma visão “cientificista”.

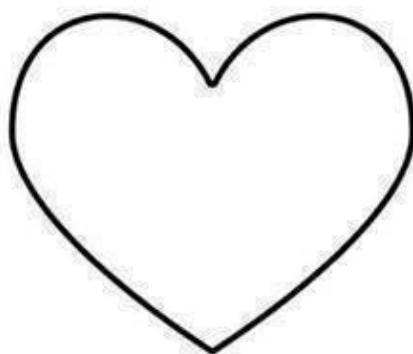
O meme traz a frase *what people think of love* (o que as pessoas pensam sobre o amor, em tradução livre) com o símbolo do que viria a ser a representatividade gráfico-imaginária de um coração, objeto simbólico presente no pré-construído nas representações visuais do “amar” e do “amor”. Em seguida, o meme coloca outra frase, de uma maneira a cortar, deslocar, mover o que foi exibido anteriormente. A frase *what love actually is*” (o que o amor realmente é) é precedente de uma ilustração que demonstra uma composição química do que seria o amor nessa visão “cientificista”, ou seja, a sensação de amor representada graficamente, seria uma reação química do corpo humano, o desencadeamento de elementos químicos, algo mais racionalizado do que se tem em mente no cotidiano, mas não mais nem menos “romântico”, nem para lá e nem cara cá, já que os sentidos são muitos possíveis.

Há um composição textual-ilustrativa que demonstra um contraponto, mas não dicotômico, mas interpretativo-elucidativo. Há o já-dito que constrói o significado do sentido do símbolo de um coração, uma forma de representar algo entre um gesto e a memória. A segunda parte do meme desloca uma série de estabilizações a respeito do que se projeta como o amor e suas representações – simbólicas e imaginárias. Não há uma dicotomia entre certo e errado, entre simples e complexo, mas uma complementariedade que desencadeia uma série de sentidos construídos pelos sujeitos que fazem a leitura. O

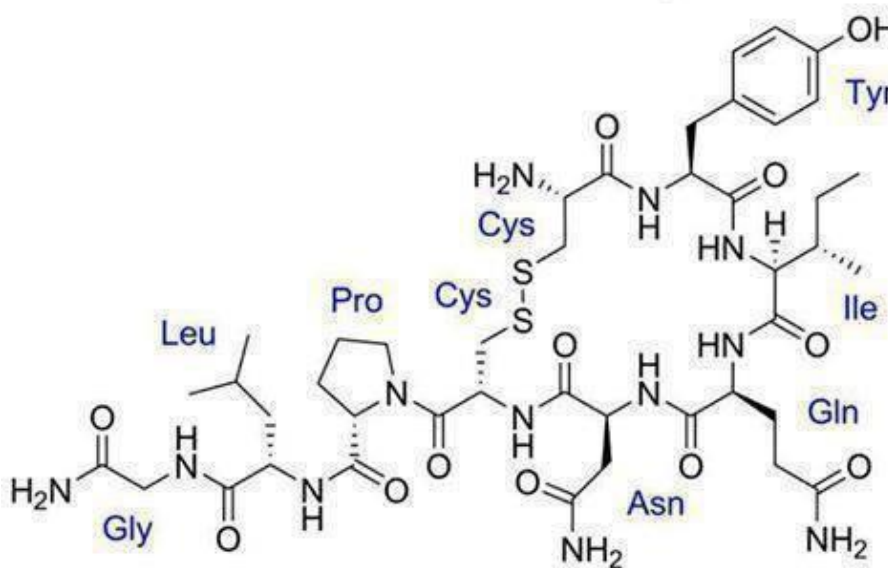
meme, que tem relação com a cultura, está ligado à memória do dizer para que possa ser significado. Desse modo, o desenho de um coração pode ser significado como o amor, assim como uma ilustração de uma composição química, estrutura também presente na memória, mesmo que não saibamos em nada identifica-la, e pode ser significada como uma visão racional, científica, do amor. Os apontamentos do percurso de construção do sentido são vários em um universo de tantos outros possíveis. Para ler, basta fazer uma relação de sentidos.

Figura 5 – Meme Amor

What People Think of Love



What Love Actually is



Disponível em <https://goo.gl/bZV3Wi>.

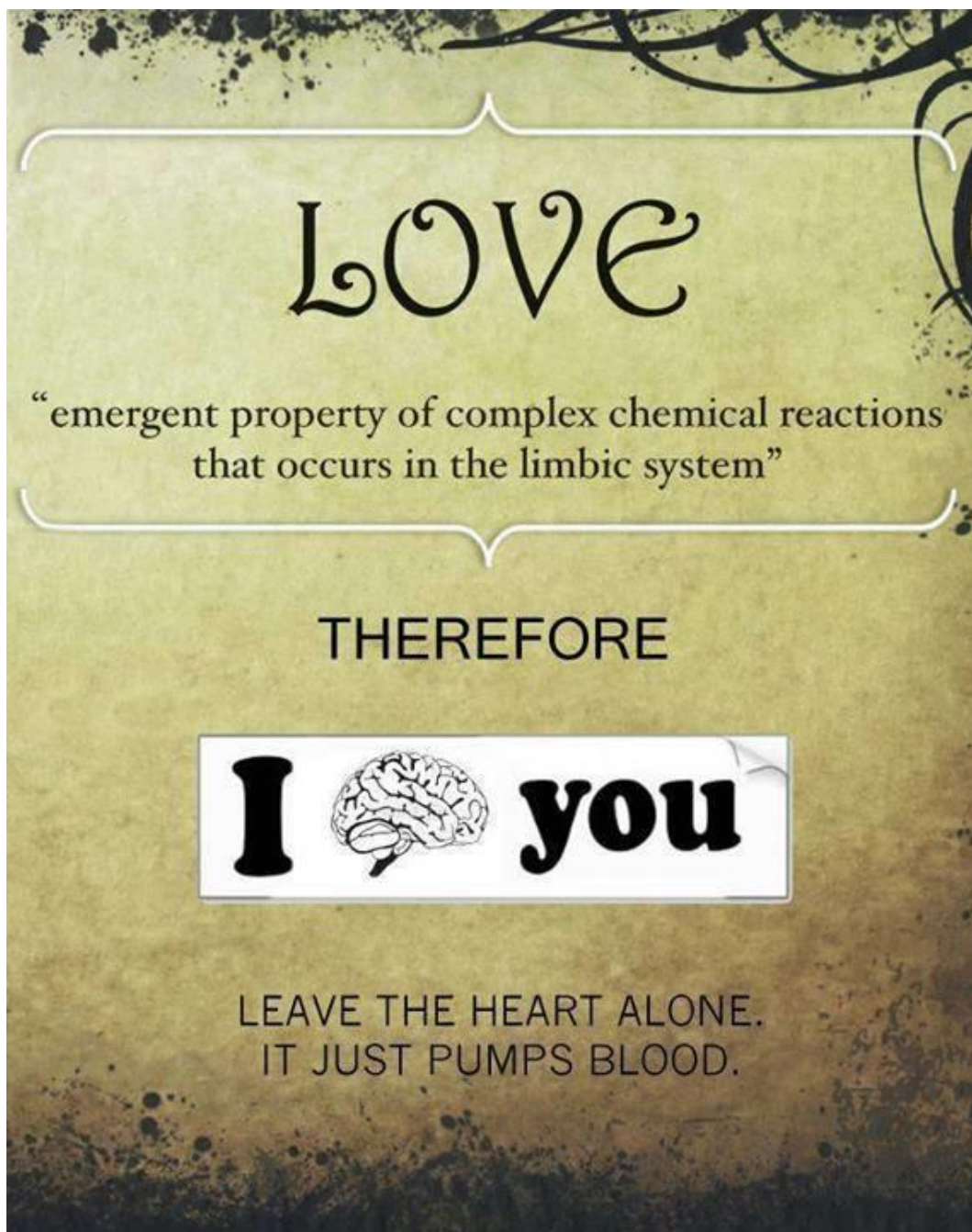
Em uma segunda imagem, que também trabalha com a ideia da representatividade do amor, observamos uma replicação, mas não no sentido de duplicidade, mas de versão. O meme não apenas duplica algo, pois cria uma nova versificação, uma nova versão, produz multiplicidade (diversidade) que gera uma homogeneização dos efeitos (ORLANDI, 2009). Observa-se a “ideia de uma criatividade caracterizada pela ilimitada produção (a enorme variação) do ‘mesmo’” (idem). Essa versificação está na memória metálica, “ilimitada em sua extensão” e que “produz o mesmo em sua variação, em suas combinatórias” (idem; 67).

O meme traz uma “definição científica” do amor, colocando a frase *emergent property of complex chemical reactions that occurs in the limbic system*, que em tradução livre seria algo como “propriedades emergentes de reações químicas complexas que ocorrem no sistema límbico”. Nessa versão sobre a racionalização cientificista do amor, percebe-se que a ideia trabalhada persiste, onde a definição toma por base um olhar que seria o da ciência, bruto, racional, duro.

O apontamento do percurso do meme quanto ao sentido construído pelo sujeito é o de substituição do coração enquanto símbolo gráfico (como no meme anterior) pela simbologia gráfica de um cérebro, já que você não ama “pelo coração”, mas você ama “pelo cérebro”. Ou, ainda, o deslocamento de um conceito pelo outro, um olhar pelo outro, uma ideia em confronto com outra mas, novamente, não de forma dicotômica, porém complementar. O discurso mêmico produz efeitos de sentidos engendrados por elementos multimidiáticos, iconográficos e fragmentários para que se construa uma leitura a respeito.

A desestabilização de conceitos já postos são determinantes na circulação dos sentidos e dos efeitos de sentidos entre os sujeitos, que significam ou não os dizeres, (re) consturindo uma unidade imaginária para esses dizeres. Os efeitos produzidos pelo discurso mêmico para a divulgação científica vão além da ordem da desestabilização, de lugares, sentidos, posições, leituras institucionalizadas. Cria-se um lugar outro, deslocando o fazer da divulgação científica, onde o sujeito pode significar ou não aquele dizer, mas é modificada sua relação com a ciência e sua divulgação. Como os sentidos não estão guardados em algum lugar, nem na língua e nem no cérebro, nós não aprendemos a usá-los, mas construímos nos filiando a redes de memória com as quais nós mais nos identificamos (ORLANDI, 1998).

Figura 6 – Meme Amor - cérebro



Disponível em <https://goo.gl/tQq3Sr>.

Observamos, aqui, o discurso mêmico que desestabiliza o lugar da ciência, criando esse lugar outro. Mexe-se com uma divulgação sobre ciência, sobre fatos científicos, como expor a fórmula química do amor, ou sua reação química no corpo humano, via deslocamentos, via memes, via discurso mêmico.

Desse modo, o que está em colisão são os gestos de interpretação do sujeito que produz uma leitura no lugar institucionalizado da ciência através da divulgação científica “tradicional”, por exemplo, em revistas e portais especializados, com os sentidos produzidos por aqueles atravessados pelo discurso mêmico e pela discursividade do digital. Ao procurar compreender como o discurso mêmico produz sentidos observa-se que o meme, com sua “forma, suas marcas e seus vestígios (ORLANDI, 2001) possui historicidade significativa e significada em que é parte da relação memória/discurso (idem) nessa nova forma de praticar uma linguagem acerca do universo sobre a ciência.

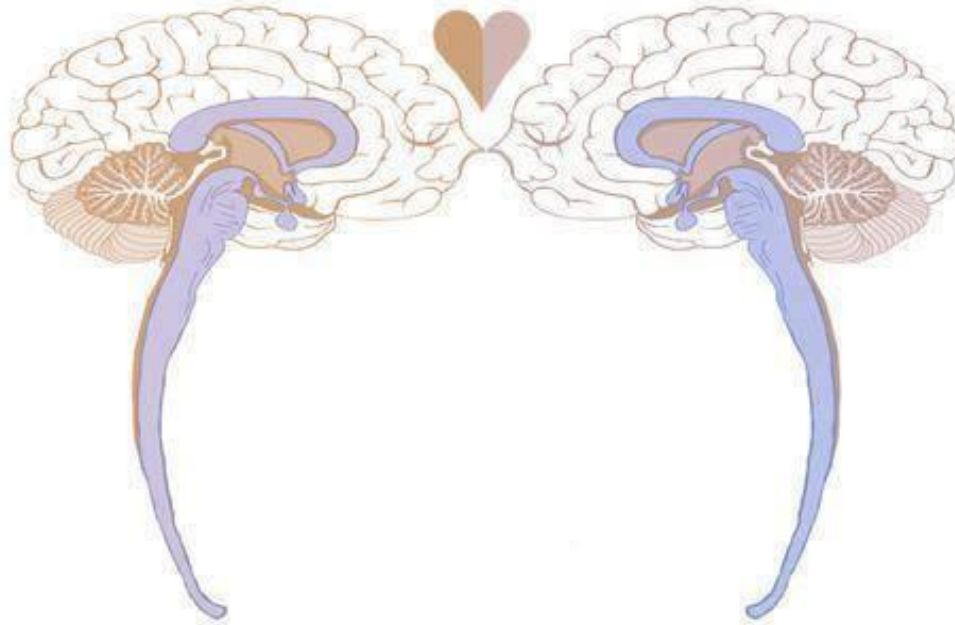
No meme a seguir, ainda dentro da temática “amor”, associando-se aos memes sobre o mesmo assunto já apresentados, observamos essa replicação de características, específicas do processo discursivo. O meme que segue (e os demais anteriores) trabalham com a marca da ironia, mas uma ironia que, por sua vez, trabalha com a ironização do senso comum e a ironização da própria ciência. Há uma linha divisória entre os processos quase imperceptível, tão atenuante que variaria do sujeito que a observa, que é convidado a interperlar o meme.

O meme que segue expõe graficamente o que seriam dois cérebros “em conexão”, simulando um contato físico, tal como um beijo. No exposto, um cérebro conversa com outro e diz *baby, you can fill my caudate nucleus with dopamine any time of day*, que em tradução livre seria algo como “querida, você pode preencher meu núcleo caudado com dopamina a qualquer hora do dia”. Isso traz, assim como no meme passado, o deslocamento do “amor via coração” para um “amor via cérebros”, remetendo uma racionalização acerca da sensação de amar, colocando-a, novamente, como uma reação química que não teria qualquer relação com o coração humano.

Nesse ponto observamos a exteriorização da ciência se dá através do meme, sendo pela relação com o imaginário sobre o amar, assim como o trabalho da ironia sobre o que seria ciência e o que seria senso comum. A divulgação de ciência nos memes se dá pela ruptura do senso comum, da ciência e da relação do senso comum com a ciência. Quais sentidos, nesse caso, estariam ressoando sobre o “amar”? O senso comum (imaginário de amor pelo coração, romanticamente, quase literário), o da ciência (na demonstração que o amor seria uma reação química, racional, racionalizada) e na relação entre senso comum e ciência, na desestabilização dessa relação, no trabalho da ironia.

Figura 7 - Memes cérebros

Baby, you can fill my caudate nucleus
with dopamine any time of day.



Disponível em <https://goo.gl/7q5rZs>.

O meme que segue também trabalha com a desestabilização do que seria o amor no senso comum e o traz à uma luz da ciência, mais uma vez no que seria a “racionalização do sentimento amor”. O meme traz uma cadeia de proteínas onde coloca, ao final, que se trata da oxitocina, também conhecida popularmente como o hormônio do amor (reafirmando que mesmo no senso comum a ciência já está estabelecida como ciência, como tema de cientificidade). Há, ainda, os dizeres *a hormone that is responsible for romantic attachment between couples, sexual arousal and emotional bonding between sexual partners & even between pets and their owners*. Em tradução livre, seria a oxitocina o hormônio responsável pela atração romântica de um casal, o vínculo emocional entre eles e até a excitação sexual. Seria, ainda, o hormônio responsável pela ligação dos animais de estimação e seus donos.

É possível observar o deslocamento que se dá no meme, no trabalho de ironia entre senso comum, ciência e na relação dessas frentes. Exterioriza-se ciência nesse furo,

nessa ruptura. Através da intermemialidade, na relação do meme com outros memes (e justamente pelos memes estarem ligados à cultura) constrói-se sentido, ou sentidos são construídos na intermemialidade, nas relações atravessadas. A desinstitucionalização da ciência no meme (e sua divulgação) se dá no efeito de desinstitucionalização, no meme não sendo “higiênico”, como tradicionalmente nos deparamos com a divulgação sobre ciência. Essa ruptura de laços, de relações, possibilita que o sujeito determinado historicamente seja interpelado a construir sentidos no furo, nessa forma não higiênica de se expor, de se relacionar, de construir relação entre senso comum e ciência, na ironização que gera um efeito de desinstitucionalização.

O efeito de desinstitucionalização da ciência via meme se dá pela forma como o meme interfere na prática institucionalizada da ciência, ou seja, produz um efeito de desinstitucionalização no que já é institucionalizado. O discurso mêmico é lúdico, e desse modo permite a expansão da polissemia, “pois o referente do discurso está exposto à presença dos interlocutores” (ORLANDI, 2006b; 29). A reversibilidade que há no lúdico interfere na prática institucionalizada da ciência, na sua forma higienizada de divulgação. Ao romper, ao furar, ao estabelecer um lugar outro da ciência, o meme desloca, reposiciona sua relação (da ciência) com o senso comum, com a relação do sujeito com o imaginário – seja de ciência ou não.

A divulgação sobre ciência através do discurso mêmico é uma forma de se praticar a linguagem, deslocando-a, fazendo com que novos sentido possam ser produzidos, assim como novas formas de falar sobre ciência. A divulgação sobre ciência pode servir de instrumental para que um sujeito, historicamente determinando, possa se relacionar com a ciência. Desse modo, a divulgação sobre ciência através do discurso mêmico pode servir de instrumental para que esse mesmo sujeito historicamente determinado possa se relacionar de uma forma-outra com o lugar já institucionaliza da ciência, com o efeito de desinstitucionalização daquilo que era reconhecido por ser já institucionalizado.

Figura 8 – Meme Love



Disponível em <https://goo.gl/mpcZ1m>.

Considerações finais

Os memes enquanto forma material do discurso mêmico na materialidade discursiva do digital são objetos que interpelam o sujeito determinado historicamente à uma interpretação, um convite a uma abertura de significações e de produção de sentidos que se estendem no comentar, compartilhar e no curtir. Tais ações funcionam como extensões dessas significações. Como a circulação faz parte do próprio processo de produção de sentidos, fazer com que um meme circule é também significá-lo. Um meme é um “bólide de sentidos” trabalhando no cruzamento da língua com a história, na perspectiva discursiva, interpelando o sujeito a interpretá-lo, a significá-lo no digital – e fora dele, pois o que “não é meme” ou o que “não é internet” também é significado pelo discurso digital.

Tendo como constituinte e fator estruturante a noção de quantidade, o meme atua em um palco em que a quantidade não deve ser ignorada e nem evitada, mas necessária. A própria ideia do mesmo e do diferente, da paráfrase e da polissemia, dão ao meme essa perspectiva de abundância, de excesso, de transbordamento de sentidos: quanto mais se repete o mesmo e quanto mais se elabora o diferente, mais o meme se constitui e se estrutura, na relação do objeto com o tempo, com a história, na relação com a história. Ao se elaborar versões, o sujeito significa o meme ao mesmo tempo em que se significa e constitui e estrutura o objeto interpretado, significado. A paráfrase e a polissemia no discurso mêmico praticam a divulgação científica rompendo-se com a leitura já posta, rompendo com a produção de sentidos institucionalizada pelo mercado editorial tradicional e já estabelecido. O mesmo e o diferente, associados aos números, ao abundante, à quantidade, refletem uma prática nas contradições no que tange a divulgação sobre ciência.

O meme é contraditório, porém não dicotômico. A dicotomia existente na leitura institucional sobre ciência (é fato verídico pois tais informações saíram na revista X, e não Y, ou, ainda, não é fato cientificamente comprovado pois não tem relação com as grandes publicações) não é praticada no meme. Sua contradição vai no que tange o mesmo e o diferente, a multiplicidade de sentidos dado os vários pontos de entrada e de fuga, mas não são dicotômicos: o meme não é A ou B, o meme é A, B e C, é múltiplo e incompleto em sua significação. É um ato de enunciação a nível simbólico, não se tratando de A, B

ou C. É o ato de produzir sentido, um objeto simbólico que demanda sentido e interpretação.

Os conflitos nos gestos de interpretação, aliados à concepção da quantidade e das formulações de versões, imprimem ao meme sua espessura. O sujeito que o significa na discursividade digital trabalha com a memória discursiva e a memória metálica simultaneamente. Há um gesto de interpretação de uma em outra. A memória discursiva realiza a leitura frente à memória metálica, na confrontação. O historicizado e o acumulado são confrontados, tal como autor e leitor entram em confronto estabelecendo a espaço discursivo, apresentando-se os interlocutores. A memória que esquece e a que nunca deixa esquecer significam o meme e constituem a relação do sujeito com o discurso mêmico, criando-se, elaborando-se coletivamente um outro lugar para a ciência, um lugar outro, não dicotômico, porém contraditório, parafrástico e polissêmico.

A forma com que o conhecimento sobre ciência é produzido no discurso mêmico significa de forma diversa a relação do sujeito com o conhecimento, com a ciência. Não se parte de que um meme é transparente, mas que a sua relação com a história é determinante para sua significação. As mídias sociais digitais conectadas em rede na perspectiva discursiva do digital oferecem ferramentas para esses confrontos de gestos de interpretação, de leituras. O meme não possui uma informação pronta para ser decodificada, com sentidos guardados prontos para “serem usados”, mas o é um espaço de significação, onde o sujeito, interpelado a interpretá-lo e significá-lo, filiado à sua formação discursiva, faz um gesto de interpretação da memória discursiva frente à memória metálica. A significação trabalha com a filiação em redes de memórias, redes de sentidos em que os sujeitos se filiam para significar, se significar e estabelecer identidades.

O discurso mêmico enquanto mediador entre o sujeito determinado historicamente e sua realidade social, traz na quantidade e no mesmo e diferente, sem ser dicotômico, a produção de sentidos inscritas em diferentes materialidades discursivas. A quantidade estruturante e constituinte do discurso mêmico, as formulações de versões e suas variações, o contraditório, nos fazem refletir que as “intenções” de seu locutor, seu divulgador (aqui sobre ciência), digamos assim, são minimizadas. É preciso o confronto, a ideologia, a inscrição na história, a filiação a determinada formação discursiva para que os sentidos sejam ali produzidos. E nos faz refletir que o sentido pode ser sempre outro, derivado, múltiplo, incompleto, contraditório.

Referências

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Palavras incertas**: as não-coincidências do dizer. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

BARRETO, Raquel. **Análise de discurso**: conversa com Eni Orlandi. In: Teias: Rio de Janeiro, RJ, ano 7, nº 13-14, jan-dez, 2006

BONITO, Marco. **Os Informívoros do webjornalismo esportivo**. Dissertação (mestrado) – Universidade Paulista. São José dos Campos, 2007.

BUENO, Wilson. **Comunicação científica e divulgação científica**: aproximações e rupturas conceituais. Informação & Informação, Londrina, v. 15, n. esp, p. 1 - 12, 2010. Disponível em: < <https://goo.gl/JeJK6E>>.

CALDAS, Graça. **Comunicação, educação e cidadania**: o papel do Jornalismo Científico. In GUIMARÃES, Eduardo (org.). Produção e circulação do conhecimento: política, ciência, divulgação, V.II. Campinas: Pontes, 2003, p. 73-80.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

CHIARETTI, Paula. **A discursividade do clique na produção de sentidos e sujeitos**. In: fragmentum. Santa Maria, RS. Programa de Pós-Graduação em Letras, UFSM, nº 48, jul-dez, 2016. Disponível em <<https://goo.gl/Aiz6Ly>>.

COELHO, André. **Brace yourselves, memes are coming**. Formação e divulgação de uma cultura de resistência através de imagens da internet. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2014.

DAWKINS, R. **O gene egoísta**, Tradução Rejane Rubino. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2007.

DIAS, Cristiane. **A discursividade da rede (de sentidos)**: a sala de bate-papo HIV. Tese (Doutorado)- Universidade Estadual de Campinas. 2004.

_____ **Da corpografia:** ensaio sobre a língua/escrita na materialidade digital. Série Cogitare. Vol. 07. Santa Maria: UFSM, PPFL, 2008.

_____ **A escrita como tecnologia da linguagem.** In: Tecnologias de linguagem e produção do conhecimento. Coleção HiperS@aberes. Livro Digital Volume II. SCHERER, Amanda; PETRI, Verli; DIAS, Cristiane (Orgs.). Santa Maria. Dezembro, 2009.

_____ **O discurso sobre a língua na materialidade digital.** In: Guarapuava, Volume 2, nº 1, p. 31-46. 2011a.

_____ **e-Urbano:** a forma material do eletrônico no urbano. In. DIAS, Cristiane. E-urbano: Sentidos do espaço urbano/digital [online]. Consultada no Portal Labeurb – <<https://goo.gl/54Kf3F>> Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB/Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. 2011b.

_____ **Sujeito, sociedade e tecnologia:** a discursividade da rede (de sentidos). São Paulo, SP: Hucitec, 2012.

_____ **Análise do discurso digital:** sobre o arquivo e a constituição do *corpus*. In: Estudos Linguísticos, São Paulo, 44 (3): p. 972-980, set-dez. 2015a.

_____ **A tecnologia como condição de produção do conhecimento na sociedade contemporânea:** redes, memória e circulação. In. FLORES, Giovanna Benedetto et. al. (orgs.), p. 279-291. Análise de Discurso em rede: cultura e mídia. Campinas: Pontes, 2015b.

_____ **A materialidade digital da mobilidade urbana:** espaço, tecnologia e discurso. In: Línguas e Instrumentos Linguísticos, Campinas, SP: Volume 37, jan-jun. p. 157-175. 2016. Disponível em <<https://goo.gl/2Zi2yd>>.

DIAS, Cristiane; COELHO, André. **V de vinagre**: a produção de imagens humorísticas sobre as manifestações brasileiras de 2013 nas redes sociais. In. PATTI, Ane Ribeiro et. al. (orgs.) *Textecendo discursos na contemporaneidade*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2012.

DIAS, Cristiane; COUTO, Olivia. **As redes sociais na divulgação e formação do sujeito do conhecimento**: compartilhamento e produção através da circulação de ideias. *Linguagem em (Dis) curso*, Tubarão, SC, volume 11, n. 3, p. 631-648, set./dez. 2011. Disponível em: <<https://goo.gl/Q1aRhd>>.

DIONÍSIO, Â. P. **Gêneros multimodais e multiletramento**. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

ORLANDI, Eni. **Discurso e leitura**. São Paulo, 1982.

_____ **A produção da leitura e suas condições**. In: *Leitura: Teoria e Prática*, nº 1, Porto Alegre, RS, 1983.

_____ **Texto e discurso**. In: *Organon. Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*. v. 9, nº 23. 1995a.

_____ **Efeitos do verbal sobre o não verbal**. Rua, nº 1. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1995b.

_____ **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

_____ **Paráfrase e polissemia**: a fluidez nos limites do simbólico. Rua, Campinas, 4:9-19, 1998.

_____ **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas, SP: Pontes, 2001.

_____ **Para uma enciclopédia da cidade.** p. 21-63. Campinas, SP: Pontes, Labeurb/Unicamp, 2003.

_____ **Cidades dos Sentidos.** Campinas, SP: Pontes, 2004.

_____ **Introdução às ciências da linguagem: discurso e textualidade.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2006a.

_____ **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso.** 4ª. edição, 4ª. reimpressão – Campinas, SP: Pontes Editores, 2006b.

_____ **O inteligível, o interpretável e o compreensível.** In: Discurso e Leitura. 8ª. edição. São Paulo, SP, 2008.

_____ **O que é linguística.** Coleção primeiros passos. 2ª. Edição – São Paulo, SP: Brasiliense, 2009.

_____ **Formas de conhecimento, informação e políticas públicas.** In: Animus - revista interamericana de comunicação midiática. Vol. 9, nº 17. 2010.

_____ **A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico.** In: DIAS, Cristiane. Formas de mobilidade no espaço e-urbano: sentido e materialidade digital [online]. Série e-urbano. Vol. 2, 2013, Consultada no Portal Labeurb – <<https://goo.gl/54Kf3F>> Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB/Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2013a.

_____ **A palavra dança e o mundo roda: Polícia!** In: GUIMARÃES, Eduardo (org.) Cidade, Linguagem e Tecnologia. 20 Anos de História. Campinas, SP. Labeurb, 2013b. Disponível em: <<https://goo.gl/QSdNhM>>

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso:** aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 13 ed. Tradução Laura F. A. Sampaio. São Paulo: Loyola, 2006.

NUNES, José Horta. **A divulgação científica no jornal**: ciência e cotidiano. In GUIMARÃES, Eduardo (org.). *Produção e circulação do conhecimento: política, ciência, divulgação, V.II. Campinas*: Pontes, 2003, p. 43-72.

_____ **Leitura de arquivo**: historicidade e compreensão, disponível em <<https://goo.gl/daFjba>>. 2010.

PAVEAU, Marie-Anne. **Linguagem e moral: uma ética das virtudes discursivas**. Trad. Ivone Benedetti. Campinas: Unicamp, 2015.

PEREIRA, Benedito. **A interface gráfica como lugar de constituição subjetiva**. Revista DisSoL – Discurso, Sociedade e Linguagem. Pouso Alegre, ano II, n. 2, out., p. 28-46. 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/arLZqn>>

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.

PINHEIRO, Petrilson Alan. **Construção multimodal de sentidos em um vídeo institucional**: (novos) multiletramentos para a escola, 04/2015, Veredas (UFJF. Impresso), Vol. 19, pp.209-224, Juiz de Fora, MG, BRASIL, 2015

_____ **Web 2.0 e saber-fluxo**: novas questões de letramento digital. Confluência (Rio de Janeiro), v. 37/38, p. 193-213, 2012.

RECUERO, Raquel. **Memes em weblogs**: proposta de uma taxonomia. Revista FAMECOS. Porto Alegre, n.32, abr. 2007.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no Ciberespaço**. O perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

TOLEDO, Gustavo Leal. **Em busca de uma fundamentação para a memética.** Trans/Form/Ação, Marília, v. 36, n. 1, p. 187-210, Jan./Abr. 2013.

_____ **Controvérsias meméticas:** a ciência dos memes e o darwinismo universal em Dawkins, Dennett e Blackmore / Gustavo Leal Toledo; orientador: Oswaldo Chateaubriand Filho. – 2009.

ZAMBONI, Lilian Márcia. **Heterogeneidade e subjetividade no discurso da divulgação científica.** Campinas, 1997. Disponível em: <<https://goo.gl/f1ucGF>>

Anexo I

Figura 9 - Meme May the fourth



Disponível em <https://goo.gl/jNLYnJ>.

Figura 10 - Meme May the F-MA



Disponível em <https://goo.gl/jNLYnJ>.

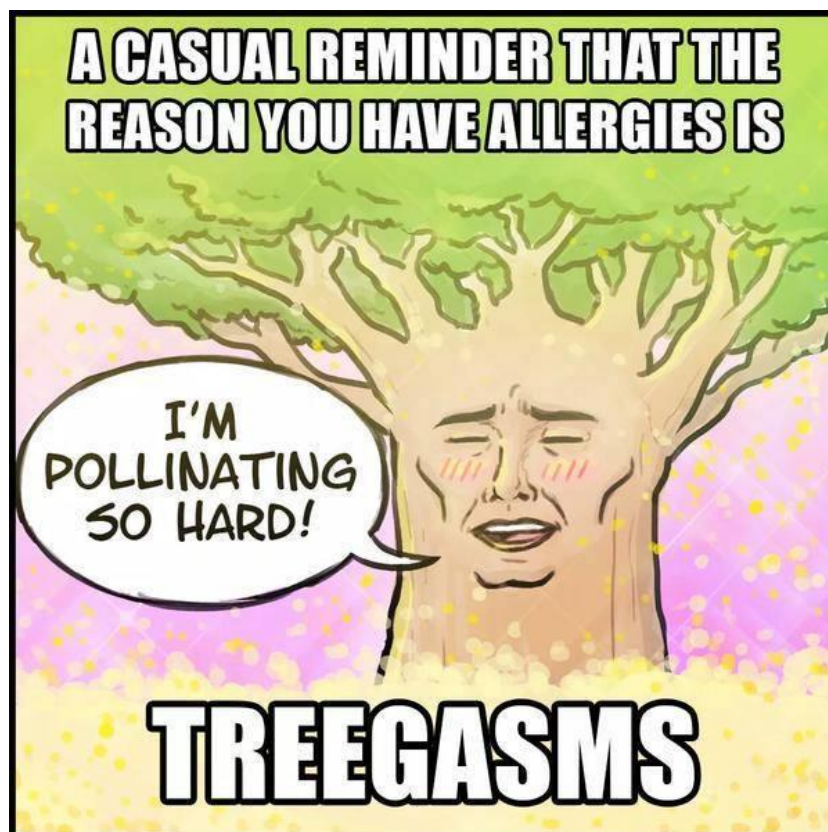
Figura 11 - Meme Tartaruga de chapéu



A 140 year old tortoise wears her 5 day old son as a hat

Disponível em <https://goo.gl/cuUfho>.

Figura 12 - Meme Árvore treegasms



Disponível em <https://goo.gl/HsyG6P>.

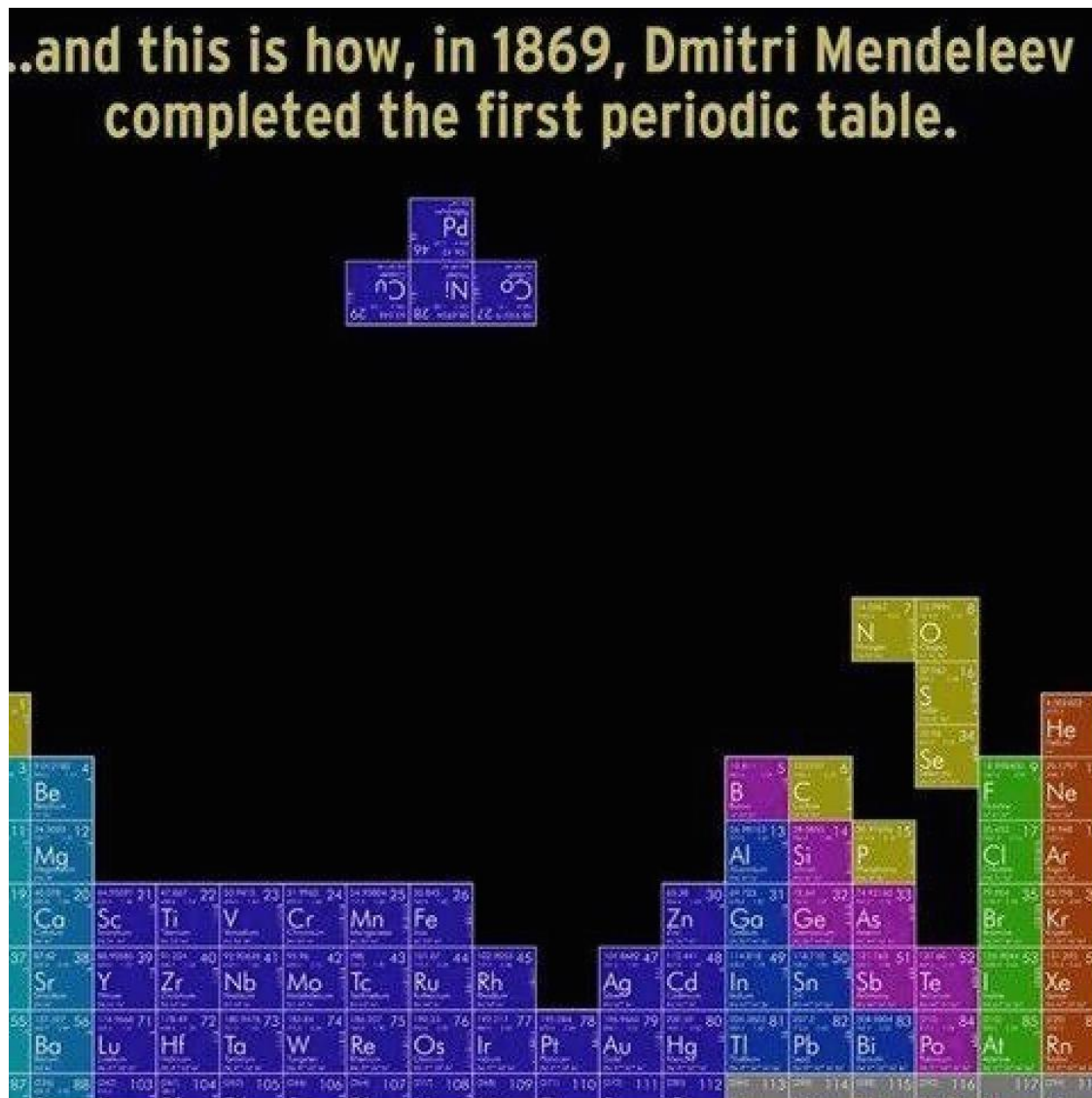
Figura 13 - Crocodilo sorridente



Disponível em <https://goo.gl/Dx1kyD>.

Anexo II

Figura 14 – Meme Tabela periódica



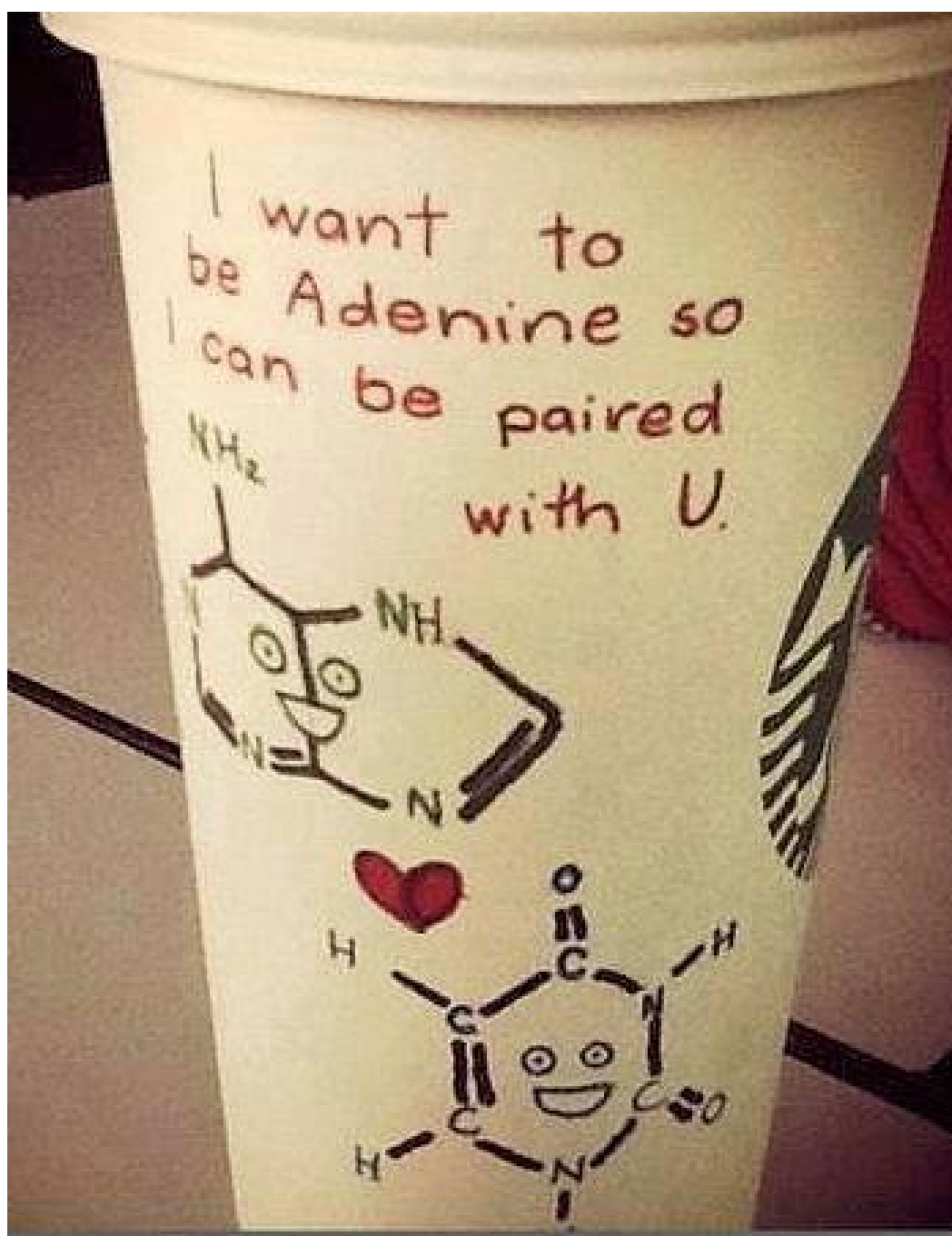
Disponível em <https://goo.gl/r8MNqT>.

Figura 15 – Meme Bones



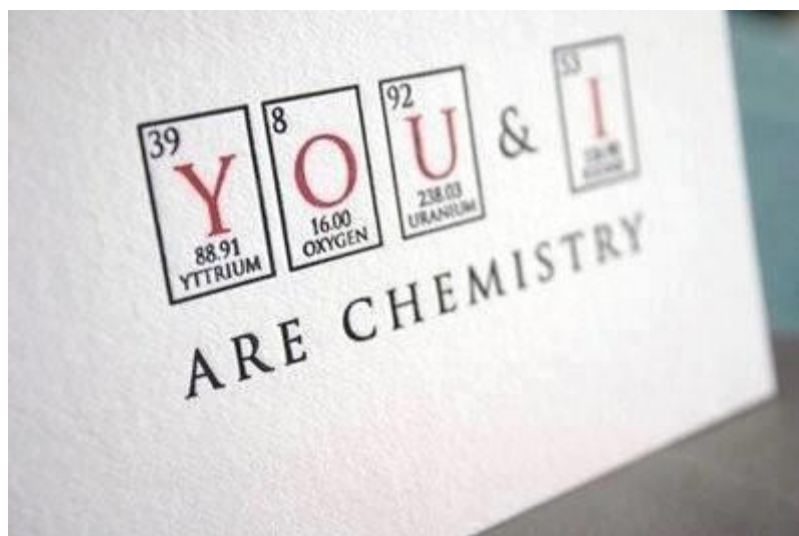
Disponível em <https://goo.gl/gnj958>.

Figura 16 – Meme Starbuds



Disponível em <https://goo.gl/m5jj4k>.

Figura 17 – Meme Chemistry



Disponível em <https://goo.gl/8suJcM>.

Figura 18 – Meme Scientific valentine's



Disponível em <https://goo.gl/WRsrZ5>.